



## REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas

RUA DA ASSEMBLÉA, 62  
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

NOVEMBRO 1907

N. 11

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

### CRONICA



QUE é o que se está passando actualmente na Terra, na sua athmosphera, e, mais além do limile dessa athmosphera, no concerto dos mundos que formam o nosso systema planetario? O nosso pobre planeta está atravessando uma dolorosa crise de soffrimentos e angustias. Succedem-se os terremotos, os cyclones, as cheias dos rios, as erupções vulcanicas. Estes ullimos tres annes leem sido crueis: ha calamidades e catastrophes em ambos os hemispherios,— e ha quem affirme, com gravidade, que desta vez a ruina final é certa: o mundo vaee acabar.

Em um dos ullimos dias deste mez de novembro,— foi no dia 27,—appareceu nas «publicações a pedido» do "Jornal do Commercio" um arliguete que mais parecia uma pagina inedita do Apocalypse de São João Apostolo.

Publicado entre as mofinas, as calilnarias, as reclamações, os annuncios commerciaes e as verrinas polilicas, que diariamente apparecem nessa rendosa secção do "Jornal do Commercio," o arliguete apocalyplico passou despercebido.

O auctor, que tem um nome burguez e banal, é entretanto um homem singular, um illuminado, um propheta, um vidente: tem essa vista penetrante e prodigiosa, que ultrapassa, no espaço e no tempo, o horizonte visual commum, e vaee dar caça á arisca Verdade na selva espessa e negra dos mysterios do Cósmos.

Lêde e relêde este trecho do pequeno arligo:

«Muitas cousas tenho já dito a diversos, mas ninguem me acredita, e todos me suppõem allucinado... Quero fazer uma revelação: a Terra, gyrando sobre si mesma, não apresenta agora a sua primitiva posição em relação ao sol; os seus pólos foram invertidos, sendo o pólo sul o que actualmente se acha mais aproximado ao fóco da luz...»

Muita gente rirá dessas palavras. Eu, porém, não ríó.

A cosmographia sempre foi uma sciencia de poetas e videntes. Os astrônomos descobriram algumas leis, de precisão mathematica e infallivel, segundo as quaes podem determinar a data dos eclipses, a data do reaparecimento dos cometas, a data da passagem de certos planetas pelos discos de outros. Mas ha muitas leis que ainda não foram descobertas. E os astrônomos, com a sua nobre ancia de saber, entram com a fantasia onde não podem entrar com a sciencia. Quem diz astronomia diz poesia; e quem diz poesia diz adivinhação... Vêde só, para exemplo, o caso do amavel Flammarion. Flammarion começou astrônomo, e acabou espirita. Acreditava apenas, a principio, nas claras leis positivas da mecanica celeste: hoje acredita na pluralidade dos mundos habitados, na transmigração das almas, nas reencarnações, na levitação, no fakirismo, no esoterismo, na astrologia, na telepathia...

Muitos astrônomos de nota affirmam que as calamidades de agora são devidas ás manchas do sol. Entre essa theoria e a do propheta dos "a pedido" do "Jornal do Commercio", não sei qual é a mais digna de credito. Fantasia por fantasia, hypothese por hypothese, acho a opinião do vidente mais aceitavel, — porque é a mais graciosa das duas. Haverá cousa mais graciosa do que esta ideia da cambalhota da Terra no espaço, num prodigio de gymnastica, pondo o polo arctico para o meio-dia e o polo antarctico para o septentrião?

O que é certo é que ha alguma cousa... Porque em toda a superficie da Terra estão acontecendo cousas extraordinarias.

Parece, a principio, que o Brazil, por uma concessão especial da Divina Providencia, está fóra do movimento geral.

Não tem havido por aqui terremotos, nem cyclones... Mas nem só no mundo physico se manifestam os effeitos das crises planetarias. E os terremotos, que nos faltam no mundo physico, temol-os de sobra no mundo moral. Não são propriamente terremotos: são "animamotos."

Já este progresso espantoso, que se está aqui desenvolvendo ha cinco annos, é uma cousa sobrenatural. As avenidas, os cursos, as construcções de portos e de estradas de ferro, as embaixadas de expansão economica, os projectos de povoamento e colonisação, a Exposição

Nacional, os palacios, a «Confraria dos moços bonitos», os cinematographos,— não achaes que tudo isso é prodigio, numa terra que passou quatrocentos e dois annos a dormir?

O mesmo propheta dos "a pedido" do "Jornal do Commercio", no mesmo artigo em que nos revelou a cambalhota da Terra, declarou que este progresso nos ha-de ser fatal. Acha elle que estamos trilhando o caminho da perdição. E uma das cousas que mais o apavoram é o projecto do elevador para o Pão de Assucar... Aqui vão as palavras do propheta, na sua pillôresca exactidão; não altero a syntaxe do texto, para lhe não roubar a graça natural: "Tenho lido que se projecta fazer obras sobre o morro do Pão de Assucar, afim de tornar mais agradavel a Exposição, e a este respeito devo informar o seguinte: O morro do Pão de Assucar é um monte sagrado, e santos quasi todos os morros desta cidade. A Nova Jerusalém é a cidade do Rio de Janeiro. Os novos Santos Lugares foram transferidos para Portugal e Brazil. Assim, pois, julgo de toda a prudencia respeitarem-se esses morros, até que o Santo Padre, lendo recebido noticia do "Novo Evangelho Eterno", os abençõe e se entenda com o Governo brasileiro ácerca dos respeitos que devem ser mantidos nesses Santos Lugares".

Felizmente, não será necessaria a intervenção do Santo Padre para impedir a profanação do Santo e Sagrado Pão do Assucar. A ideia da construcção do elevador já foi posta de parte, — não por motivo de respeito religioso, mas por motivo de... economia. E tambem os outros morros da cidade estão sendo respeitados: tão respeitados, que escaparam e escapam á febre de saneamento que se nota cá em baixo; ainda ha poucos dias, fui ao morro de Santo Antonio (um morro santissimo!) e vi lá em cima tantos e tão ignobeis pardieiros, e as ruas tão cheias de cisco e de gatos mortos e de porcos vivos, que cheguei a imaginar que estava, não no centro do Rio de Janeiro e a cavalleiro da nossa Gloriosa Avenida, mas em uma das collinas da mais immunda cidade da Turquia ou da China...

Não corremos, porém, o fio da "Chronica..."

Dizia eu que, se não temos terremotos, temos animamotos, que tambem são effeitos da crise planetaria.

Já imaginastes, já calculastes, já medistes a extensão e a gravidade do animamoto, de que

vae ser causa a lei do sorteio e do serviço militar obrigatorio?

A lei vae ser votada, e será executada. E não é difficil prever com exactidão o abalo que isso vae causar no seio desta população, que sempre teve o horror da mochila e do «pau-furado».

Quando rebentou a guerra do Paraguay (ainda ha por ahi muita gente que o viu e que o conta) o recrutamento, que já nesse tempo tinha o nome euphemico de «voluntariado», espalhou por todo o Brazil, desde o littoral até o seio dos mais remotos sertões, um medo panico indescriptivel. Matutos houve, que, sahindo das povoações do Rio de Janeiro, de São Paulo, e de Minas, foram dar consigo nos mais invios recessos de Goyaz e de Malto-Grosso, varando florestas virgens, levados de roldão pela ventania do terror, e preferindo ir viver com as antas, as onças, as surucucús e os indios ferozes a vestir a farda e a por na cabeça a barretina do voluntariado. Muitos desses matutos, muitissimos, nunca mais voltaram aos centros povoados.

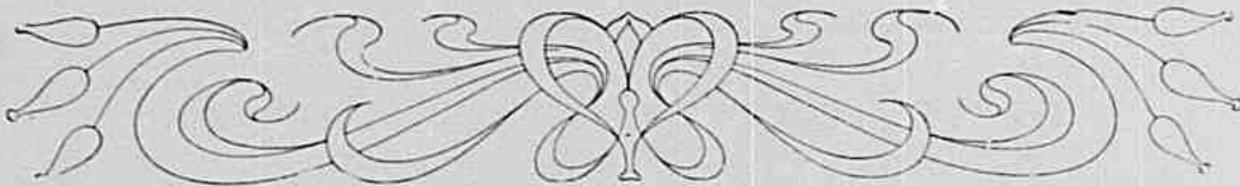
Muitos morreram, conservando sempre na alma o pavor daquelle tragico momento. Alguns ainda devem estar vivos e velhos, segregados do resto da communhão, sem a menor noticia do que se passa por aqui, acreditando talvez que a guerra do Paraguay ainda não acabou.

Esse horror do caipira á farda e á espingarda ainda é hoje o mesmo. No dia em que se começar a pôr em execução a lei do serviço militar obrigatorio, ha-de soprar, nos nossos campos, o mesmo tufão de loucura e medo que soprou em 1865.

Mas, quem sabe? se é verdade, como diz o vidente do "Jornal do Commercio," que a Terra está de pernas para o ar (e nada nos prova que isso não seja verdade),—é possivel que, estando tudo trocado e mudado, a lei seja muito bem aceita, e que o povo brasileiro seja hoje um povo bellicosissimo, — tão bellicoso como os antigos Scythas e Parthas.

Tudo é possivel . . .

O. B.



# A LANÇA

JÁ o exercito inglez baniu rudemente dos quartéis para os museus, ao que se dizia nos jornaes, a velha e forte lança da idade heroica do mundo. Eil-a assim destinada a figurar numa lustrosa panoplia do Kensington Museum, ao lado das armas inuteis com que os homens não mais se desafiam nem se dilaceram. E outro valor não terá, daqui por deante, senão o valor decorativo do arco de um saggitario romano ou do yatagan de um mouro trespassado ás portas de Alhambra.

Longe do Sol que esplendidamente a corroava de raios, quando ia por toda a Europa um tilintar de espadas furiosas que se desembainhavam ás pressas, em defeza da Cruz, ella despede agora na penumbra das galerias onde se amontôam reliquias de extinctas civilizações o derradeiro lampejo. E corroida, embaciada pelo Tempo, já imprestavel para a febre de um assalto ou para o vigor de uma resistencia, a lança orgulhosa do rei Arthur será dentro de curtos annos, entre as mãos dos seus descendentes, uma curiosidade historica pela qual se reconstituirão os barbaros costumes de estados primitivos, á maneira da flecha dos indíos ou da clava dos hunos.

Todos os poemas onde vibra, indomada ou enterneçada, a alma guerreira ou mystica dos povos, todas as chronicas immemoriaes que os homens recolheram dentre os escombros de vastos imperios desmoronados, todas as invocações que resoaram pela abobada dos templos nas vespersas de grandes batalhas ou de altas empresas, vem consagrando atravez dos cyclos de oiro ou de ferro a arma symbolica e refulgente, que tantos golpes vibrou, que tantas hostes venceu, e a cuja nobreza authentica, de insondavel antiguidade, preferimos com a Inglaterra e com o Progresso a tecla do gatilho de uma carabina Winchester.

Para esclarecer e documentar essa antiguidade, não seja revolvido o lixo de erudição dos bibliophilos, nem desmanchada a ordem severa e perfeita dos alfarrabios indestructiveis... enquanto não os destróe a voracidade das traças irreverentes.

Basta um simples olhar aos mais afastados horisontes da Civilização, ás eminencias que o nevoeiro e a distancia tornaram quasi invisiveis á nossa curiosidade, em todos os seus contornos e accidentes.

No topo das serras onde as primeiras hordas acampam, entre fogos esparsos, já uma lança rebrilha, aqui, além, ao clarão das estrellas; outras se agitam depois, lentamente, no cimo das torres solitarias que espiam e domi-

nam a planicie vagueada de rebanhos; outras perpassam num fulgor de couraças e arnezes gottejantes de sangue; e ora scintillam adornadas de galhardetes na magnificencia dos sequitos, ora em assedios e pelejas se quebram, retinindo, de encontro ás rijas cotas de malha. Desde seculos, com effeito, é na ponta das lanças que se cruzam todos os raios da colera humana. A propria catapulta, derruindo baluartes e arrasando cidades, não atemorisa tanto os corações com o seu fragor de procella a desencadear-se por sobre um oceano encapellado e ennegrecido. Nem settas voando de arcos retesos, nem pedras chovendo de fundas que volteiam nos ares, levam esse terrivel impeto da lança furiosamente vibrada, ao galope dos corceis offegantes, contra o inimigo dizimado ou espavorido. Se uma hoste accelera o passo, entre archotes e alabardas, soffrega por dividir ou tributar um reino, ella a precede e commanda. Se o cortejo de Salomão desfralda as bandeiras e embocca as tubas de prata, ao amanhecer, vae logo adeante a lança, refulgindo na pompa da alvorada, elevando acima de Jerusalem, formosa e bemdita entre as cidades, a gloria do soberano que a estonteia e deslumbra. O faiscar de uma lança é portanto, nessas manhãs côr de oiro ou nessas tardes côr de rosa do Levante, um aviso de festa ou de morte. E o olhar das sentinellas, ao vislumbra-lo, incertamente se alonga pelos caminhos onde rolarão em breve as machinas de guerra com estrepito ou desfilará num esplendor de corôas e purpuras a caravana dos reis em viagem.

Penetramos a *Odyssea* ou a *Iliada*: todo um espesso mattagal de lanças nos rodeia, mas deste circulo de ferro é que a alma hellenica surge e revôa, na plenitude alacre dos seus dons, louvando os impetos da Força e os rythmos da Graça. Em cada pagina da Biblia ha um estridor de combates e aqui tambem a arma symbolica refulge, desbaratando os philisteus, impellindo os exercitos, sustendo a arca oscillante no tumulto das refregas. Ah! de certo é a mesma lança aguçada para os supplicios que leva a esponja de fel aos sequiosos labios de Jesus moribundo e lhe trespassa o flanco arroxeadado e dolorido, mas atravez da Edade Media, voltando ao serviço de Deus, magnificamente se rehabilita e se illustra deante da christandade, pois que aos seus golpes os herejes vão remorder o pó, no desespero da agonia, e a sombra immensa da Cruz se alarga á face da terra, purificando-a de todas as velhas nodoas do Peccado original.

Emfim, quando o barbaro unguido pela Egreja se acastella nos dominios feudaes, e ali consegue desprender-se a pouco e pouco da aspera crosta de senhor da gleba para envregar o gibão formoso de cavalleiro andante; inscrever no concavo do escudo o nome da

sua dama; emplumar-se de côres primaveris, de côres nupciaes, de todas as côres da Alegria e da Mocidade; ir pelo mundo afóra, como um illuminado, brandindo a lança temivel contra moinhos e phantasmas, tão impavida e orgulhosa ella refulge, com o seu novo prestigio de aventura e de galanteria, que só em presença da Belleza se inclina. Diaphanas mãos de princezas a enfeitam; sagradas mãos de pontifices a abençoam. Ella reluz no alto, soberanamente, e acima das torpezas do mundo a sustenta o casto heroismo dos paladinos. E' a libertadora das infantas vigiadas pelos dragões da lenda, a companheira dos bravos, a esperança dos fracos, a senhora invicta da terra que ella domina e defende. Mas o sol radioso do periodo da cavallaria vae desaparecer entre a fumaça dos mosquetes inglezes na batalha de Azincourt. Tres seculos depois, não é a cortante lingua de aço das espadas, é a temerosa bocca de fogo dos canhões que dicta leis aos homens attonitos ou inermes. A artilharia triumphava nos desfiladeiros abruptos, nas fortalezas inexpugnaveis, nos proprios mares tempestuosos. E se a lança ainda rebrilha, por vezes, adeante de um exercito em marcha, ao som estridulo dos clarins, que vale em 1870 o seu arremesso contra a descarga tonitruante de cem baterias allemães rigidamente enfileiradas nas alturas de Sedan?

Por isso o fleugmatico e ponderoso John Bull, depois do Transwaal, do Thibet e de outras memoraveis façanhas, deliberou suspender-a numa secção de armas antigas do Kensington Museum, condemnando-a para todo o sempre á immobilidade. Ahi permanecerá installada mediocrementemente, enquanto o planeta gyrar no seu eixo e o sol nos aquecer com os seus raios, a lança heroica dos cruzados de Godofredo de Bouillon e dos cavalleiros da Tavola Redonda. Bem poderia a humanidade rejubilar, abençoando a Inglaterra, se á maneira da lança as outras armas, prehistoricas e coevas, desde o machado de silex á metralhadora aberta em leque, fossem recolhidas amorosamente ás envidraçadas galerias dos museus onde se accumula o thesouro dos archeologos. Mas o seculo da radiographia e da aeronautica não é ainda, por certo, o da Paz universal — e, mesmo sem fios de arame, as vozes de commando transmittir-se-ão de um polo a outro polo, e hão de se entrecocar os nossos odios até na immensidade azul dos espaços em que os mundos gravitam harmoniosamente, povoados de seres e de sonhos.

CELSE VIEIRA.

## O Palacio dos Doges

### RECORDAÇÕES DE VENEZA

VENEZA para o artista é sempre bella, mas se, por acaso, quem a visita pela primeira vez tem a rara ventura de chegar por terra ás lagunas, em pleno mysterio de uma noite sem lua, Veneza é extraordinaria e fantastica.

A imaginação do visitante prende-se a toda a *lora a grandezza* do seu rutilo passado, e *tutta la Venezia che fu nei secoli della gloria, che fu nel secolo del piacere* revive no mysterio das trevas pela sombria mole dos seus edificios.

Pouco veem os olhos, e esse pouco é sombra, afigura-se um fantasma recordativo, tem mesmo o quer que seja da linguagem muda dos tumulos que, no frio silencio da pedra, guardam a historia inteira de uma longa existencia. Pouco veem os olhos, mas a imaginação penetra a treva, accorda dos tempos idos, do vazio apparente do que não mais vive, lendas e factos, grandezas e decadencias, heroismos e crimes, fantasmas e corpos... E em torno tudo está adormecido. O grito agúdo do gondoleiro, indicando o rumo, esse mesmo, parece o grasno violento de um corvo irritado. E' lugubre. Não ha luz. Em cima, nas fâchas escuras que cobrem os canaes, ponteam estrellas lembrando agudeza de punhaes em riste.

De lado a lado, a treva densa-se, julga-se a compacta, consistente, betuminosa, e procurando varar com os olhos o negrume da noite percebe-se que são muralhas de monumentos, em silencio e escuridão. De uma vez por outra um pharolim soturno surge, tremúla. Pensa-se na busca cautelosa de um crime. A lanterna vem para nós. Ouve-se dois gritos estridentes, ha uma angustia na treva, e passa, deslisa, vò a uma gondola esguia, derramando lagrimas na esteira de seu curso. Seguimol-a um instante. Será um barco que vòga ou um ataúde que foge?... E lembrando Byron, temos desejos, quasi afflictivos, de pedir ao gondoleiro que cante. Cantar por noite alta, na escuridão, é sinistro, impressiona como o desvario dos manicomios; mas, agora, nessa Veneza que parece medieval, a nostalgia exige abalos fortes para a emotividade que a rememoração lentamente aquece.

E a gondola deslisa. O pharolim, na extremidade da pròa altiva, arrebicada e esculpida, illumina, de revez, a cabeça do gondoleiro. Tem uma gorra descahida á orelha, e barbas longas. E só. Ainda nisto o mysterio. Começamos a suspeitar delle...

Mas, aqui e ali, surgem espectros esguios, negros no negrume, impassíveis na immobildade de tudo. Uns retesam-se, outros inclinam-se, às vezes em grupos de tres, quatro; às vezes isolados. Indagamos com o olhar. A luz do pharolim lambe um, de passagem. Comprehendemos: são as amarras das gondolas, as estacas das paradas... E de repente entramos no grande canal, passando sob a ponte de Rialto.

Aqui a treva é diaphana, é um véo transparente que cobre o somno da grande cidade do Adriatico. Respira-se largamente. Os muros

*zeta*, onde emerge da sombra o antigo palacio ducal, como o mausuléo d'uma civilisação.

E então revoltámo-nos contra as trevas da noite, que nos impedem de admirar essa architectura bizarra, semelhante a uma fortaleza, a um tumulto, e ao mesmo tempo a um cofre cinzelado por Cellini! Parece estranho que a triforme impressão reúna idéas incombináveis, mas é assim. . E por não poder admirar-o nesse momento, indignamo-nos contra o lucto nocturno que confunde fórmãs e aspectos em debuxos mal precisos. No em tanto, a noite nos



VENEZA — CANAL GRANDE E PONTE DI RIALTO

vetustos dos velhos palacios detacam-se numa inponencia sobrerreal no vasto céo estrellado.

A gondola esgarça a agua tranquilla, vòa, dir-se-á mesmo que apenas tóca na superficie da laguna, tão rapida vae!

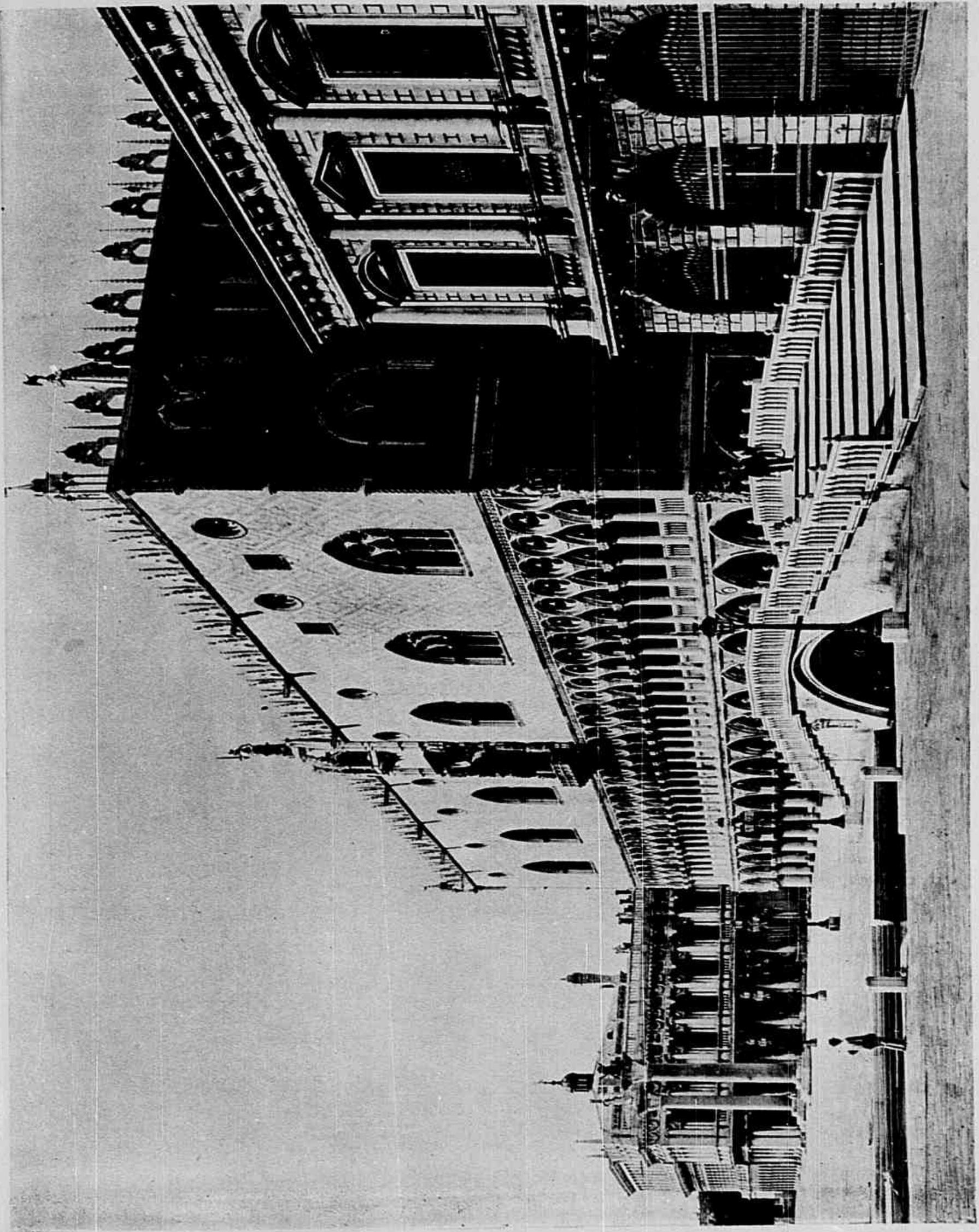
E tudo é um sonho. As moles architectonicas apparecem e desaparecem como sombras. Entrevemos tóros lisos de columnas gregas, torçaes marmoreos de columnas gothicas, capiteis, rosaceas, arcarias de portas, ogivas de janellas, varandins, balcões, lavores de Bysancio e esculpturas da Renascença, o luxo, a riqueza da poderosa republica dos *doges*.

Essa palavra é magica. Recordando-a, volta-se-nos a cabeça, instinctivamente, para a *piáz-*

deu commoções inéditas, nos fez vibrar, palpitar, sentir numa Veneza que foi reconstruida imaginariamente, que já se deluiu nas lendas!...

Chegar á Veneza durante o dia deslumbra; a violencia das suas cores foi o saber do seu inimitavel Paulo das *Bodas de Caná*; vel-a por uma noite de luar, fascina e embriaga docemente a alma, porque ella é e será sempre a cidade romantica, como disse Emilio Castellar; mas entrar nella por deshoras, sob um céo apenas alumiado pelos pequeninos veladores das estrellas, é sentil-a no seu passado longinquo, sem perceber a decadencia das suas maravilhas. . . . .

O palacio ducal!



VENEZIA - PALACIO DUCAL E O CARCERE

E' a nossa primeira exclamativa apenas a luz do dia veiu nos despertar do somno.

Corramos a vel-o.

Aqui o temos deante dos nossos olhos, que o admiram e enamoram. Imagináramol-o assim, na sua grandeza quadrangular, e todo caprichosamente rendilhado. Quem o olha pela primeira vez — e é caso curioso! — observa-o do alto para baixo. O maciço branco e vermelho do seu muro superior domina o conjuncto architectonico, posto que não seja a parte trabalhada da construção. De improviso, dirieis uma fortaleza. A cimalha oriental tem alguma coisa de ameias, de onde se elevam pontas de lanças barbaras, e a estatua colossal que a sobrepuja recorda o grande capitão na vanguarda da sua defesa.

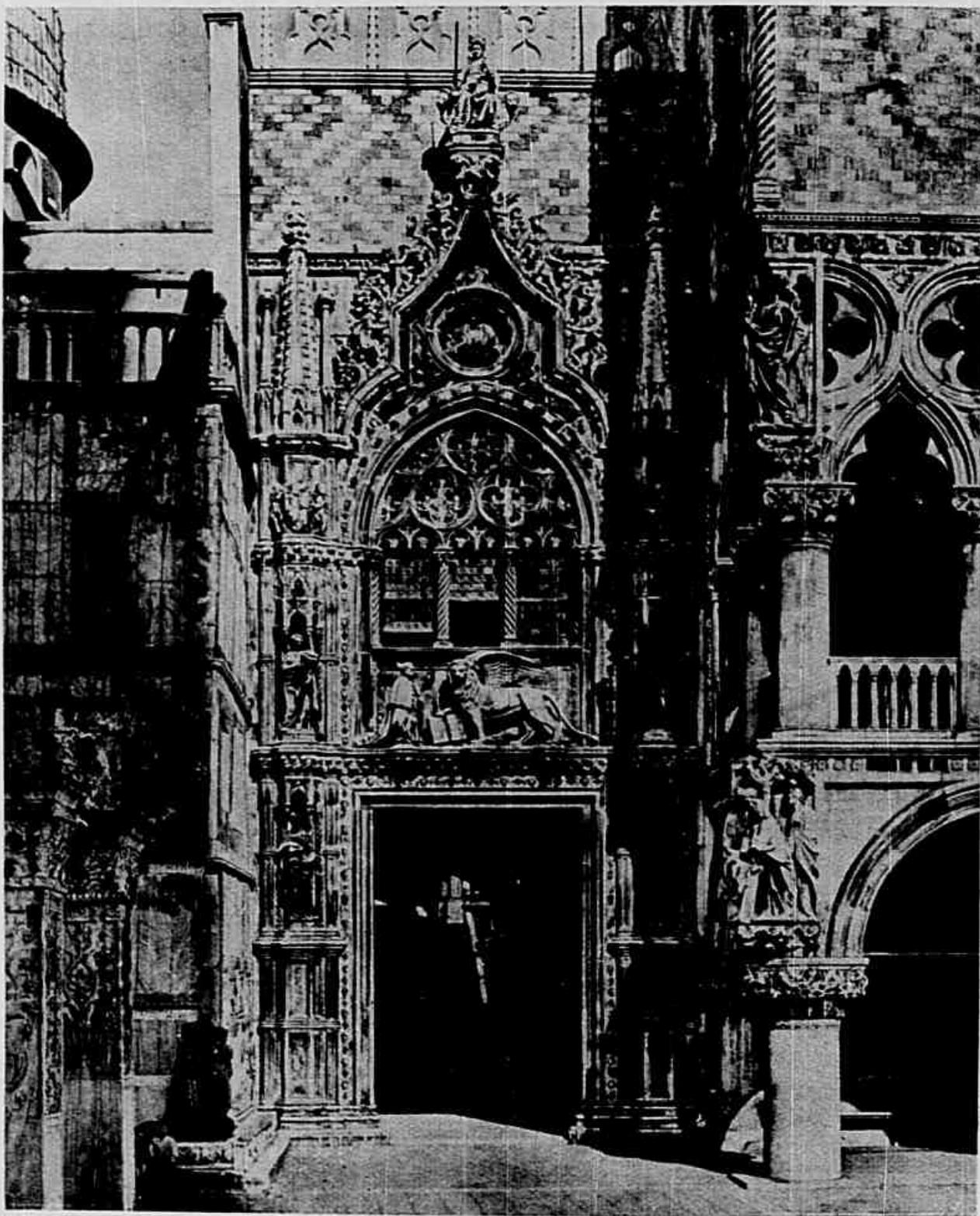
Paramos o olhar ao centro. Ha uma larga janella com balcão. Era dali que a formosa *dogarêssa*, mulher de Marino Foliero, assistia a solemnidade do dia da Ascensão quando seu marido, a bordo do *Bucentauro*, fazia os «esponsaes com o mar.»

Depois, amparando o maciço de marmore, em que se abrem seis janellas gothicas, com arcarias interiores, o duplo corpo de columnas, em que Filippo Calendario, no seculo XIV, por ordem desse mesmo doge Marino Faliero, pôz todo o cuidado do seu engenho, conseguindo harmonisar assombrosamente a riqueza do florejado gothico com o bizarro composito da parte superior.

E' empolgante esse conjuncto de audacia e fantasia. Os fustes da primeira columnada vão admiravelmente bem com a airosa colum-

nada sobreposta, dando-nos a impressão de robustos troncos de que se derivam delgados galhos verticaes, entrelaçados com o mais fino gosto ornamental, porque, de sobre as graciosas columnas, partem rosaceas que servem de suporte ao corpo superior do edificio e de tal arte combinadas que se julga entrelaçamento de volutas!

A obra capital de Calendario, que é este



ENEZA — PALACIO DUCAL — Porta *della Carta*

palacio ducal, não encontra igual no mundo; a sua composição é originalissima, pôde se dizel-a exclusivamente veneziana.

Penetramos no palacio pela sumptuosa *côrte*, ou pateo das estatuas, e dahi, pela *escadaria*

*dos gigantes*, ganhamos a galeria em que está a *scala d'oro*, acesso para o interior do palacio.

Ao principio encontra-se a sala do Grande Conselho, hoje da bibliotheca, na qual os maiores pintores venezianos deixaram traços admiráveis de seus talentos. Na frisa, em derredor da sala, vemos os retratos de sessenta e dois *doges*; ali só um falta, é o de Marino Faliero, a quem Veneza deve este palacio.

Nessa mesma sala funcionou a sinistra *bocca di leone*, o gabinete secreto das denuncias. Ficam-lhe visinhas a sala do Conselho dos Dez e a dos Inquisidores do Estado, em cujos muros se encontra a porta falsa que communica occultamente com os *Piombi* e *Pozzi*, lugares, destinados aos condemnados.

A' sala do Conselho prende-se a traição de que foi victima Francisco Carmagnola, em Abril de 1432.

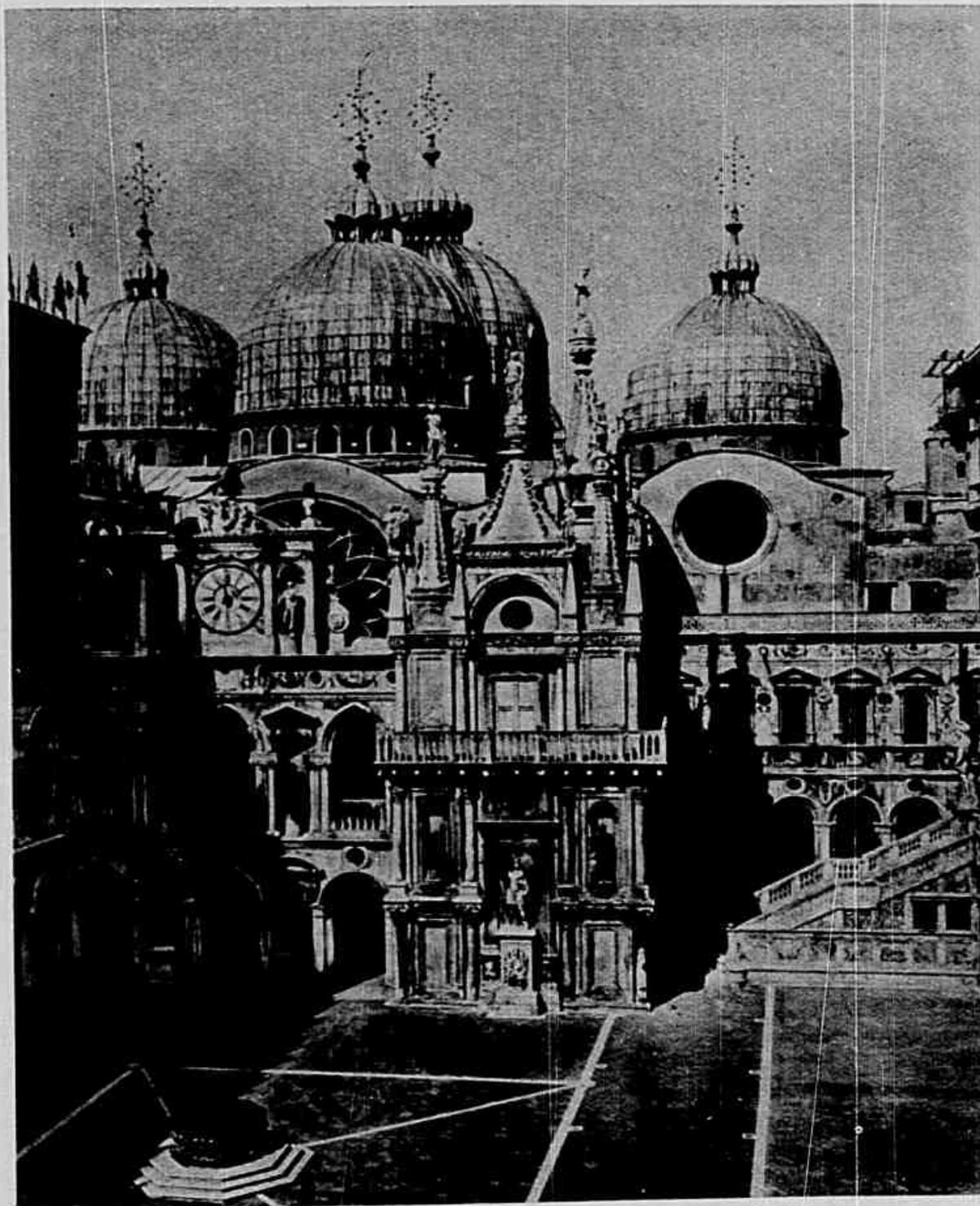
Chamado á Veneza por falazes promessas, e recebido com todas as honras, Carmagnola foi levado á sumptuosa sala do Conselho, afim de presidir a reunião dos nobres que lhe attribuiam intenções conspiradoras. Já tarde, quando a noite os surpreendeu em assemblea, para a qual propositalmente não trouxeram luzes e difficil seria distinguir-se as phisionomias dos senadores, entra na sala um bando de *bravi* que agarra Carmagnola, cobre-o de mãos tratos e o põe á ferros nos subterraneos. Dali sahiu o infeliz, torturado e amordaçado, para entregar a cabeça ao verdugo, em lugar publico. Se recordarmos todas as tragedias que se desenrolaram nessa obra prima da architectura, poderemos fazer volumoso e commovente livro... Mas, afinal de contas, assim é que foi Veneza — *terra de amor e traição*, no dizer do nosso Castro Alves.

De um lado o seu famoso Carnaval, luxoso e tragico; as suas festas navaes, brilhantes e perdularias; a vida faustosa, orientalisada,

riquissima dos pontentados; e a belleza celebre de suas louras mulheres patricias; de outro, o odio, a vingança, a delação, o crime...

E, no em tanto, como é bello, como se contempla e ama este palacio, o maior scenario dos prazeres e das crueldades da poderosa republica dos *doges*!...

ANDRÉ DE RESENDE.



VENEZA — PATEO INTERNO — *Palacio Ducal*

Não é que elle fosse esquecido, isso não. Mas, tendo se unido aos plebeus contra a nobreza para se vingar de um alto senhor que, por dias de carnaval e sob mascara, o offendera em facto relativo á sua formosa mulher, de quem, por ser muito mais velho, tinha ciumes, foi denunciado como conspirador e decapitado. No lugar do retrato existe um quadro negro lembrando o seu crime e o castigo soffrido.

## Canção Slava



Junto á borda oscillante, sobre a larga tolda do vapor, num recanto isolado dos balaustres de pôpa, onde se erguia o camarim do commando e o homem do leme fazia girar vivamente as malaguetas da roda, em meio de continuos balanços, o Jorge olhava tristemente, pela vez derradeira, as fórmãs recortadas e vagas das montanhas da costa, esfumando-se docemente á distancia no azulamento do céu. E, torturado de saudade, o espirito abatido, numa immensa desolação, sob aquelle apartamento cruel que o Destino lhe impozera subitamente, com a costumada possança esmagadora, calado, a cabeça pendida, indifferente a tudo e a todos, como num somnambulismo, esse pobre sonhador ia desfiando lentamente, em silenciosas convulsões de choro que o suffocavam por vezes, a *romanza* enternecedora dos affectos que vicejavam já, em estellar florescencia, á primeira estancia da sua mocidade de ouro.

O crepusculo cahia para os lados da prôa, em vasta faisca purpurea, que se esbatia no alto em cor-de-rosa saudoso. As aguas, ali, nesse limite apparente e longinquo do oceano, dir-se-iam sulcadas de largos *Tuyautés* tremulantes de mica. E lá acima, no zenith do firmamento, as primeiras sombras da noite rolavam já, em todas as direcções, com a sua gaze leve e fluctuante de cinza. Em volta, no convés balouçante, em recantos afastados, alguns passageiros mais rijos, que o enjôo não abatera ainda apesar dos vagalhões, olhavam tambem melancolicamente, numa saudade scismadora, ora o esplendor do occaso rutilante, ora a barra escura da costa, recuando aos poucos, recuando sempre, ao longe...

E o rapaz, isolado e soturno, cada vez mais alheiado de tudo, fixava ainda os lados onde o littoral se afundava, num profundo recolhimento sob o bando das recordações. Em seu cerebro desolado bailavam agora, numa pungencia nostalgica, as queridas visões da sua passada e esvaecida infancia. E nesse embevecimento intimo e nessa idealisada saudade, as angustias daquella separação pareciam adormecer por instantes, como embaladas na doçura ineffavel de um carinho ou de uma benção, no fundo da sua alma sangrando.

Mas a noite descia, muda e lutulenta, envolvendo céu e mar num pó denso de carvão. E o ar todo foi-se cobrindo lentamente de uma myriade esparsa de pontos de ouro flamman-

tes, que riscavam aqui e além de um traço vivo de fogo a cava funda das ondas.

Elle então, debruçado da balaustrada oscillante, ergueu instinctivamente para o alto os seus olhos melancolicos — e quedou-se a contemplar as incomparaveis estrellas, juncando faustosamente o Espaço de pedrarias estranhas.

O seu espirito ficou pairando longo tempo, todo preso ao esplendor sideral, numa mystica abstracção e como invadido de um vago e dulcido sabaismo, quando um cantico soou de repente á prôa, lá em baixo no convés, por entre-vante da tolda — tremulo, suplice e desolado como uma canção de degredo, ou um gemer arrastado e oppresso de almas anhelantes, aspirando anciosamente por um brado de justiça e de libertação.

Eram os immigrants slavos cantando em coro uma dessas canções nevoentas e saudosas, cheias de uma idealidade affectiva, das suas terras brancas do Norte. Saturados ainda da tristeza e solidão da vasta travessia atlantica, a alma varada de nostalgia, na recordação excruciante e perenne da Patria distante, expandiam-se resignadamente, deixando voar para o Azul, para as constellações, numa chorada melopéa rhythmica, a sua ancia de exilados, que se fundia por vezes desoladoramente, em sonoros smorzandos, com a plangente symphonia dos cabos e o ciciar funerario do vento nas vergas.

Arracando subitamente assim ao extasis da sua tristeza e do seu sonho rolando pelas estrellas, baixou os olhos docemente sobre aquella massa fervilhante de gente, apertada entre as amuradas de proa como um humilde rebanho, de onde se erguia aquelle canto gemente que reavivava em seu peito as puadas finas da dor.

A noite, em redór, tornara-se mais densa na sua negrura de tinta, enquanto no alto as gottas de ouro dos astros radiavam, mais vividas e tremulas. O mar todo tinha a sumptuosidade sinistra de um immenso sudario, de um sudario para amortalhar um Encélado ou um Atlante, estendendo-se cheio de infinitos rendados d'espuma e de dóbras movediças que ondulavam, aqui e além, recamadas de listrões de ardentias e de um vago reluzir de lentejoulas.

Emtanto o canto cessara como gemidos solitarios que se perdem sem despertar sequer um só écho de amor ou compaixão — e tudo recahiu no murmurio flébil das ondas e nos rumores esparsos do vapor, singrando vigorosamente ao seu rumo, contra a aragem do largo, que augmentava de symphonia gemente.

No horisonte, a leste, vinha apontando agora uma tenue barra de claridade láctea que vestia as aguas, ao longe, de vastas placas argêntas. E d'ahi a instantes a lua surgia maravilhosamente, cobrindo a amplidão com o seu infindo e nebuloso velario de tulle.

Então á proa, junto ao castello, na amurada de bombordo, onde o luar batia em cheio uma figura esguia e branca de mulher ergueuse do meio da massa negra fervilhante dos immigrants slavos — e uma vóz suavissima abriu vô na noite, num rhythmo lento e balançado, como um fio de melodia saudosa.

Era uma dessas canções gemedoras de terras ruraes num platô do Kherson, onde o homem se bate com o sólo, ao vento e á chuva, ao calor e á neve, numa labuta constante. Os versos diziam, na sua cadencia vagarosa e languida, o custoso revolver da terra ao clarear das manhãs, o sulcar das charruas para as primeiras plantações, a capinação incessante dos terrenos gramosos, o verdejar alegre das plantas, o crescer florescente das hastes, o amadurecer das espigas, o amoroso cantar das ceifeiras e o reluzir colorido e profuzo dos grãos, em montões alterosos, no meio da palha fofa. E o estribilho, constante e sonoro, gemia assim, mansamente, tristemente:

Oh! campos, verdes e ermos,  
Dáe-nos a flor e o pão:  
O pão — p'r'o nosso sustento,  
A flor — para o coração.

E toda essa vida rustica da Russia com as alegrias, as tristezas, as esperanças e ancias dos pobres *mojiks* louros.

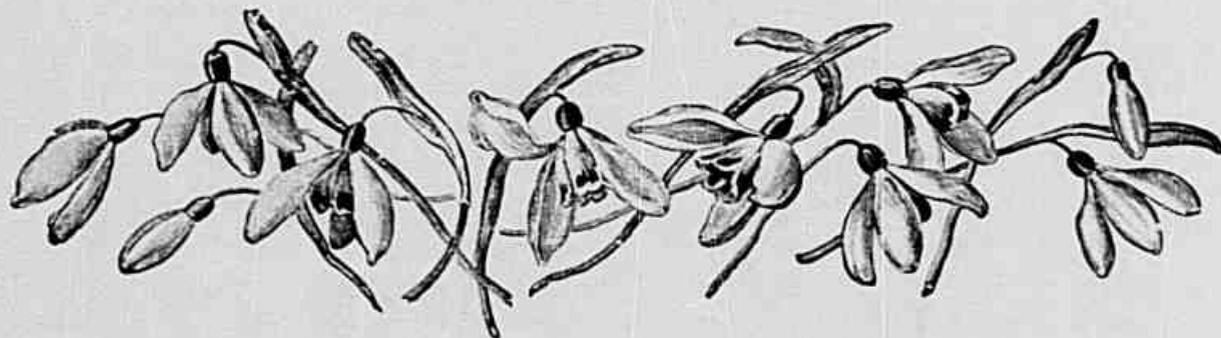
De principio a fim as estrophes cantantes da poesia davam a emoção psychologica, o esquisso limpido e gracioso de um idyllio de campo, na amplidão rasa e fria de uma stéppe sem termo, ao badalar plangente do *Angelus*, numa torre de campanario longinquo, á margem de um rio espelhante, onde dois formosos adolescentes se enlaçassem e beijassem enternecidamente, num último adeus de colheita acabada, sob um poente de sangue...

Todos, á ré, já haviam adormecido no silencio das *cabines*, á somnolencia das altas horas de bordo, em meio aos continuos balanços.

Mas, sósinho sobre a tolda, o rapaz enlevava-se, lembrando os seu amores passados na sua aldeia distante, embalado espiritualmente pelo som evocador e bemdicto da campesina canção.

E a rapariga slava, magnifica ao luar, numa alvura de Visão, de pé junto á borda, apoiada ás enxárcias, o bello rosto de opála voltado para o céu, como num embevecimento, soltava ao vento e ás ondas, apaixonadamente, as notas deliciosas daquella balada branca...

VIRGILIO VARZEA.



# O Sanatorio Militar



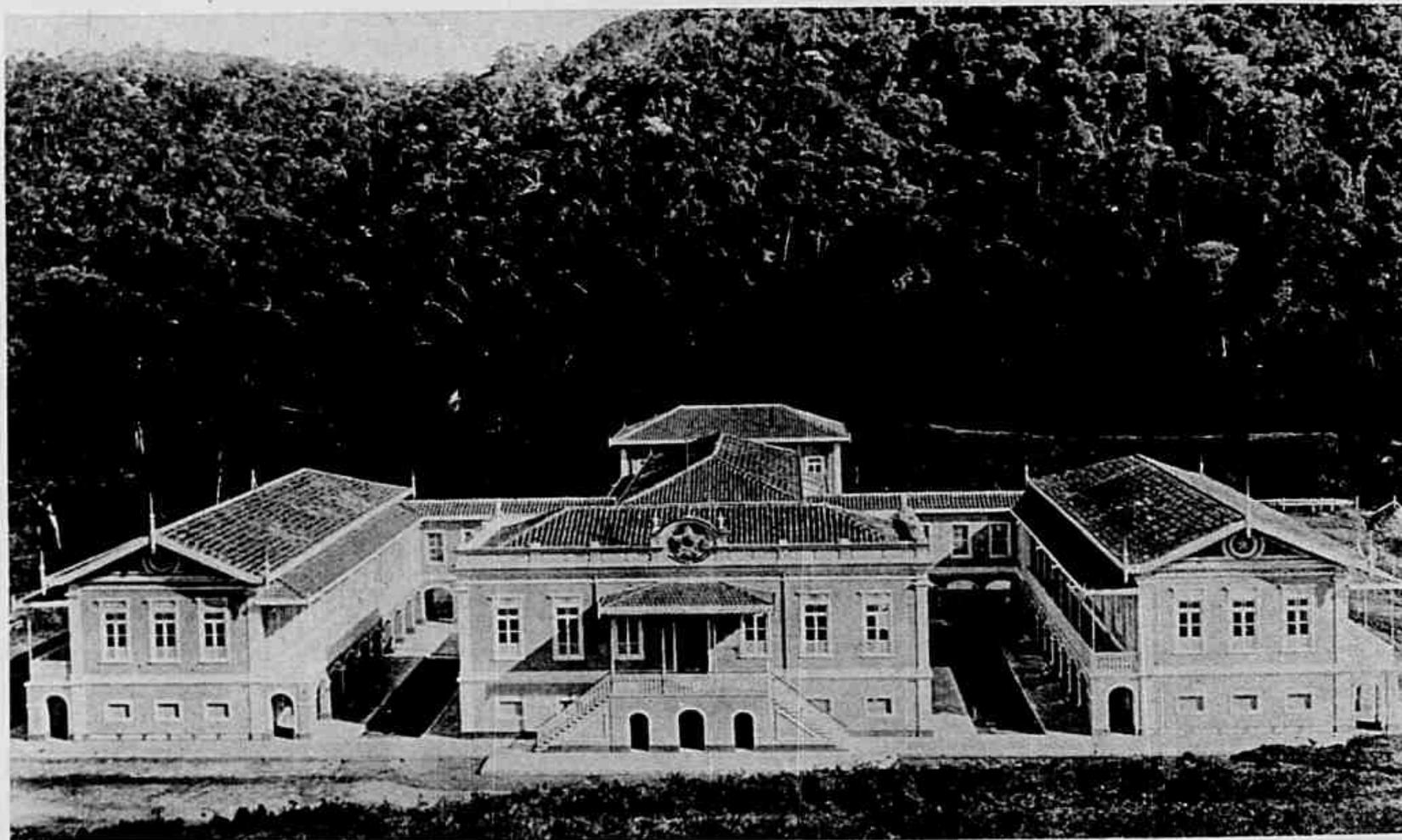
A' PRIMEIRA vista, tomadas as cousas na superficialidade enganadora da sua apparencia, parece, não ha duvida, altamente desacertada a criação de um sanatorio, com o fim especial do tratamento da tuberculose, por iniciativa do nosso departamento da guerra; mas ponderados os factos com o espirito affastado de falsos preconceitos, a questão reveste feição bem diversa, attenuando-se em medida muito apreciavel o caracter desarrazoado que reveste.

As forças armadas constituem ao presente, entre nós, o unico aggrupamento social verda-

sica precaria ou duvidosa. Não é difficil de concluir que os casos do terrivel morbus, dados posteriormente, sejam contrahidos durante a permanencia no serviço e talvez, na grande maioria, por effeito delle.

Limitados a essas circumstancias, para não nos alongarmos no esmerilhamento de outras, não se poderia, convictamente, nomear caridoso, e muito menos humano, o procedimento aconselhado por muita gente de agarrar o soldado assim infelecitado e atiral-o no meio da rua, invalido, incapaz de provêr por si só a sua subsistencia, exactamente na occasião em que mais reclama elle agazalho e conforto para alcançar o seu restabelecimento ou minorar o termo da sua existencia.

Dir-se-ha, com a inconsistencia da palavra fallada, que essa protecção comprehende funcção de ordem inteiramente civil, donde a consequencia de que o individuo em semelhante



SANATORIO MILITAR—VISTA GERAL (Frente)

deiramente hierarchisado, o unico em que responsaveis directos exercem continua e effectiva vigilancia. E', pois, natural que ahi mais frizante e urgente nascesse a oportunidade de attender á insistencia dos casos de tuberculose que no seu seio se manifestam.

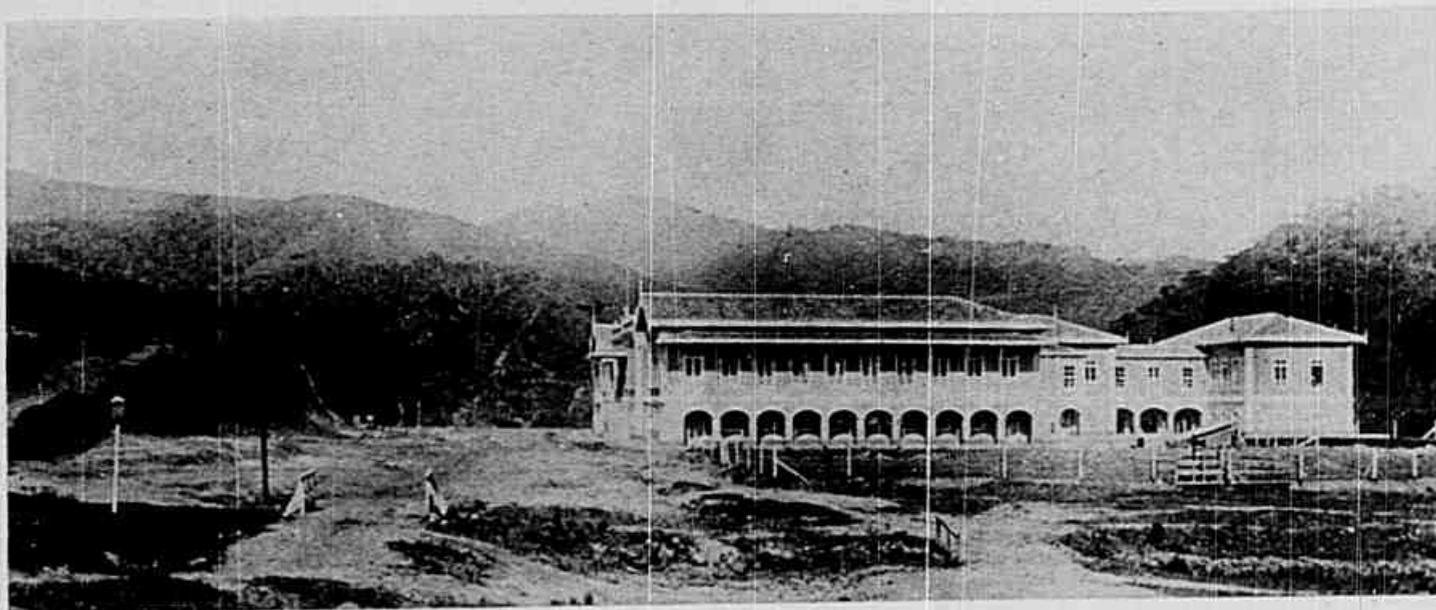
Sabem todos tambem que qualquer individuo, ao alistar-se nas suas fileiras, passa por uma inspecção medica destinada á selecção cuidadosa de todos aquelles de organisação phy-

estado deve ser irremediavelmente retirado do serviço militar, com baixa, e entregue á assistencia das autoridades competentes.

Mas, como todo esse palavriado falla na sua traducção pratica, porque muito distanciados estamos de gozar uma tal organisação, senão excepcionalmente, não se mostra totalmente descabida, nem assombrosa, a iniciativa do ministerio da guerra; e antes poderia resultar de beneficas consequencias, depois de definitiva-

mente praticada, como poderoso incentivo para que alguma cousa mais geral se fizesse no sentido da solução de um assumpto que, pela sua gravidade e proporções, já perdeu o simples aspecto clinico, transformando-se em um

lembrar, entre outras, a fundação pelo ministerio da guerra da antiga Escola Central, hoje Polytechnica, mais tarde entregue ao dominio civil; e ainda a criação do Observatorio Astronomico, instituições essas que prestaram



SANATORIO MILITAR – VISTA LATERAL

problema social com pleno direito á intervenção directa dos poderes publicos; principalmente em se tratando de um paiz da vastidão do nosso, que tem o primordial dever de salvar guardar com carinhosa solicitude a sua escassa

reaes serviços não só á classe militar, como a toda Nação.

Mas – explicada ou não a legitimidade dessa attitude – o que está firmado é que o nosso Sanatorio Militar, de breve inauguração,



SANATORIO MILITAR – ARREDORES

população, por bem da sua prosperidade e grandeza futuras.

Esse facto, no entretanto, não appareceria agora como cousa virgem na nossa historia. Iniciativas analogas apontam-se atraz, bastando

vae servir para a cura do beriberi, fim a que aliás se comportará admiravelmente, como já demonstrou a experiencia; podendo, com o correr do tempo, estender-se, com iguaes resultados, á permanencia temporaria de conva-

lescentes depauperados por molestias de certa gravidade.

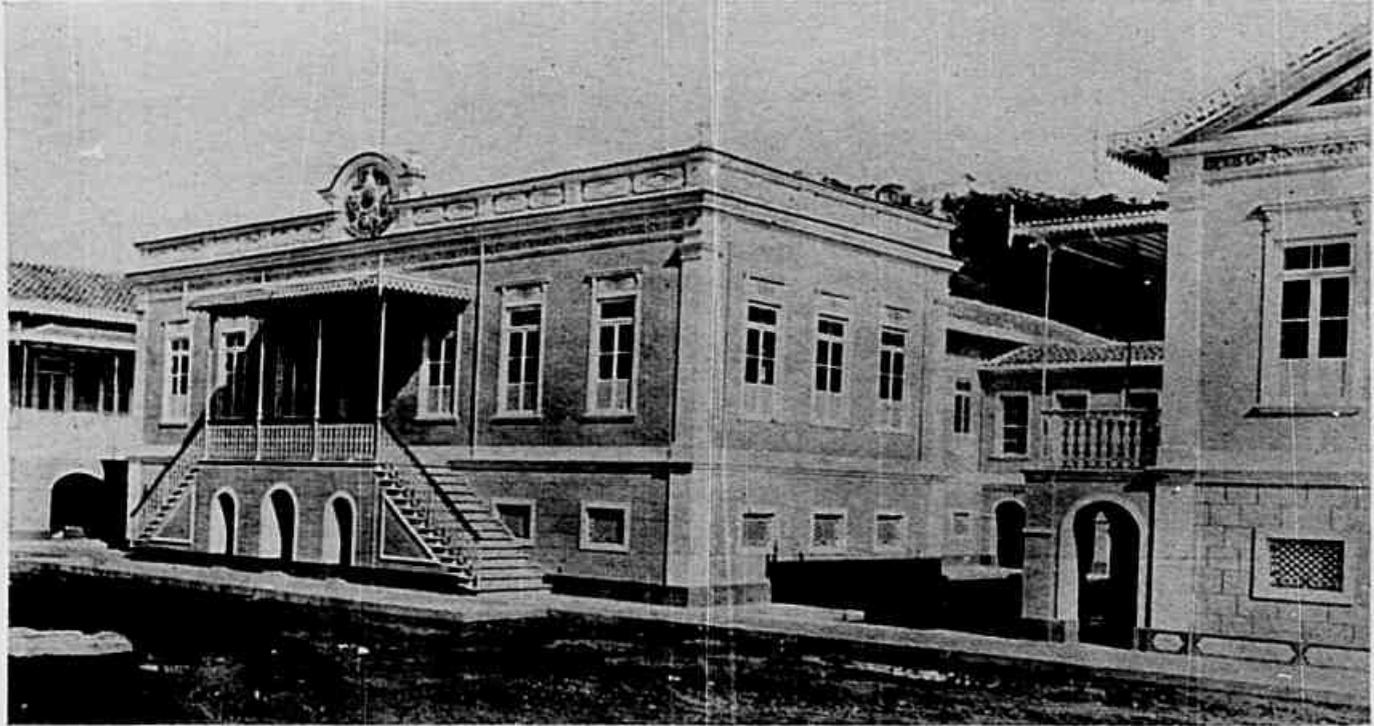
\* \* \*

O Sanatorio Militar acha-se situado na parte norte dos Campos do Jordão, contravertente da serra da Mantiqueira, em territorio mineiro e a kilometro e meio da linha da cumiada da serra, divisa com o estado de São Paulo, por onde se fazem as communicações mais rapidas com o resto do paiz.

A sua attitude alcança 1640 metros, o que lhe proporciona um clima bastante temperado, na acepção rigorosa do termo. Durante a estação invernos, ali bem caracterisada, a columna thermometricos desce, muitas vezes, 4 e

geral, durante o dia, uma temperatura agradável, sem demasiados rigores.

Houve mesmo quem já dissesse, exagerando talvez, mas com algum motivo para justificar o arrojo da comparação, que parece terem transplutado para o centro do Brasil intertro-

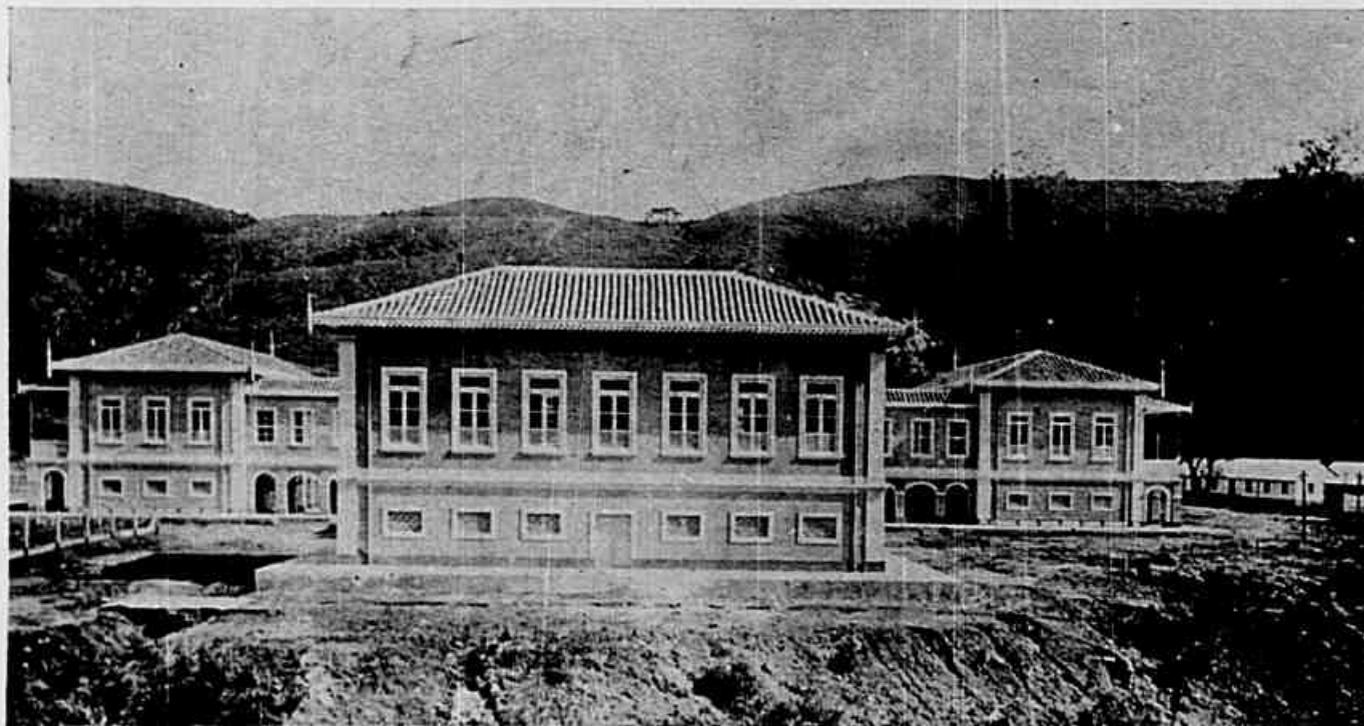


SANATORIO MILITAR – ADMINISTRAÇÃO

pical o melhor pedaço da Suissa – taes as condições de salubridade indicadas pelos mais exigentes hygienistas. São abundantes as nas-

centes e pequenas cascatas existentes em terrenos seus e nos arredores, e donde se apanha agua potavel muito pura, tão saborosa como em parte alguma se encontra.

A sua distancia á povoação mais proxima – a villa do Piquete – é de 14 kilometros, dos quaes oito se desenvolvem



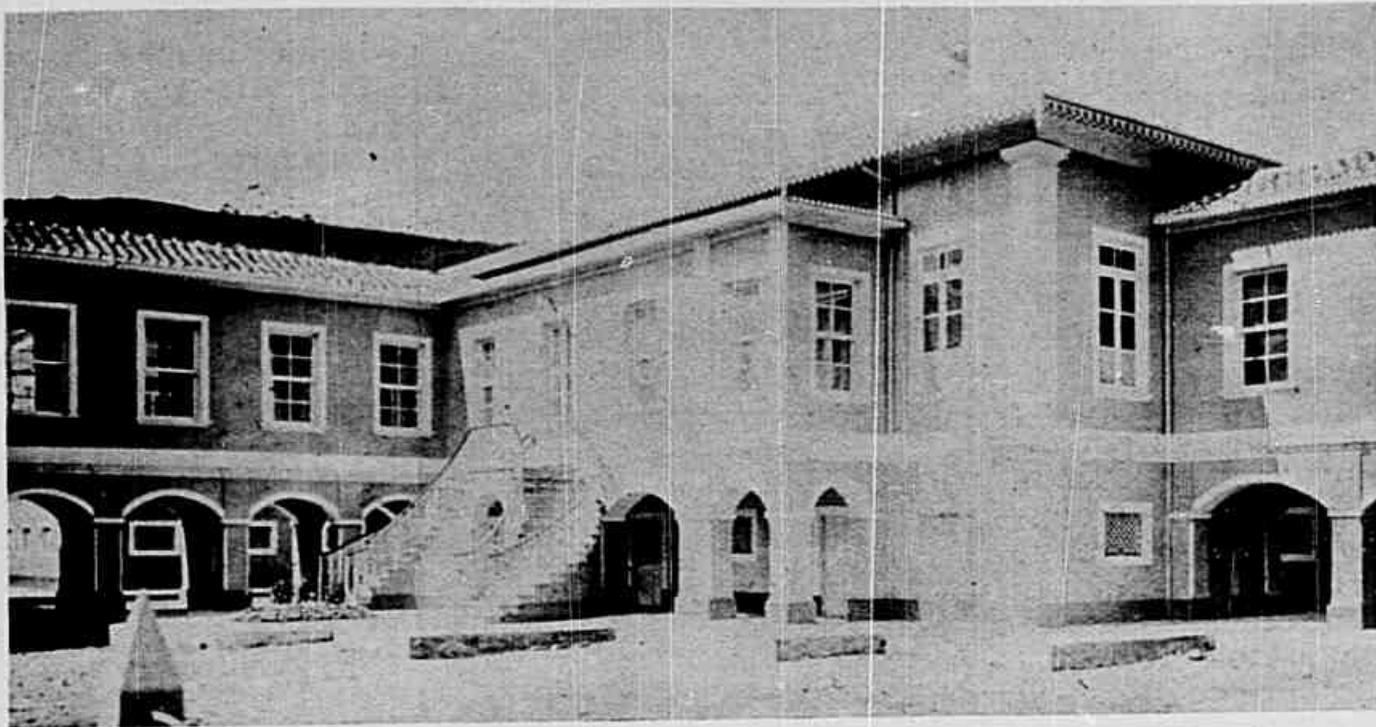
SANATORIO MILITAR – VISTO PELOS FUNDOS

5 grãos abaixo de zero, pela madrugada, occasião em que cahem fortes geadas, promptamente desfeitas ao nascer do sol, reinando, em

em planicie e os restantes em ingreme e tortuosa subida pelo flanco da serra. Piquete se liga á Lorena, cidade paulista á margem da

Estrada de Ferro Central do Brasil, por meio de um ramal ferreo, de maneira que, com os actuaes meios de condução, se gasta na viagem da Capital Federal ao Sanatorio, mais ou

e arrecadações, e á cosinha. Aos lados dispõem-se as duas enfermarias com capacidade para trinta doentes, cada uma, em obediencia á cubagem de ar admittida como sufficiente á



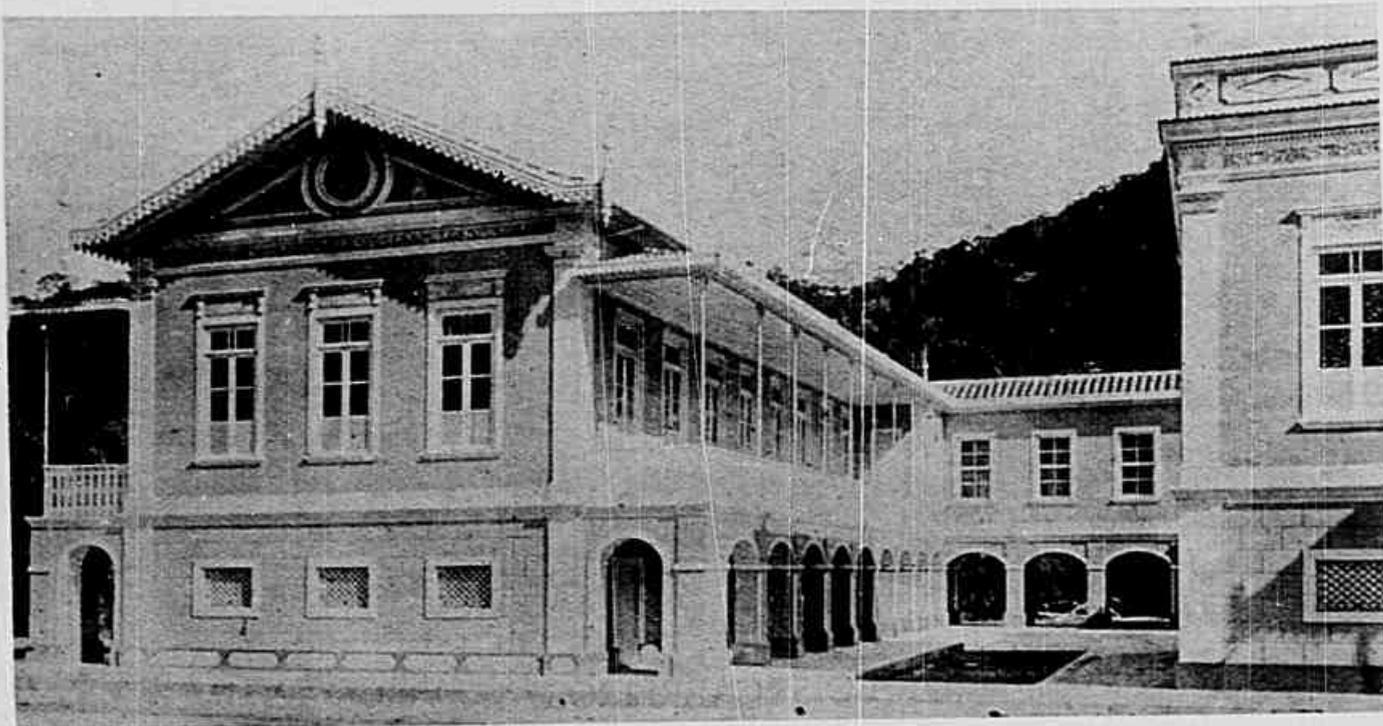
SANATORIO MILITAR — VISTA INTERIOR

menos, dez horas, com duas baldeações, sendo o ultimo trecho percorrido a cavallo.

O estabelecimento está montado com o maximo conforto e compõe-se de cinco edificios

respiração durante o espaço de 24 horas, sem renovação.

Todos os edificios são de dois pavimentos, sendo, porém, sómente habitaveis na parte su-



SANATORIO MILITAR — ENFERMARIA

espaçosos, grupados tres ao centro, em linha, e dois aos lados, como mostram melhor as gravuras que illustram estas ligeiras notas.

As do centro destinam-se á administração geral, pharmacia e laboratorios; ao refeitório

perior, com iluminação electrica e ligados entre si por passadiços cobertos e envidraçados, permitindo, em occasião de máu tempo, a comunicação interna, sob cobertura enxuta e ao abrigo da inelencia exterior.

O serviço de abastecimento d'água para os diversos misteres economicos é completo e abundante.

Emfim, todos os preceitos indicados pela hygiene moderna forão attendidos com o maior apuro, o que já tem sido constatado, francamente, nas visitas feitas por varios medicos, hygienistas e outras pessoas competentes.

\* \* \*

A diaria obrigação de transportar materiaes por estradas irregulares e pessimamente conservadas — trouxe ao nosso espirito a firmeza da affirmação de Affonso Arinos, em seu interessantissimo estudo sobre *tropeiros* e *tropas*, quando diz: — o que se chama emphaticamente a riqueza nacional,



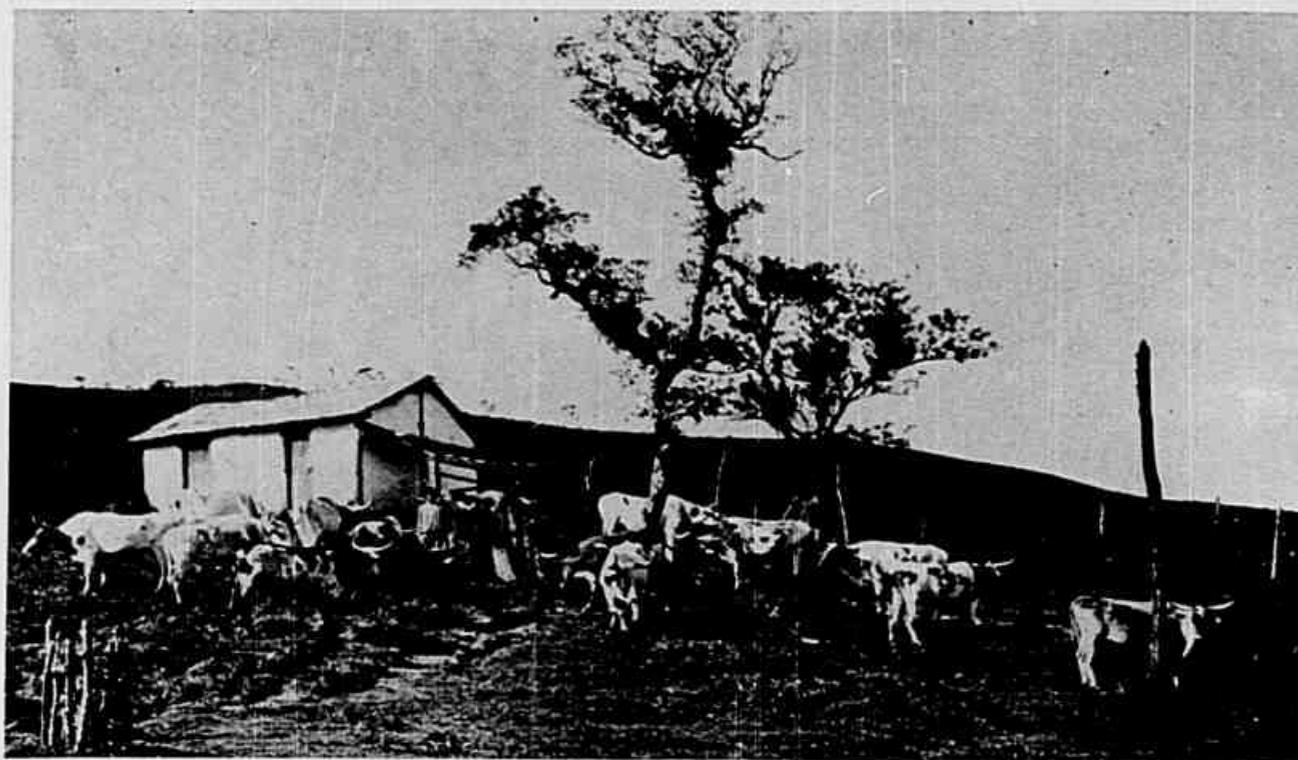
CASCATA DOS TATUS

principalmente no sul, onde é maior, se ergueu, em sua quasi totalidade, ao lombo do burro e no braço do negro — ao que nós accrescentariamos o quinhão que muito legitimamente cabe ao nosso boi carreiro.

Burros e bois, sempre superiores ás difficuldades dos dias aziagos, foram os nossos mais preciosos elementos na manutenção de um serviço regular e ininterrupto de transportes de todo o variado material que reunimos no alto da Mantiqueira, para onde, por enquanto, como infelizmente na maioria das regiões do paiz, as communicações se fazem de modo mais primitivo.

Novembro, 1907.

2º TENENTE TEIXEIRA JUNIOR.



BOIS CARREIROS



# Emboabas

II

**A** LUTA entre paulistas e emboabas com a perda do monopólio das carnes, acirrou-se vivíssima.

Os paulistas, de natural orgulhoso, jactavam-se de possuir o melhor e mais fidalgo sangue da colônia, seus chefes descendendo das melhores famílias já do Reino, já, da Hespanha ou da Flandas. Olhavam com desdenhosa superioridade para os invasores reinóis ou bahianos, que chegavam ás Minas trazendo uma saúde robusta e muitos desejos de enriquecer, o que facilmente conseguiam, amealhando o ouro que arancavam ás entranhas da terra bruta sem estadearem como os descobridores o luzimento, a pompa, o luxo que nas recém-nadas povoações apparecia, principalmente nos festejos religiosos, unicos divertimentos daquelles arredados centros de povoação.

Os ditos affrontosos dos maioraes eram levados á populaça e repetidos pelos apaniguados dos paulistas. E com esses, menos pacientes os novatos, bastas vezes lutas se travavam, proemio dos que por fim largos annos ensanguentaram as terras que a ambição desbravára, de uma riqueza allucinante.

Na Ponta do Morro, na venda de um reinol havia pouco chegado, entraram para beber camaradas de um potentado paulista. E escarninhamente começaram a atirar chufas ao dono da casa e aos emboabas em geral.

Repelliu o novato os insultos, retaliando, e á mingua de argumentos ou em desaggravo a uma resposta mais pesada, os paulistas o extenderam morto, evadindo-se em seguida caminho de S. Paulo.

Tempos depois, no Caethé, a violencia de Jeronymo Pedroso de Barros querendo arrancar das mãos de um reinol uma espingarda que trazia á bandoleira no que foi impedido por Manoel Nunes Vianna em pessoa, quasi inicia a sanguinaria luta. Apasiguaram-se os animos ainda desta vez, sahindo mal ferido o orgulho dos paulistas e augmentando o prestigio do apotestado reinol.

Passados dias, no mesmo arraial do Caethé houve um conflicto entre um reinol e uns mestiços filhos do negociante José Pardo, terminado pelo assassinato daquelle. Os bastardos do paulista, correram para a casa do pae e evadiram-se pelos fundos, fugindo á imminente perseguição. Alvorotou-se a povoação, correndo os emboabas amotinados a dar cerco á casa de

José Pardo, deste exigindo a entrega dos filhos criminosos.

Sahiu á rua o dono da casa buscando innocental-os e no mesmo momento tombou fulminado por um tiro partido do meio da multidão.

Foi esse o rastilho da explosão. O enterro dos dous corpos deu ensejo a demonstrações precursoras de graves acontecimentos por parte dos dous grupos.

Os paulistas, gente costumada ás lutas inspiravam aos emboabas respeito não pequeno. E poi, procuravam estes se agremiar para o commum fortalecimento.

Ahi pelos fins de 170 correu por todos os pontos onde se encontravam emboabas um aterrorador boato.

Os paulistas após successivas reuniões, haviam deliberado reproduzir em Minas e nas pessoas dos forasteiros a acção tragica do Saint Barthélemy; no dia 10 de Janeiro, em todos os povoados, quando os sinos dos campanarios soassem alegremente chamando os fieis á missa, os paulistas bem armados ruiam sobre os seus adversarios, consumando o tremendo massacre.

Aterrados, uniram-se os forasteiros marchando para o Caethé incorporados.

Ahi, nesse pequeno arraial, hoje centro não mais de mineração mas de outras pacificas industrias que deve ao genio apprehendedor e ao clarividente espirito de João Pinheiro, se concentraram os portuguezes ao mando de Manoel da Silva Rios; os bahianos capitaneados por Luiz do Couto e os pernambucanos tendo á frente Agostinho Monteiro de Azevedo. E por uma tarde do mez de Dezembro em que o sol arrancava das armas que brandia toda aquella multidão, reflexos sinistros, por entre a vozear de milhares de boccas foi Manoel Nunes Vianna aclamado Governador das Minas.

\* \*

Unidos em face de um perigo commum — o odio paulista — não eram cordeaes comtudo os sentimentos existentes entre os portuguezes de um lado e os filhos do norte do Brasil. Isso se evidencia mesmo na escolha dos logares que elegiam para o trabalho da mineração. Foi de Luiz do Couto a voz que proclamou Governador das Minas a Nunes Vianna. E percebe-se bem que sendo este o mais poderoso elemento de resistencia por suas largas riquezas, pelo numero de seus escravos e agregados, sendo ainda maior o numero dos reinóis do que dos colonos nacionaes, fosse elle o escolhido para caudilhar o movimento de resistencia aos ataques paulistas. O acerto da escolha se evidenciou na parte administrativa. Os proprios historiadores não podem negar,

embora parciaes, sympathicos aos paulistas, as qualidades reveladas no Governo pelo mercador portuguez. (\*)

Nomeou Vianna Frei Simão de Santa Theza, padre Carmelita da Bahia, secretario Geral do Governo; para commandante das Armas escolheu o reinol Antonio Francisco da Silva antigo soldado da Colonia do Sacramento, dando-lhe o posto de Mestre de Campo, organizando o seu exercito com todos os homens validos que se promptificaram ao servivo — adquirindo armas e munições á custa do seu proprio bolsinho.

Por seu lado os paulistas sabedores dos acontecimentos do Caethé concentraram-se em Sabará, fortificando o arraial de que expulsaram todos os forasteiros. Era esse arraial ponto estrategico de primeira ordem, dotado de largos recursos para uma resistencia tenaz. Nunes Vianna deixando Luiz do Couto no Caethé, marchou á frente dos seus reinóes a conquistá-lo. Cahi de surpresa sobre o arraial, tomando as posições eminentes de modo que á noute poude impunemente fazer das casas do arraial alvo para os seus sagittarios, por meio de flechas cujas pontas levavam estopa inflammada incendiando-as, de sorte a tornar inutil a resistencia dos adversarios.

Desampararam o campo os paulistas que não foram perseguidos. Manuel Nunes Vianna queria evitar derramamento de sangue. Atravessaram os fugitivos o Rio das Velhas e marcharam a juntar-se aos patricios do Pitanguy por todo o sertão e pelo campo alvoroçados todos com as noticias que lhes chegavam da luta que se travava. Depois do combate fez Vianna dar liberdade aos prisioneiros, o que causou grande descontentamento entre os seus.

Ja lavrava então o ciume entre os reinóes e os filhos do paiz.

Com a entrega dos primeiros postos no exercito emboaba a filhos do reino, os nacionaes recnsaram obediencia a estes e isoladamente continuaram a viver, desinteressando-se da luta. D'ahi em diante, pode-se dizer, só ficaram em campo paulistas e reinóes.

Marchou Vianna á conquista do arraial da Cachoeira, fortificado pelos paulistas com mais arte, e defendido não só pelos moradores paulistas como ainda pelos fugitivos de Sabará e contingentes dos proximos povoados. Foi rude a batalha desta vez, encarniçada a defeza como resoluta o ataque — Manoel Nunes Vianna duas vezes ferido mandou por fim tocar a retirada. Um novo contingente de emboabas vindo de

Villa Rica atacou o arraial pela retaguarda nesse momento; acudindo os paulistas, enfraqueceram a linha de defeza e as hostes de Vianna invadiram o arraial. Accurralados, os paulistas se defenderam com heroismo tal que conseguiram, fazendo horrenda carnagem, atirar para além das trincheiras os inimigos. Manoel Nunes ferido, passou o commando a Frei Francisco de Menezes. O frade aproveitando-se das sombras da noite e do cansasso dos paulistas atacou-os inopinadamente, meia noite dada, derrotando-os e conquistando o arraial.

Depois da victoria, conforme precedentemente já praticára fez Manoel Nunes libertar os prisioneiros, delles exigindo o juramento de que não mais tomariam armas contra os emboabas, retirando-se para S. Paulo.

Esse generoso procedimento trouxe novas desavenças ao seio do seu exercito, muitos dos capitães emboabas exigindo o exterminio dos prisioneiros.

Abalou-se com isso o prestigio do novo Governador, e para restabelecel-o frei Francisco de Menezes, convocando o povo e o exercito logo no dia seguinte para agradecerem a Deus a victoria, no meio da Missa sagrou e ungiu Manoel Nunes Vianna entregando-lhe as insignias do Governo e delle exigindo o juramento sagrado de exercitar o poder de conformidade com as leis, defendendo e distribuindo com imparcialidade a justiça. Em seguida prestaram todos juramento de fidelidade ao Governador.

Assim se assegurou novamente o prestigio de Nunes Vianna. — E por ahi se vê a importancia do papel desempenhado pelo astuto Frade Trino nas lutas dos Emboabas.

Desse ponto seguiu o exercito para Ouro Preto onde dominava Paschoal da Silva Guimarães, emulo em riquezas do Governador. Determinou de lá a partida de duas expedições, uma para o Ribeirão do Carmo e outra para mais além, para Guarapiranga.

A do Carmo foi derrotada pelos paulistas sob o commando de Pedro Frazão de Britto.

A do Guarapiranga não teve melhor sorte. Os paulistas sob a chefia do Coronel Raphael da Silva e Souza armaram um emboscada aos emboabas de que poucos conseguiram escapar.

Ao tempo, o arraial da Ponta do Morro estava cercado por um grande troço de paulistas sob o commando de Valentim Pedroso de Barros e Pedro Paes de Barros.

Ambrosio Caldeira Brant que commandava a resistencia mandou pedir soccorros ao Governador. Despachou este mil homens ás ordens do famoso caudilho Bento do Amaral Gurgel Coutinho, homem de ruins instinctos que do Rio de Janeiro se passára ás Minas por via de umas mortes praticadas na Igreja do Campo Grande.

(\*) Manoel Nunes Vianna arrogou a si o Governo e administração da Real Fazenda, em que não houve descaminho, o que é bem glorioso para o mesmo Vianna, do qual não consta que commettesse por si ou por seus confidentes alguma acção prejudicial. Elle regia com igualdade os povos, elle os soccorria com seus cabedaes, elle finalmente pasiguava as contendas.

J. J. Teixeira Coelho. *Instruções para o Governo da Capitania de Minas Geraes*. 1780.

Sabendo os paulistas da vinda de Amaral Coutinho á frente daquelle exercito, desampararam o cerco, retirando-se para S. Paulo. Quando chegaram os emboabas já estava livre o arraial.

Dos paulistas, uns 300 homens ao mando de Gabriel de Góes se haviam atrazado na marcha, sendo alcançados pelas tropas que Amaral Coutinho destacara em sua perseguição sob o commando do Capitão Gonçalo Corço. Embrenharam-se os paulistas n'um capão que havia no meio de vasto descampado, dispondo-se á resistencia. Não ousou ataca-los o Capitão Corço, mandando aviso a Bento do Amaral. Marchou este á frente do seu exercito e investiu contra os paulistas que recolhidos entre as arvores do capão offereceram tenaz e mortifera resistencia. Fatigados e enfraquecidos com as perdas os Emboabas, Amaral resolveu destacar sua tropa em diversos corpos estabelecendo rigoroso cerco ao capão.

No fim de dous dias, sem agua nem mantimentos, enviaram os paulistas um parlamentar propondo a rendição. Aceitou Amaral a proposta e jurou pelo Santissima Trindade que todos teriam a vida salva.

Acreditando no solenne juramento, e confiados alem disso nos generosos precedentes de Vianna, entregaram-se os paulistas. Mal porém teve-os desarmados em seu poder, Bento do Amaral Coutinho incontinentemente fel-os degollar a todos, acto de felonía e ferocidade que espantou os seus proprios soldados e mergulhou Nunes Vianna no mais profundo desespero.

O lugar assignalado por essa hecatombe, (Fevereiro, 1708) ainda hoje é conhecido por Capão da Traição.

### III

Celere, como voam as más noticias, correu a do morticinio horrendo levando o alarma até o Rio de Janeiro, cujo Governador D. Fernando de Mascarenhas jamais se encommodara até então com os acontecimentos que ensanguentavam o territorio de Minas, de sua jurisdição. E em Março de 1709, á frente de uma companhia de Dragões poz-se em marcha para o theatro dos lamentaveis hostilidades entre os subditos d'el-rei seu amo.

Já antes, ciumes entre o elemento nacional que se unira ao reinol para combater os paulistas, e este produzira a defecção dos bahianos e pernambucanos que juntos no Caethé davam largas ao seu descontentamento pelo governo de Manoel Nunes Vianna; além disso, a derrota dos emboabas nas duas investidas ao Carmo e Guarapiranga animára os paulistas, que se faziam fortes em varios pontos, desafiando as forças do Governador intruso. D. Fernando pois, julgou que com as minguidas forças de

que se cercou facilmente poderia dominar o motim, restabelecendo a ordem alterada tão profundamente naquelles dilatados sertões.

Indignado com a nefanda mortandade praticada pelas forças de Amaral Coutinho, seguiu logo e logo para o Rio das Mortes a abrir devassa de que resultou a culpa clara do deshumano caudillo. D'ahi e decidido a prender os principaes culpados, marchou D. Fernando para o Ouro Preto.

Manoel Nunes viu-se perdido. Com elle cahiriam certamente todos os seus amigos e apaniguados que á sombra do seu governo e em virtude mesmo da irregularidade da administração, viviam e enriqueciam na exploração das catas, abandonadas pelos primitivos occupantes.

E' então que se revela o genio machiavelico de Paschoal da Silva. Elle que concorrera com a sua gente, com os seus fartos cabedaes, para entreter uma luta que lhe arredava concurrentes e adversarios, das lavras que possuía riquissimas, é o primeiro a por-se em contacto com o Governador, então a poucas horas de Ouro Preto a Bastilha dos Emboabas.

Apossa-se do animo vacillante, do espirito acanhado do delegado d'el-rei, enreda-o nas malhas subtis de sua cavillação manhosa, mostra-lhe o estado da terra e as forças de que dispunha Manoel Nunes, explica-lhe a necessidade de toda essa gente armada para a defeza dos proprios interesses e das mesmas vidas, faz-lhe protestos de submissão, mas a um tempo pinta-lhe a disposição do povo de reter á força mesmo Manoel Nunes Vianna no governo, confunde enfim o animo do Governador por forma talque no dia seguinte e á simples vista dos milhares de soldados com que o governador intruso marchava ao seu encontro, D. Fernando ás presas se escapa de volta para o Rio, gratissimo ainda ao astuto reinol que o fizera um simples juguete dos seus planos atrevidamente maliciosos.

Data desse acontecimento a decadencia do governo de Manoel Nunes. Fosse pelo temor de uma intervenção mais forte que não teria demora, fosse com o intuito de attrahir as boas graças da coroa, o certo é que como nunca foram fiscalizadas as rendas do Erario Regio.

E mais, ricos como eram os maioraes reinões, reuniram farta somma de ouro que entregaram a Frei Francisco de Menezes, seu delegado especial para defender na Corte os seus creditos de fieis e leaes vassallos, que perigavam por accusações ahi levadas pelos adversarios.

Foi por essa época que desembarcou no Rio Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que vinha succeder a D. Fernando de Mascarenhas no governo. Ainda encontrando no Rio seu antecessor, delle soube todos os

pormenores de que havia mister para fazer idéa dos acontecimentos das Minas.

Ahi veio procural-o o emissario dos Emboabas, já scientes de sua chegada, Frei Miguel do Rosario, seu velho conhecido do governo do Maranhão, que lhe expoz com verdade todo o estado do territorio convulsionado pelas ambições de paulistas e emboabas, e as disposições submissas em que estavam estes, Nunes Vianna á testa, promptos a entregarem o governo ao novo delegado regio.

Albuquerque, certificando-se das boas disposições dos reinões pela confiança que lhe merecia o emissario, partiu para Minas quasi sem comitiva, dirigindo-se ao Caethé. Dahi mandou uma intimação a Manoel Nunes para se lhe apresentar, e reconhecer a sua autoridade.

Acquiesceu o caudilho emboaba, apresando-se em partir para o arraial onde dominavam os filhos do norte do paiz, patricios de Albuquerque, que sem duvida por isso mesmo o escolhera para o primeiro pouso de sua jornada governamental; chegando á presença de Albuquerque, Nunes Vianna prestou-lhe logo homenagem como seu governador, jurando inteira obediencia ás determinações regias. Assim findou esse periodo irregular de governo nas Minas, e com elle a tormentosa era de lutas que só mais tarde devia ter um novo periodo com a revolta de Villa Rica, sanguinosa tragedia que illuminam os rubros clarões do incendio das propriedades de Paschoal da Silva Guimarães, atado por ordem do Conde de Assumar, e a que a tragica execução de Felipe dos Santos dá uma nota horripilante de ferocidade.

Manoel Nunes Vianna foi desterrado para os altos sertões em que ficava a sua fazenda de gado do Jequitahy.

Frei Francisco de Menezes, que graças ao ouro levado para a Corte obtivera o Alvará de indulto de 27 de Novembro de 1709, foi tambem por Albuquerque prohibido de voltar s Minas, como elemento perturbador, inconveniente á tranquillidade d'aquelle territorio.

Bento do Amaral Coutinho andou por muito tempo foragido até que voltando ao Rio de Janeiro, theatro de suas primitivas proezas, foi morto em combate quando se deu a invasão franceza chefiada por Du Guay Trouin, ao oppor-se á occupação das fortalezas da barra por tropas enviadas pelo corsario.

Os factos posteriores á chegada de Albuquerque e submissão dos reinões, não são mais que lutas locaes, travadas entre os paulistas anciosos por vingarem as derrotas soffridas, e vindos em cerradas hostes de S. Paulo, e os emboabas ás ordens de Ambrosio Brant, cujo espirito não se acomodava facilmente ás ameaças que lhe faziam os irrequietos vizinhos. Embora curtas, foram sanguinolentas; mas a prompta intervenção das tropas do Rio enviadas por Albuquerque, poz-lhes fim, e se bem não apagados nunca os odios que explodiam em rixas, foram o termino daquelle sangrento periodo.

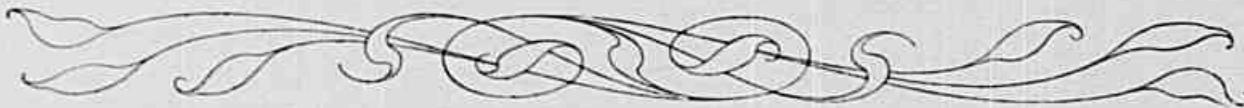
Paschoal da Silva Guimarães foi dos cabeças da luta o unico que mercê de sua habilidosa astucia conseguiu escapar ás suspeitas de Albuquerque.

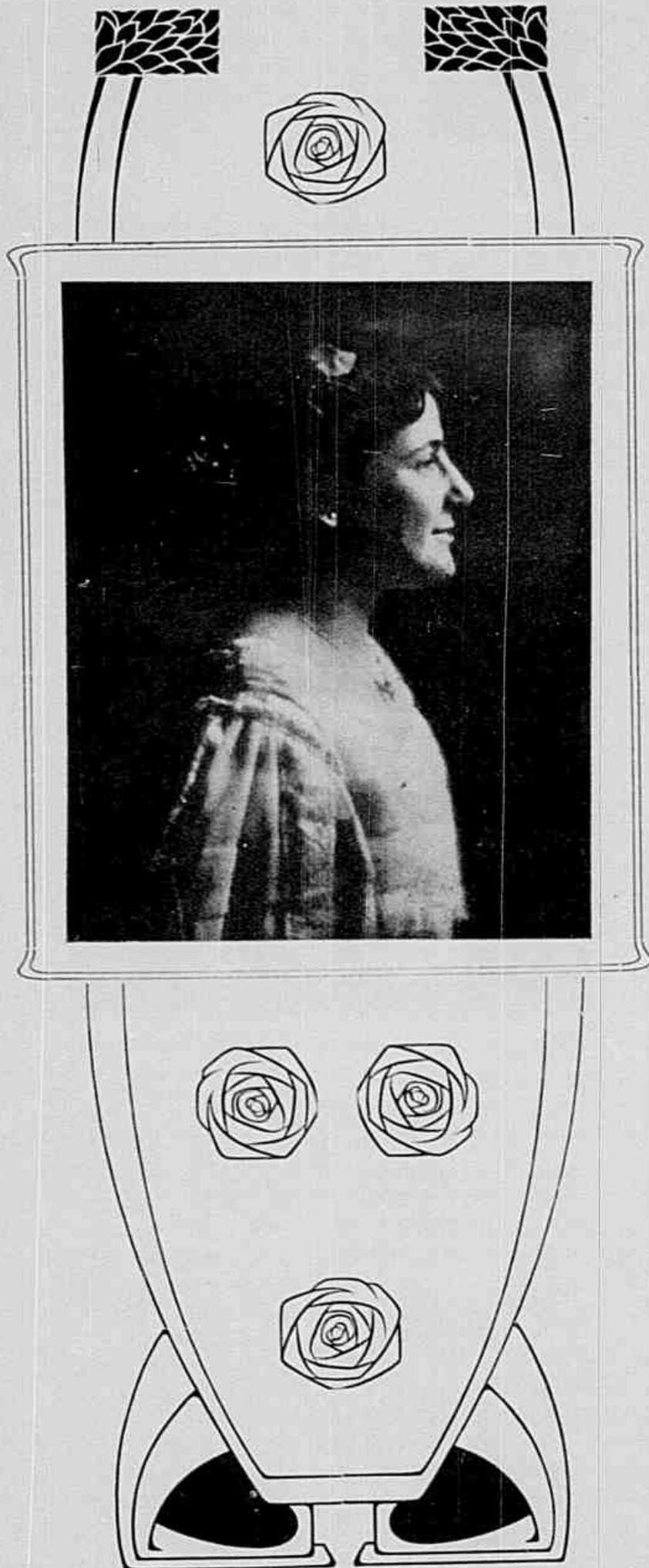
Em 1710 o vemos, quando installada a Capitania, Mestre de Campo dos Auxiliares de Ouro Preto, por nomeação de Antonio de Albuquerque.

Manoel Nuues Vianna, apesar de seu desterro para os sertões, não perdeu comtudo a irrequietação de animo que o elevara ao cargo de governador no meio de sangrentas lutas. Vamos annos depois encontral-o mettido em novas conspirações contra o socego publico, dando razão ao acto de Albuquerque que o expulsára das Minas como elemento perturbador e anarchico, perigoso á boa marcha do governo daquellas terras de vida tão curta e tão cheia de lances sanguinolentos.

MARIO BEHRING.

1907.





## Ballada a Mademoiselle

Leonor Pereira de Mello

A' moda classica, ao sabor  
Da antiga metrica franceza,  
Venha brindar um rimador  
A uma Princeza portugueza.  
Fulgure a pedraria acceza  
Das rimas rutilas do ideal!  
Para eu cantar em Vossa Alteza  
A flôr de lis de Portugal.

Têm Vossos olhos o negror  
Das noites cheias de tristeza...  
E o vivo e cálido esplendor  
Do sol da nossa Natureza.  
A Vossa mão tem com certeza  
O alvor do luar espiritual...  
E' o lirio branco da nobreza  
A flôr de lis de Portugal.

Pagem humilde e Trovador,  
Cumpro, adoravelmente, a empreza  
De cinzelar no verso — a flôr  
Da mais subtil delicadeza:  
A alma cerulea de turqueza,  
De brilho sobrenatural,  
Que symboliza a gentileza,  
A flôr de lis de Portugal!

Offerta

Musa da graça e da belleza  
E de donaire lirial...  
Era uma vez uma Princeza,  
A flôr de lis de Portugal...

Martins Fontes.

Rio de Janeiro, Outubro de 1907.

## A MULHER E A RUA



**E**RA sabado e havia Sol. O ar fresco daquelle fim de Inverno e a gloria sensual daquelle fim de Tarde, de Céu límpo e claro, lavado pelo vigor dos temporais da vespera, convidavam á boemia de passeios vagorosos e á calma de palestras sobre pequenas inutilidades preciosas, que sãõ, ás vezes, o encanto de uma intimidade.

Por todo o longo percurso d'asfalto da Avenida, movia-se um povo de ar alegre e passo firme, comunicado, talvez, pelo bem estar daquelle hora calma, do azul daquelle Céu, da liberdade daquelle Rua larga.

Luiz Gonzaga e eu abancáramos a uma das pequenas mezas de zinco pintado, que modernizam agora, com aspétos civilizados de couza europea, as amplas calçadas d'arabescos da nossa Avenida.

Fizéramos o curso de toda aquella vasta extensão, de mar a mar, a passo lento, com vagares de observação e analyse do cazario novo, do pintalgado das frontarias, da diversidade arquitetonica das edificações. Servira-nos a viração leve da Tarde, d'estimulo á vagabundagem do passeio. E fomos. Como se nos dissipara rápido das recordações, o velho feitio colonial da Cidade antiga, naquelle trecho civilizado pelo vigor do sangue novo daquelle poderosa arteria! Que mundo enorme de dificuldades se nos impunha ao esforço de uma reminiscencia para a construção exata de um trecho observado!

—O que isto foi!— exclamara Luiz Gonzaga, abancando-se á meza da *terrasse*.

Em roda, nas outras pequenas mezas, fallava e bebia uma jente alegre e feliz, no proveito daquellas horas suaves, sob a majestade daquelle Céu e daquelle Sol. Mulheres passavam, em vestidos claros e sombrinhas de um colorido acre, que peneirava Sol sobre a côr sadia do rosto.

Luiz Gonzaga reparava:

—Hoje, até as mulheres são mais lindas, repara. A principio andei a supor que a idade é que me fazia vel-as mais lindas; mas não. Outras devem ser as cauzas ezatas desta especie de renascimento do nosso feminismo. Para mim, a mulher de hoje, sofre, como a Cidade, os beneficios da Civilização.

Bem te lembras, decerto, do que era esta nossa pobre *urbs*. Conheceste, como eu, o dezcuido das Administrações e o dezazo dos Poderes. Percorreste, como nós, os labirintos de

ruas estreitas e mal calçadas, que eram a fisionomia justa da sua vida acanhada.

Sem calçamento, sem luz, sem ar, sem arvores, comprimidos entre os frontaes ezagerados e lorpas das edificações, eramos um povo de acabrunhado e de mal dizpostos, de passo bambo e face amarella, cheios de aborrecimentos e de calos.

Abriu-se a primeira Avenida; ajardinou-se o primeiro largo, asfaltou-se a primeira rua, e logo começamos a sentir necessidades de uma Vida nova, ancias de uma Civilização inedita. A Cidade eflorava triumphal do seu nojento canteiro de sujeira.

E foi quando começamos a notar-lhe encantos, que nos pareciam dezconhecidos e falhos de interesse.

Abriam-se outras Avenidas; a comodidade macia do asfalto correu rapida para outras ruas; vieram os automoveis e os fiacres, e começaram a dezaparecer as sobrecasacas. Ajardinaram-se outros largos; marcou-se a altura higienica do cazario e cuidou-se do plantio das Arvores.

A Cidade imediatamente mudou d'aspéto e surjiu para a luz glorioza da Vida nova.

A Vida urbana, de dia a dia, seguiu-lhe o ruino modernizando-se e os nossos velhos habitos patriarcaes de velha colonia, sofreram o delirio das transformações.

Foi quando, então, principiámos a uzar as primeiras roupas claras.

O povo sentiu-se dezafogado; podia estender fartamente os braços sem tocar as paredes fronteiras; podia andar dezembaraçadamente sem temer o incomodo dos encontrões, nem o ridiculo dos tropeços; finalmente, podia respirar, olhar o Céu e receber o Sol com a liberdade necessaria ao homem civilizado.

Ora, se a Cidade e o homem ganhavam com a Civilização, se a Vida lucrava com essa modernização; se os habitos abandonavam a solenidade oficial da sobrecasaca, era natural que á mulher tambem aproveitasse esse delirio de renovações. E aproveitou, ganhando em belleza e elegancia.

— Ora, é, talvez, uma simples questão de modas. E' que as modas de hoje concorrem mais para esse realce — avançara eu.

— Tolices, tolices... Não sei porque os chapéos *cloches* e as saias *trotteuses*, hão de embelezar mais a Mulher, do que as crenolines e os tãcados do primeiro Imperio... Não é uma saia corrida e liza que estabelece a linha elegante de um corpo; pode denuncial-a, realçal-a, mas não a estabelece.

A moda feminina sofre a relatividade de todos os ornamentos.

Para mim, sabes a quem a Mulher de hoje deve o realce encantador da sua belleza e da sua elegancia.

Fiquei esperando a resposta, atento e curioso.  
— A' Rua, aos melhoramentos da Rua. Antigamente, nos apêrtos do nosso velho bêco do Ouvidor, no circulo dezaizo do nosso Largo da Carioca, nem eu, nem tu, podiamos *ver* bem a Mulher, nem ella se nos podia *mostrar* com a ezigida perspectiva.

Pensas, talvez, que estou gracejando?! Na confusão dos apertos, na estreiteza das Ruas, a Mulher não encontrava o espaço necessario para a devida ezibição. Era obrigada a caminhar conosco, lado a lado, quasi hombro a hombro.

Além disto, o máo calçamento, sempre em pessimo estado, tirava-lhe a cadencia do andar, fazendo-a jingar, como os nossos capadocios.

Com taes dissabores, era natural que a Mulher, na nossa antiga Cidade, perdesse pelo menos, metade de sua graça e de sua elegancia.

Não quero dizer com isto que não fossem lindas, quero apenas afirmar que hoje ainda são mais lindas. A Rua dezdobrou sobre a galanteria da Mulher de agora, os efeitos benéficos da Civilização que recebeu.

Bem sabes que a elegancia feminina ezije moldura e espaço; e sobre ella tanto influe a claridade do Céu, como a largura do local.

O jesto é tambem uma das suas afirmações mais preciosas.

Em ruas estreitas, com aglomerações de povo suado e quente, faltava-lhe, naturalmente, o *espaço* ezijido pela perfeição do jesto.

E não raro, observavamos perder-se na brutalidade de um encontrão, no ridículo de um tropeço, a graça de um jesto com que se pretendia arrepanhar o vestido ou dirigir uma saudação.

Agora não. Com as ruas amplas, com a moldura alegre das casas novas, o *movimento* e o *jesto* podem obedecer a todas as ezijencias e aos rigores de todos os estudos; e o proprio passo pode ter a cadencia que a toilette demanda, porque, não sei se já tens observado, a mulher que traja a elegancia custoza de um vestido de sêda, não tem, no passo, a mesma cadencia da que ezibe a elegancia apertitoza de um *tailleur* de brim branco.

Repara naquella que ali vai. Traja magnifico *tailleur*, tem cadencia no passo firme e toda a linha completa de uma elegancia distinta.

Acompanha-a, segue-a, e quando ella penetrar na Rua do Ouvidor, nota se lhe é possivel conservar aquelle mesmo aspêto senhorial de rainha em passeio. A cadencia do passo, será substituida pelo bamboleio do corpo, o magnifico movimento que lhe inclina a cabeça, passará despercebido, porque não terás o espaço necessario para contemplal-o e esse delizioso movimento de ancas, não passará de um reles saracoteio de quadriz.

Hoje melhor podes, desembaraçadamente, contemplar a arquitetura dos edificios, sem que te arrisques a torcer o pescoço; melhor podes alcançar a perspectiva de um longo trecho de distancia; melhor contemplar o Céu e sentir o Sol. Porque? Porque te deram ruas largas, avenidas amplas. Assim acontece com a mulher de hoje. E' mais linda porque tu a podes observar melhor; porque dispõe de espaço para a largueza do movimento e a elegancia do jesto e não vive comprimida entre apertões e paredes.

E aqui fica a minha opinião. Não estranhes, portanto, se, por estes dias, leres nos jornaes a noticia de que está iminente mais uma Conferencia no Instituto sobre este momentozo assumto.

A belleza feminina pede ruas largas.

Partimos. Era a hora catolica do Crepusculo e as Mulheres que passavam nos pareciam ainda mais formozas.

Efeitos daquella tarde linda de doce claridade suave na vasta estensão daquella Avenida.

Outubro, 1907.

M. P.

## HENDAYA

A Praia de Andarraç—Paizagens do Bidassôa

“ — Hendaye, quinze minutes d'arrêt!” Eis a França. O espirito educado desde a meninice na literatura e no genio francez, liberta-se logo de todos os preconceitos de estrangeiros em viagem, e os pulmões se dilatam respirando o ar puro dos Pyreneus. A França é para a maioria dos Brasileiros uma patria espiritual que todos conhecem de tradição: assim, passada a fronteira, a alegria entra no coração e só o abandona quando desaparece a ultima ne ga de terra. Todas as recordações acodem á lembrança, — como ao espirito de um adolescente resuscitam os factos da meninice numa visita á casa paterna. O estreito e minuscuro Bidassôa avulta quasi tanto como si fôsse o Amazonas; e o *Javelot*, a velha canhoneira encalhada á margem franceza, sob os arcos da Ponte Internacional, tem aos nossos olhos um raro encanto, comparavel ao de um historico navio nacional, — unicamente porque a seu bordo viveu Pierre Loti, porque foi elle que se inspirou para escrever “Ramuncho”.

“ — En voiture, s'il vous plait!” Não ha tempo para coisa alguma; nada se vê do pe-



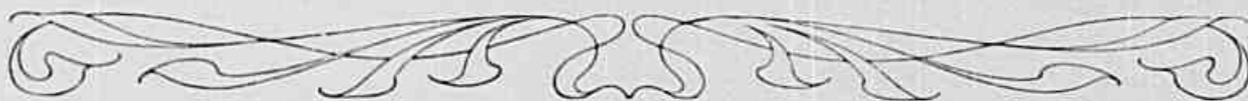
queno burgo; o horizonte está limitado pelas paredes da estação cobertas de annuncios. Entretanto seria tão agradável deter-nos algumas horas, duas ou tres que fôsem, na primeira terra de França, a França dos nossos sonhos! A estrada de ferro leva-nos em seis horas de um extremo a outro da Europa; mas apressada, correndo de acordo com o horario, deixa-nos apenas perceber os longes das paizagens, as linhas curvas e fugidias das montanhas, um rio que avança por uma cidade, um braço de mar que refulge ao sol e se esconde numa volta da estrada. E' preciso ver Hendaya! Retrocedamos á verdejante Irun, e então encetemos a jornada pela, acia estrada de rodagem. Rejeitemos modestamente o automovel, e façamos o percurso num cabriolet, o classico cabriolet da provincia franceza.

São tres horas da tarde de um lindo dia de Setembro; uma brisa fresca vem da Biscaya e agita as folhas das arvores; no céu azul não corre uma nuvem; cantam passaros entre as ramagens. O carrinho que vem da Alameda de Colombo faz uma volta á esquerda, e com muito cuidado começa a descer a ingreme ladeira de San Maciel. Ao fim é uma estrada quasi recta, costeando o Bidassôa que serpenteia entre cipós; adeante é a Ilha da Conferencia, pequenina e sombria, com a sua lapide commemorativa; pouco além é Beobia hespanhola; mais um passo é a fronteira; outro passo é Béobie franceza, é a França. Então o caminho começa a subir, ás vezes em rampas bruscas, outras vezes em ondulações suaves, ora passando por frente dos casaes, ora costeando ligeiros valles, curtos outeiros. Crescem plantas á beira de um muro branco; destacam-se alvuras de monumentos modestos: — é um cemiterio. Do lado esquerdo apparecem as terras de Hespanha, desde o casario de Irun até as praias de Fuenterrabia. Surgem os chalets marginando a estrada; de quando em vez o cabriolet cruza um automovel que passa em disparada louca atirando poeira e desprendendo um cheiro insuportavel de gazolina, ou um outro carro cujo cocheiro se descobre e dá bom dia. Um pouco mais além uma ponte; em baixo passa o comboio apertado entre dois muros; uma casa grande é um hotel que tem o nome pomposo de duas nações; o burgo se aglomera mais adeante: é a praça com dois

renques de arvores, a igreja ao fundo, duas ou tres vias transversaes, e a "rue du Port", em ladeira, com a botica, a confeitaria, o armario com roupas de banho de mar e cartões postaes. O resto se compõe de um modestissimo commercio a varejo. Na calçada da confeitaria "Franco-Espagnole" um grupo fala castelhano; são veranistas de Fuenterrabia que atravessaram o rio á procura do celebre licôr de Hendaya. Mas na curva da praça aponta um bonde a vapor; ainda ha logar, — tomemol-o. Oh! o lindo caminho para a praia, sempre marginando o Bidassôa, depois costeando o mar, ora escasso e lamacento, ora amplo e cheio de ondas! Grandes arvores dão sombra á estrada e no oceano vêm-se as velas de pesca em caminho de terra ou em fuga para o horizonte. Ao fim da praia uma elegante construcção mourisca levanta-se aos nossos olhos: — é o Casino. Entremos, dirijamo-nos para o terraço aberto e fresco. Violentas e mugidoras as ondas da Biscaya veem morrer sobre a praia muito branca onde correm banhistas, e moças e crianças se divertem apanhando conchas. Para os lados do outeiro de Sant'Anna ergue-se a construcção do Sanatorium para meninos debeis; descobre-se Fuenterrabia até o cabo da Ingrinéa; e no planalto o castello de Arragory ostenta as suas linhas medievas e nobres. A orchestra começa a tocar uma alegre musica de café-cantante; por vezes os sons se perdem levados no barulho das ondas. Tão puro é o ar, tão fresca a viração, tão embalador o marulhar das vagas que as horas correm insensivelmente; o sol se esconde, a noite se estende; a orchestra emudece; — e mais solemne se torna a voz das aguas, sob a negra espesura das trevas, sob o tremulo brilho das estrellas. A costa hespanhola se illumina; pelo caminho de Hendaya, todo bordado de arvores, brilham e fogem rapidos faroes que lembram olhos colossaes de lobos; um comboio passa ao longe, dilacerando o silencio com o seu grito; o Casino tambem se illumina. E assim todo illuminado dentro da noite negra, com o terraço aberto em arcarias mouriscas dando para o mar, parece um palacio de fadas erguido sobre as areias...

THOMAZ LOPES.

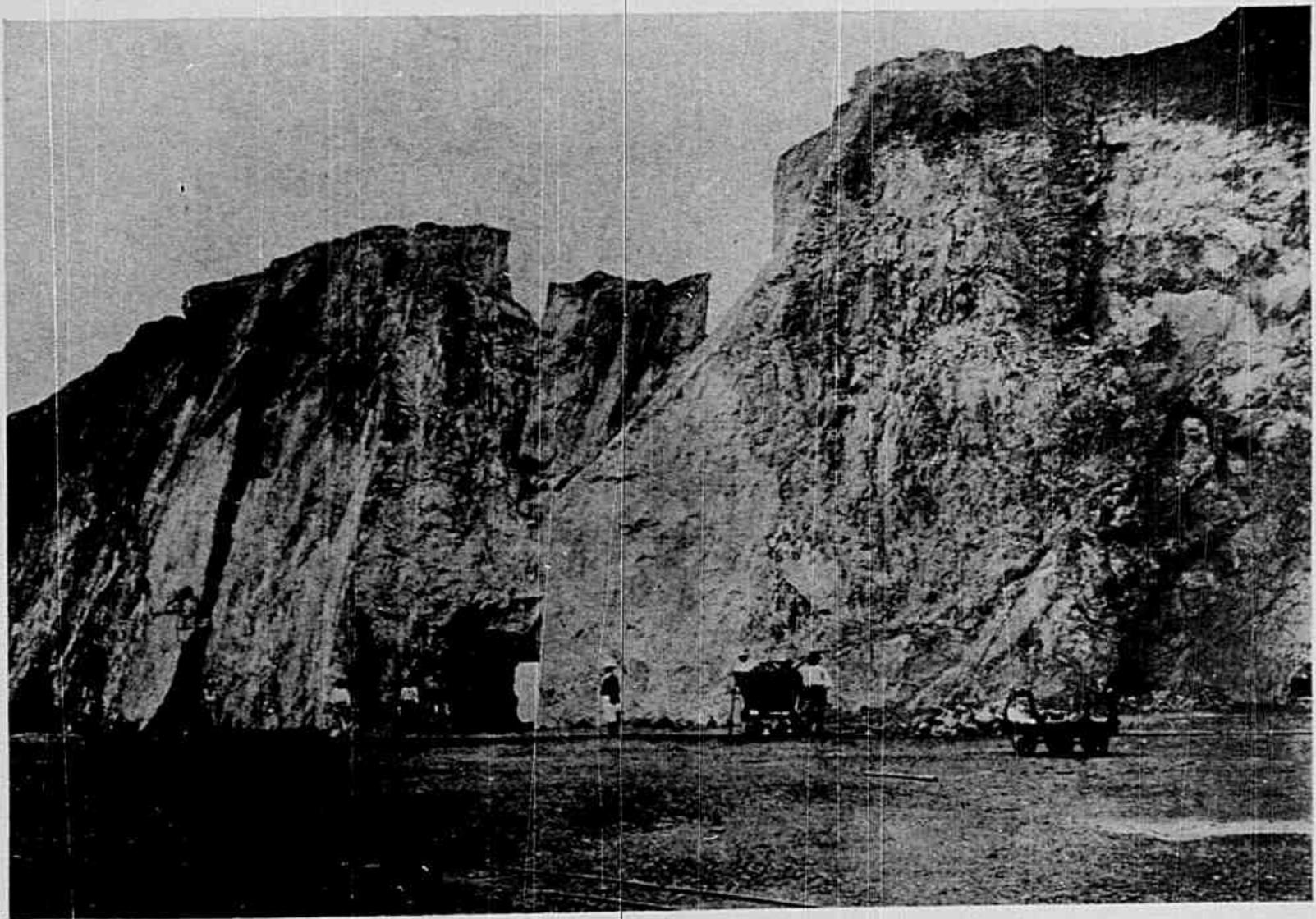
Rio — Outubro, 1907



## QUATRO DIAS EM MINAS GERAES

**N**ÃO sei se apropriadamente se póde chamar de minas — aberturas subterraneas, feitas para se tirarem mineraes, segundo definem os dicionaristas — ás collinas de manganez chamadas Morro da Mina, cuja exploração se faz toda a céu aberto cavando a montanha ou deslocando os blocos de minerio que a constituem toda a golpes de enchada ou picareta,

careta, da base ao cimo, faldas a cima, desagregando com extrema facilidade os torrões vermelho escuro com laivos negros que os compoem. O Morro da Mina, que é certamente uma das curiosidades de Minas, está situado a 5 kilometros a leste de Queluz de Minas, a 12 horas pouco mais ou menos do Rio pela Estrada de Ferro Central do Brazil, a qual se liga por um ramal de 7 kilometros. O ponto culminante do Morro da Mina está a 1114 metros de altitude, tendo a linha ferrea de contorno da jazida a altitude media de 1050 metros. A exploração, como disse acima é toda a céu aberto e as cabeceiras de ataque estão em uma serie de degraus formando outros tantos andares, cuja estensão total é de pouco mais de um kilo-



como aqui no Rio vemos fazer aos cavouqueiros tirando terra ou barro dos nosos morros. E é esta a sua singularidade e preciosidade, que nella a exploração não custa o menor esforço de excavação ou sequer de abertura de galerias, ainda superficiaes, nem mesmo da simples rebusca de um veio a descobrir e explorar. Todo o morro é mina ou antes mineral; para o aproveitar basta excaval-o com instrumentos simples e rudimentares, que todo homem sabe manejar, a enxada, o alveão, a pi-

metro. Cada um desses andares é servido por linhas Decauville para vagonetes, excepto o primeiro que o é directamente pelos carros da Central. Para os andares superiores, em cada cabeceira de trabalho, os vagonetes recebem o minerio extraído, o levam a grandes calhas — deposito, por onde o minerio corre directamente para dentro dos carros da Central que os trazem ao porto de embarque.

E' interessante esse modo de carregamento que permite encher cada vagão com cerca de

40.000 kilos em 6 ou 8 minutos no máximo. O serviço está organizado de modo a serem diariamente assim carregadas 1000 toneladas.

O embaraço único para o pleno desenvolvimento desta incomparável exploração mineira está na dificuldade que até aqui tem encontrado de meios de transporte, pois são ainda insuficientes os que lhe oferece a Estrada de Ferro Central. Acredita, porém, o engenheiro director desta exploração, Dr. Joaquim de Almeida Lustosa, de quem são estas informações, que a actual inteligente e segura orientação da direcção daquella Estrada promete para breve um grande aumento na sua capacidade de transporte.

O pessoal efectivo na mina é de cerca de 150 trabalhadores, nacionaes e italianos. O mineiro em todos os carregamentos accusa a media de 50 % de manganez metalico.

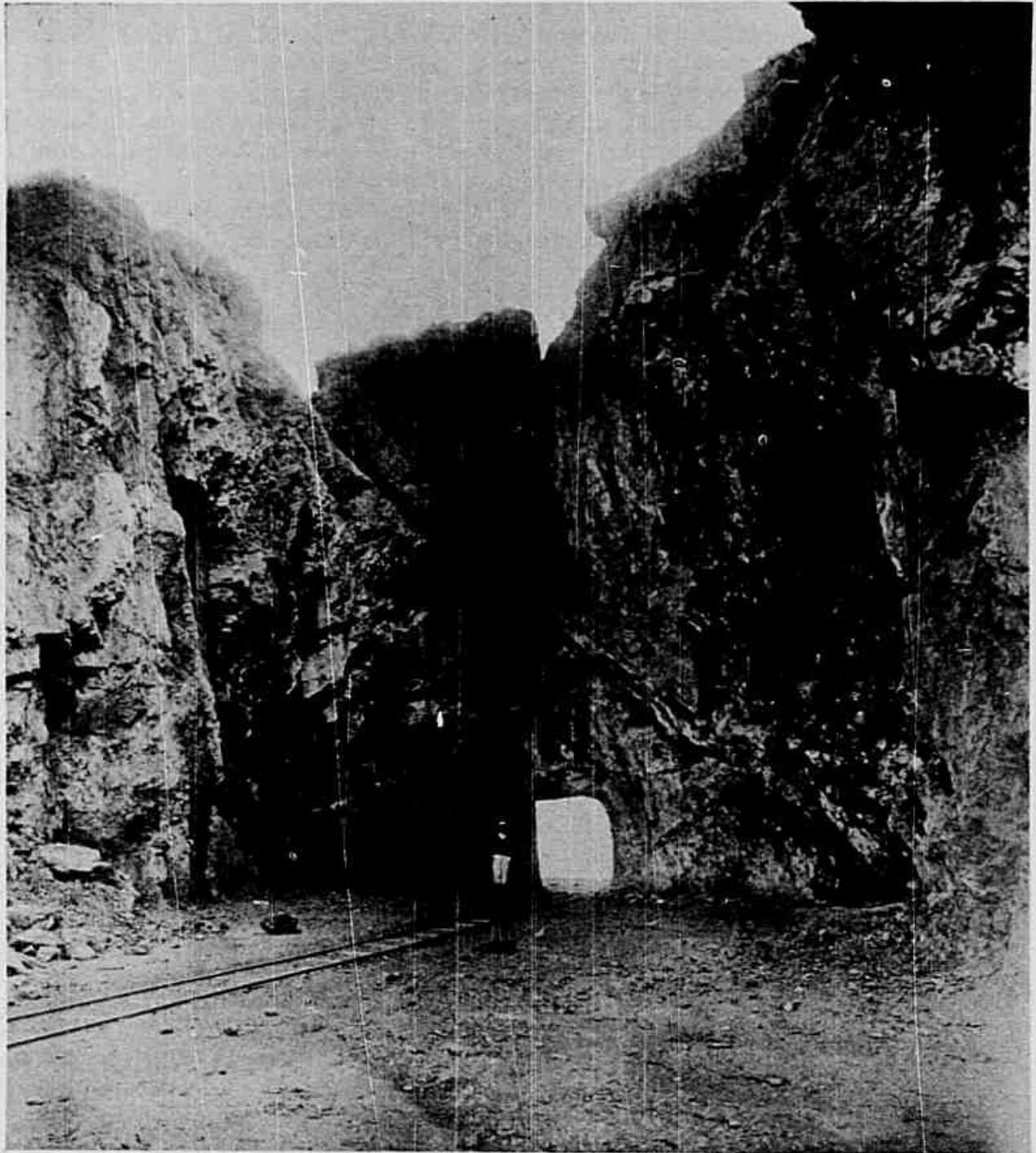
A jazida está avaliada em cinco milhões de toneladas disponiveis, para os primeiros cem metros verticaes, a contar de cima para baixo; ficando ainda outros cem metros acima do talweg do valle, constituindo uma reserva provavel de outros tantos milhões de toneladas.

Em summa, uma immensa riqueza á flor da terra, cujo aproveitamento por esta singular e felicissima circumstancia quasi não dá trabalho e despeza, si o compararmos com o de outros minerios. E apenas começado a explorar em Minas Geraes o manganez ha uma duzia de annos, em 1894, a sua exportação nos dez primeiros attingiu a 190,591,465 kilogramas.

No outro dia amanhecemos em Cordisburgo, nome meio latino meio germanico desagra-

davelmente destoante da costumada anomastica geographica indigena.

De Cordisburgo á gruta de Maquiné a distancia é mais ou menos a mesma que de Honorio Bicalho a Morro Velho, uma hora ou uma hora e um quarto a cavallo, por um ter-



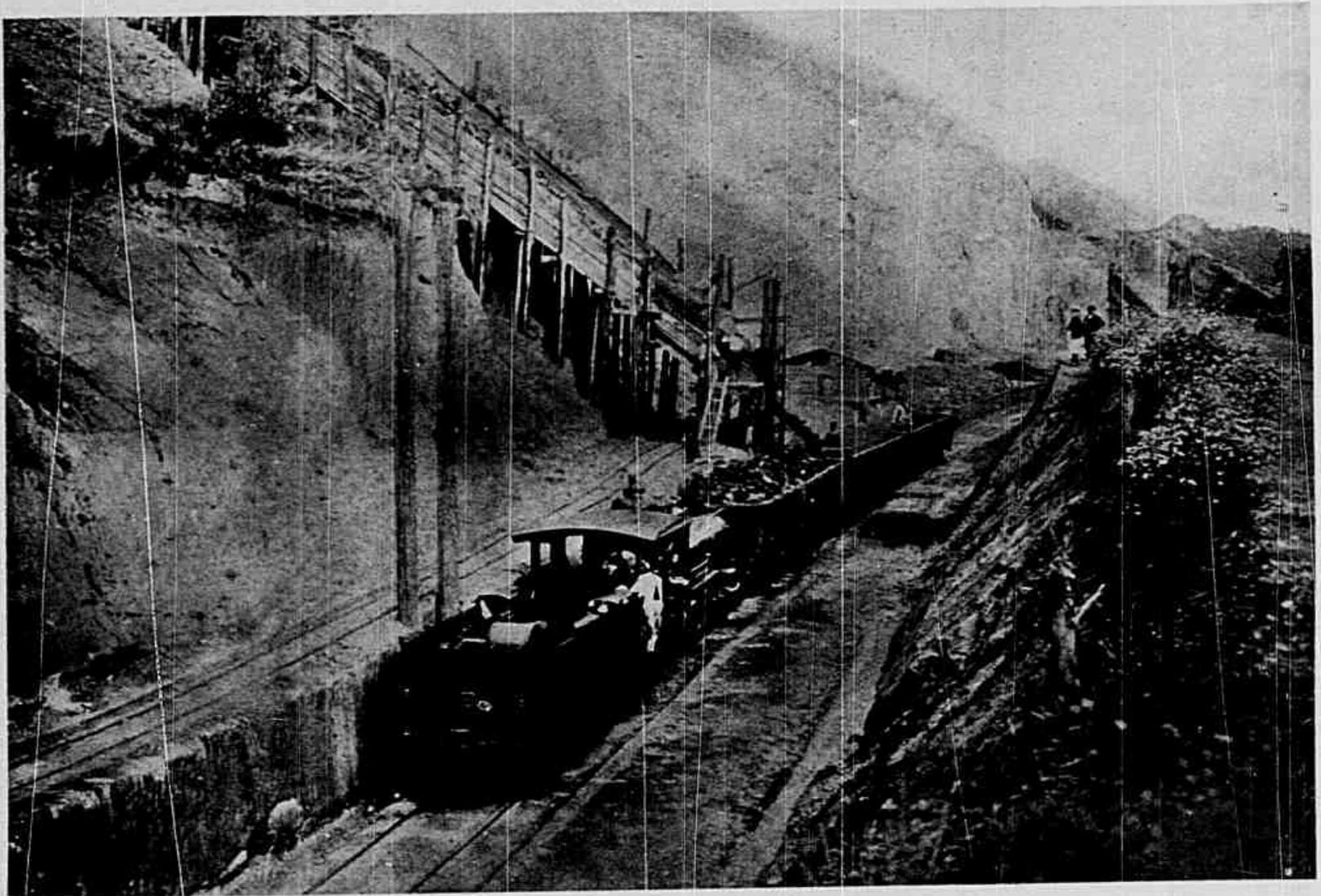
GALERIA DE PASSAGEM PARA WAGONETES NO MORRO DA MINA

reno mais ondulado que realmente accidentado, de cujas medianas alturas se descortina por vezes un infindo e bello horisonte, todo rodeado de montanhas que a enorme distancia faz azues.

A gruta de Maquiné, já descripta por Lund e outros, é realmente uma maravilha. A larga entrada toda de rocha viva, rodeada e coroada da vegetação circumdante, lembra um desses grosseiros e robustos porticos das grandiosas construcções pelasgicas, reveladas por Schielie-

mann. Passada ella está-se numa vasta sala, que é de si mesmo pela amplidão e aspecto estranho uma maravilha. Uma abertura no fundo, á direita leva a outra sala já escura, onde seria impossivel andar sem luz. Começam a apparecer os estalactites e stalagmites de quartz, de formas variadas e estranhas, que se repetem em todas as outras salas ou salões, fingindo animaes, cadeiras, caras humanas, pulpitos, candelabros, segundo os affeioava a imaginação dos visitantes. Mas tudo estranho, maravilhoso, como vistas de um mundo irreal. As numerosas luzes que levavamos e as vozes

de nós é realmente magnifico, e a construcção desta linha ferrea, parte da Central do Brazil, recommenda justamente os engenheiros que a realizaram. Aliás toda a linha ferrea por nós percorrida em mais de 1500 kilometros é um documento da sua capacidade, como da boa administração dessa nossa grande via ferrea. Não se póde bastante louvar a excellente conservação de toda ella, a regularidade dos seus serviços, o apurado aceio das suas estações, a disciplina do seu pessoal. Pena é que a sua extrema direcção curvilinea, si assim posso chamar á sua extraordinaria abundancia em



CARREGAMENTO DE MINERIO

reflectindo-se ou repercutindo naquellas abobadas altas e sonoras produziam um singular effeito. Nalguns trechos os cristaes de quartz tocados pela luz brilhavam como miriades de diamantes. A impressão era de assombro.

A gruta é immensa, percorrendo-a rapidamente levamos duas boas horas, e creio que uns tres mil homens não ficariam muito apertados nella.

Dahi o trecho da viagem mais interessante é a travessia da Mantiqueira, uma lindissima região a lapestre por mais de mil metros acima do nivel do mar. Em alguns pontos o discortino de vastas extensões montanhosas abaixo

curvas, determinada pela natureza do terreno por onde correm seus trilhos, lhe não permitam senão excepcionalmente e intermitentemente as grandes velocidades de certas ferro vias estrangeiros.

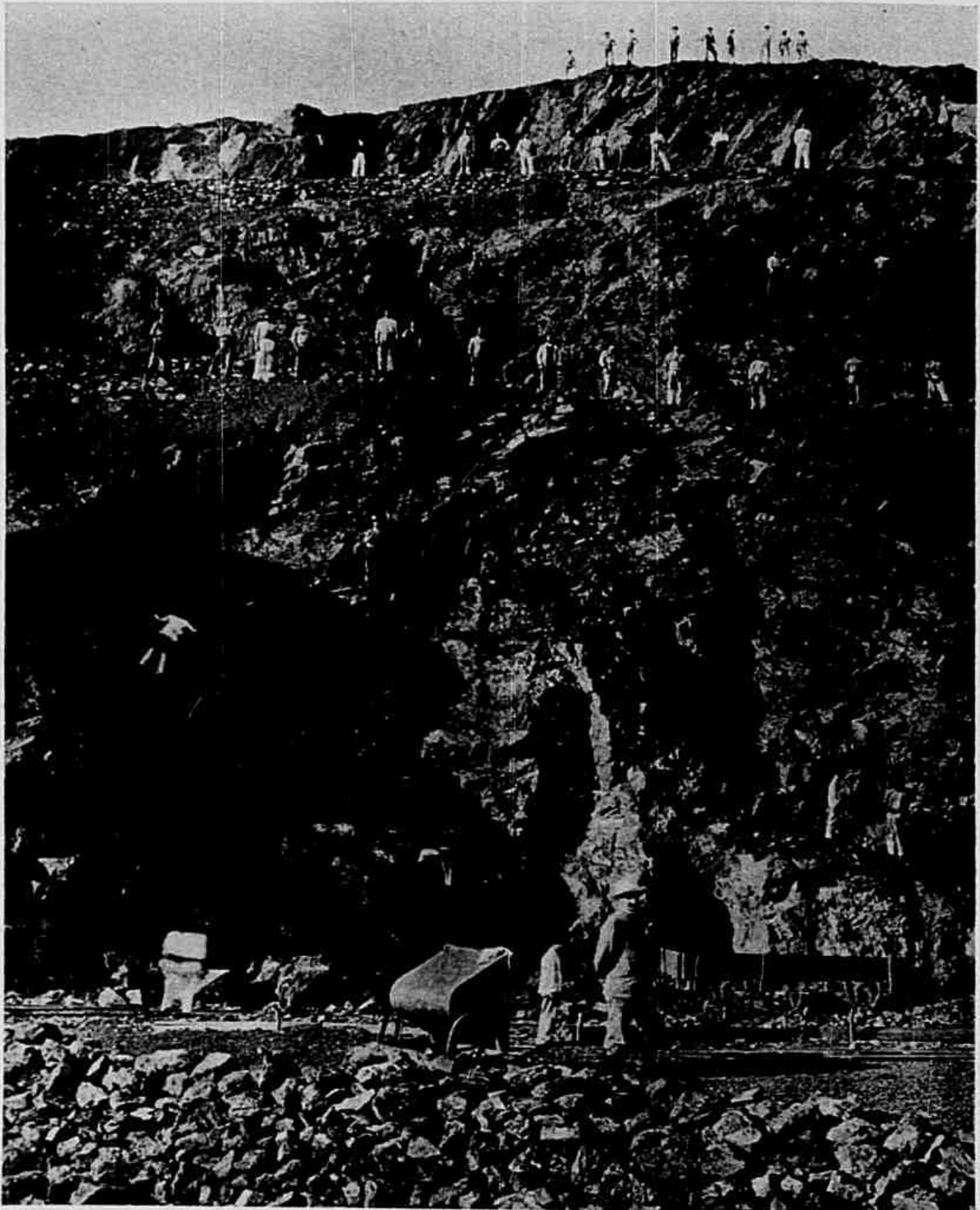
A tarde do terceiro dia chegamos a Bello-Horizonte, entre o espocar de bombas e os vivas de uma grande multidão agglomerada na estação. Vista de longe, ao chegar, Bello-Horizonte apresenta o aspecto de uma grande cidade. Della já tive occasião de escrever:

« Monumento da vontade e do esforço de uma geração a quem ella só basta para recomendar á nossa estima, Bello-Horizonte pela

sua posição felicissimamente escolhida e bellis-  
sima, justificando cabalmente o seu nome,  
apresenta-se já, não obstante a sua minguada  
população (os calculos mais generosos não lhe  
dão mais de 25 mil habitantes) com o aspecto  
de uma grande  
e formosa ci-  
dade. Nada, com  
efeito, a não ser  
população, ele-  
mento aliás prin-  
cipal, lhe falta  
para isso: num  
sítio lindissimo,  
e que lhe avan-  
taja magnifica-  
mente as pro-  
porções actuaes,  
foi traçada a ci-  
dade, segundo  
os preceitos  
mais modernos  
e mais bem re-  
commendados  
em taes criações,  
serviços mu-  
nicipaes exem-  
plares, arrua-  
mentos magni-  
ficos, excellen-  
temente arbori-  
zados, construc-  
ções custosas e  
caprichosas, edi-  
ficação publica  
sumptuaria, jar-  
dins, parques,  
illuminação ele-  
ctrica, viação ur-  
bana optima.  
E tudo isto foi  
feito apenas em  
dez annos ou  
ainda em me-  
nos, por um  
povo que se não  
presumia qui-  
zesse competir  
com o *Yankee*  
em actividade  
febril.

De Bello-Ho-  
rizonte vimos  
entretanto mui-  
to pouco. O Dr.  
João Pinheiro, presidente do Estado, tinha a  
peito mostrar aos seus hospedes de um dia,  
principalmente ao mais illustre delles, um  
dos aspectos da sua esclarecida administração,  
a sua preocupação directa e singular dos pro-  
blemas economicos em cuja solução elle crê

o Estado immediata e grandemente interessado.  
Para isso iam de antemão convidados para  
uma visita á colonia do Barreiro e ao campo  
de experiencia agricola de Gamelleira. Eram  
uns quarenta kilometros ida e volta que tinha-



PARTE CENTRAL DA JAZIDA, MOSTRANDO OS TRES PLANOS DE ATAQUE

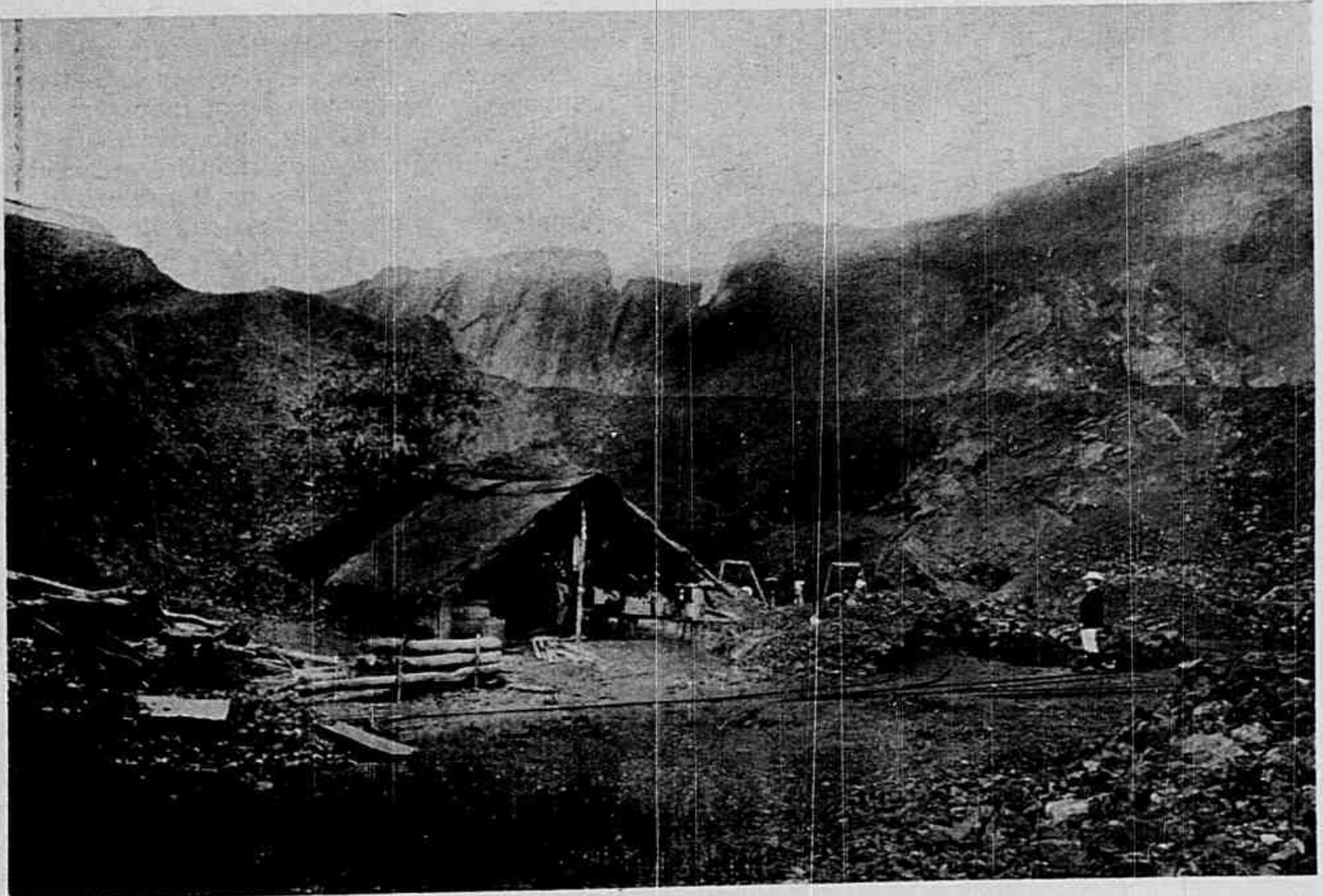
mos de fazer, a cavallo ou de carro, conforme  
as preferencias de cada um, e que fizemos.

O primeiro daquelles lugares é o de uma  
velha fazenda abandonada por imprestavel, tanto  
eram suas terras julgadas "cançadas" segundo  
a expressão local.



O empreendimento do Dr. João Pinheiro, e que não é só uma empresa official de funcionamento burocratico mas que elle acompanha de perto com amor de autor cioso do bom resultado da sua obra e interesse de um administrador zelosissimo do seu bom renome e do successo dos seus projectos governativos, aponta a mais de um fim. Primeiro promover de uma maneira intelligente e efficaz a immigração para Minas Geraes mediante a criação de muitos nucleos coloniaes, dos quaes o de Barreiro é um, onde se deparam ao colono condições de exito taes que o tentamem não possa absolutamente mallograr. Este successo

via de a realizar plenamente. Vimos os campos da bella fazenda admiravelmente lavrados pelo arado e outros instrumentos aratorios, scienti-ficamente adubados, com magnificas plantações de arroz, batatas inglezas e cebollas, que pelos calculos feitos em nossa presença, e que nos pareceram de exactidão rigorosa, devem pagar sobejamente o trabalho da cultura. Não ha duvida que essas fazendas velhas que os nossos agricultores tem abandonado é invasão do mato ou vendido a vilissimo preço podem ainda ser campo de uma consideravel e proveitosa acti-vidade agricola. E provando-o experimentalmente o Dr. João Pinheiro não dá só uma



SEGUNDO PLANO DE ATAQUE DA MINA

conseguido, e tudo faz crer que o seja, estará lançada a semente fecunda da colonização mineira, isto é, criado o movimento inicial da corrente de immigração de que o Estado precisa para o aproveitamento das suas indiziveis riquezas. Segundo, mostrar praticamente ao mesmo indigena desanimado da lavoura pelo canso das terras, que em face dos modernos processos agricolas não ha terras cançadas e imprestaveis, e que numa velha fazenda abandonada se pode ainda fazer florescentes lavouras. Esta segunda parte do seu projecto já o Dr. João Pinheiro a realisou ou está em

utilissima lição de cousas ao seu Estado mas ao Brazil todo, especialmente aos que no outr'ora riquissimo valle do Parahyba abandonaram fazendas e terras, com aquelle pretexto de cançadas.

A primeira parte do seu programma conta o Dr. João Pinheiro resolvel-a dando a cada immigrante com familia, com casa para habitar, e boa casa, um lote com 5 hectares, dos quaes dous já plantados, e o resto já arroteado, e mais os instrumentos e apetrechos necessarios á sua vida agricola. O colono não será desanimado pela necessidade de tudo fazer por si, e terá



um praso razoavel, tres annos, creio, para pagar a despeza com elle feita. O producto que de sua lavoura colher, ou o venderá livremente a quem lhe parecer ou o entregará ao Estado pelos preços do mercado.

Tal é, nas suas linhas muito geraes, o systema do Dr. João Pinheiro. Eu o vi discutil-o durante um dia inteiro com o Sr. Guilherme Ferrero e com Mme Ferrero, ambos muito versados em questões economicas, e ambos com idéas sociaes e economicas contrarias a do estadista mineiro, cujo talvez exagerado protecționismo (pois elle funda o successo do seu systema numa tarifa protecționista que eleve até a prohibição o imposto de entrada dos generos que as suas colonias devam produzir) ambos combateram com razões que a mim, anti-protecționista como elles, me pareceram fortes.

O Dr. João Pinheiro, ao contrario da maioria dos nossos improvisados estadistas, é um homem de estudo e experiencia, do livro e do campo, de pensamento e de actividade pratica. E' proprietario de uma grande fabrica de cerâmica e fazendeiro, e sempre se occupou principalmente desta feição da sua actividade. Este homem pratico, porém, e é isto que a meus olhos o distingue e enobrece, é tambem um ideólogo, no bom sentido da palavra. Um estadista sem ideas, ou sem a capacidade de as apreciar e comprehender, é apenas um burocrata ou um politicante vulgar. Mas na ideologia do Sr. João Pinheiro ha uma força, que é a convicção e o enthusiasmo necessarios, indispensaveis á realização dos planos como o seu. O perigo que eu neste vejo é o de todos os grandes planos governativos do mesmo genero, que si enriquecem e engrandecem o Estado, prejudicam e empobrecem o individuo.

Era na essencia o motivo da opposição de Ferrero e sua senhora, que antepõem, e eu estou com elles, o bem do individuo ao do Estado. A elles parecia que os sacrificios que ia fazer o Estado em bem do seu povoamento e do progresso da sua estacionaria e rotineira lavoura, teriam ao cabo de pesar sobre o contribuinte, que desde já viam ameaçados de novos impostos para os pagar.

Respondia-lhes convencido e seguro de si o Sr. João Pinheiro que esses sacrificios eram apenas apparentes e momentaneos, pois de facto o mesmo colono reembolsava o Estado do que lhe houvesse custado, e o augmento da riqueza publica, que o povoamento e o desenvolvimento da lavoura forçosamente determinariam, garantiria o bem estar das populações.

Em theoria parece-me ter toda a razão o Presidente de Minas, mas eu não sei se da experiencia de todos os povos, e nossa mesma, não resulta a verificação de que ao enriquecimento e prosperidade do Estado nem sempre corresponde, antes nunca corresponde, o bem estar do individuo, cada vez mais sacrificado a elle. Para alterar a ordem destes valores, requerer-se-iam estadistas inspirados de um espirito novo, como quero crer seja o Dr. João Pinheiro, capazes de se emanciparem da superstição, do fetichismo do Estado, Moloch moderno a quem é sacrificado inconsiderada e levianamente o individuo, a pretexto de uma grandeza e prosperidade daquelle que rarissimamente aproveita a este.

De Barreiro, a fazenda velha transformada em futura colonia agricola, fomos a Gamelleira que é a um tempo um campo de experiencias da nova agricultura e uma escola pratica de trabalhos ruraes. Não só se fazem ali com saber e methodo taes experiencias, das quaes já vimos esplendidos resultados, como pôde ali o agricultor conhecer, ver funcionar e aprender a manejar os mais variados e efficazes instrumentos de lavoura, de toda a especie e utilidade.

Quem, como nós, acabava de atravessar kilometros e kilometros, horas e horas, de caminho de ferro, sem quasi ver gente, e apenas alguma rara e escassa lavoura, não podia deixar de dar razão ao actual chefe deste grande e riquissimo Estado de Minas no seu proposito de promover officialmente o povoamento do seu solo, pois apezar dos seus 3 milhões de habitantes, a maior população de um Estado do Brazil, a impressão que dá Minas a quem o percorre em 3 ou 4 dias de caminho de ferro não está longe da de um deserto.

JOSÉ VERISSIMO.



## Armas Guerreiras dos Aborígenes do Rio Grande

**L**OGAR proeminente e, diremos mesmo, certa hegemonia natural põe em real destaque os machados, também chamados cunhas ou atochos, de nossos selviculas, preciosas armas de guerra umas, utilizadas outras no uzo doméstico e primorosamente trabalhadas algumas, como sejam as das tribus que habitam esta porção do Brasil meridional — o Rio Grande do Sul. Ao estamparmos aqui nossas observações e investigações, escriptas em vagares, a respeito dos antigos objectos e instrumentos usados pelos incolas do Rio Grande do Sul, ornando o texto com gravuras, um unico intuito a isto nos induz, qual o de contribuir com os parcos subsidios aqui grupados, para o estudo da archeologia Rio Grandense. E' necessario que o resultado destas pesquisas não fique adstricto aos estreitos limites de um gabinete de estudo ou á acanhada e pequena vulgarisação que se possa dar na imprensa de um Estado, onde as tiragens são limitadas e o meio ledor é verdadeiramente exiguo. Torna-se preciso amplial-a, fazendo dest'arte, pela grande imprensa, como meio de divulgação facil, conhecido o que de historico, artistico e bello possuímos em relação a primitiva e rude arte do homem aborigene, que, em remotos tempos, foi dominador e senhor absoluto das florestas e pampas riograndenses.

Das nações autocthones que, em tempos immemoriaes, occuparam o Rio Grande do Sul são, como dissemos, os machados, peças notaveis, e alguns de typos característicos encontrados em numero consideravel, sendo que diversos specimens são pariformes. Occupão o primeiro lugar os machados de pedra lascada que pertencem a época paleolitica, o que explica seu rudimentar preparo.

Trabalho difficel seria, por certo, o de, ainda que vagamente ou com prestesa, precisar a idade de taes artefactos, pois que em velhas necropoles tem sido encontrados promiscuamente, exemplares de pedra polida e lascada. Esses instrumentos ou armas, representam a aurora, o deliculo, a infancia da arte indigena no Rio Grande do Sul, reputados como objectos rarissimos e damos a imagem d'um de porphyro reduzido a 1/4 do seu tamanho natural, representado na figura 1.

Já um estudioso ethnologo, tratando de machados de pedra lhes deu a idade de cinco mil annos, e um outro, não menos notavel e americanista erudito, deu aos samba-

quis da Cidreira, aqui do Estado, sete mil annos observando que alguns instrumentos encontrados eram empregados para moer *mocui*, ou pilar no gral, adrede preparado, conhecido



FIG. 1

como pedra cavada, grãos, amendoas, caroços, sementes ou bagas e a raiz da maniva, *jatropha manihot utilissima*, da familia das enphorbiaceas. Deste modo poderiam extrahir o *cabiú*, espesso succo da mandioca aproveitando rudimentarmente, talvez como o *cauim*, aguardente, *caai*, tirada dessa raiz tuberosa e carnuda. Retiraram aos matambos feitos com o auxilio de amoplatas de grandes animaes, sendo estas presas a uma haste de resistente madeira, á guisa de enxada, *pororê*, como uzavam os nossos gentios, os tróços da maniuva. Desprestavam a folhagem, *manicoba*, e preparavam o *uarubê*, massa de mandioca que é comestivel, assim como o *ungui*, mistura de milho, feijão e raizes da maniva. Ainda outros scientists attribuem ás ostreiras de Santa Catharina tres seculos, logares estes onde tem sido encontrado, taes artefactos. Achamos estas idades entretanto, phantasiosas, arbitrarías e infundadas em extremo tratando-se de prehistoria? a precisão de um tempo torna-se um problema insolúvel. Ordinariamente os machados de pedra lascada são de côr vermelha, e constituídos de rocha compacta; a parte lascada é em zig-zag e do lado opposto ao gume não ha o menor signal de entalhe, pelo que calcula-se ter sido elle manejado directamente com a mão. O que aqui photographamos foi encontrado no *Morro do Diabo*, sitio visinho ao *Farroméco*, municipio de São Sebastião do Cahy; neste Estado. Até a presente época, seis são os diversos formatos typicos de machados encontrados no Rio Grande do Sul, obdecendo a fórmulas características e superiormente distinctas entre si. Em segundo plano, encontram-se os machados quadrangulares, que pertencem á idade neolithica, isto é da pedra polida. São trabalhados com esmero, obdecendo de ordinario a fórmula oblonga, polimento cuidadoso, feito pelo atrito paciente e continuo da areia e outras pedras, auxiliado pela agua, tendo quasi sempre o gume acerado. Affirmamos que esses exemplares são copiosamente collectados, um por um, e não ha nisso exagero, pois já foram arrega-

dados para mais de mil artefactos similares; pelo que suppõe-se que eram usados a *larga manu*. Do formato quadrangular foram encontrados para mais de oitocentas, e isto só em Venancio Ayres e sitios proximos, como Estrella, Santa Cruz, Lageado, Candellaria, estando a primeira povoação situada a cinco legoas de uma das margens do rio Taquary, na altura do povoado *Bom Retiro* e em diagonal ao marnel denominado *Porto Mariante*.

Junto representamos na figura 2 um de minerio Microfelsito reduzido a 1/5 do seu ta-

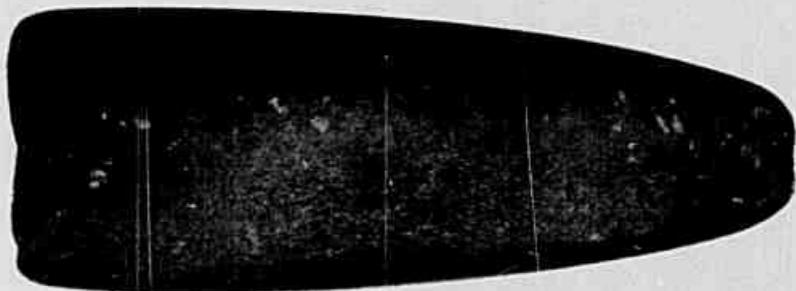


FIG. 2

manho natural, typo perfectamente caracteristico, bello e de fórmulas correctas.

Alguns como o que está photographado na Figura 2, teem a parte contraria ao fio perfectamente arredondada, isto é, supprimidos os angulos para maior commodidade do trabalhador, pois não eram elles encabados. Quanto aos mineraes escolhidos para o fabrico de taes peças são muito variaveis, sendo alguns de porphyro, dioreite, e outras de nephrite, oligisto, quartzo, etc. Affirmou conhecido ethnologo, sacerdote erudito que entre nós vive, que os machados indigenas não eram providos de cabos. Quanto a este ponto, está elle

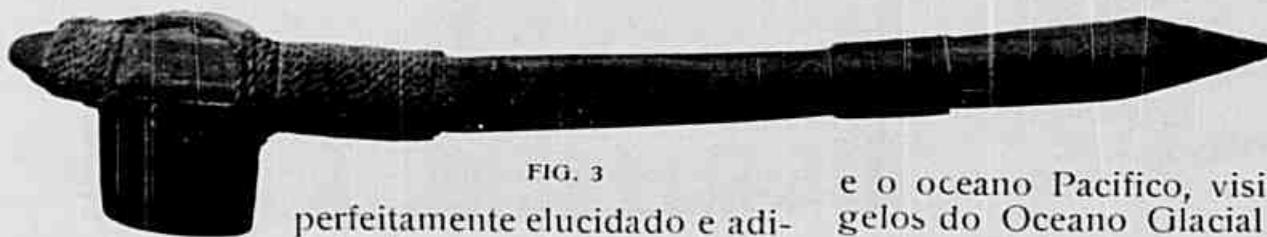


FIG. 3

perfectamente elucidado e adiante damos a imagem de alguns, providos desses accessorios, representados nas figuras 3, pertencendo este bellissimo specimen ao Dr. José Paranhos e na figura 4, sendo este de minerio variolito e reduzido a 1/4 do seu tamanho natural.

O primeiro, tem o cabo perfectamente roliço, terminando em aguda ponta, semelhando um calnete. Asseverou mais o citado archeologo que esses machados eram empregados, em parte, para cortar as estrigas aos velhos incolas e o cabello, *aba*,

aos parvulos. E' difficil de acreditar que fosse usado tão pesado instrumento para esse mister, o que importaria em dar provada ingenuidade. Demais sabe-se que os indios da nação *Coroados*, tambem chamados *caingans*, e os de outras tribus, usavão de uma qualquer esquirola ou uma maxilla de piranha, afiadissima, como empregavão os *crichunas*, ou de afiada taquara — *chusquea* —, para a tonsura da barba, *endiva*, quando não arrancavam, fio a fio, esses pellos assim como fasião com as pestanas — *ceça-titic*, e sombracelhas, *ceça-pecanga*, e dos cabellos *napequin*, e para cortar o cordão plascentario aos recém-nascidos, funiculo, umbigo, *pornam*, empregando tambem essa simulada navalha. Para o córte do cabello e cordão umbilical uzavam, como dissemos, a faca de taquara, ligando logo após com linhas de fibras vegetaes ou fios de algodão e empregando como tratamento o oleo da leguminosa copahyba, frio ou quente, como cicatrizante, não havendo absolutamente corrimento lochial e para sangrias, o dente do peixe pirayanara, como nos diz o illustrado Dr. J. Barbosa Rodrigues, em seu importante trabalho, *Pacificação dos Crichanás*.

As mulheres da tribu *Coroados*, que habitaram o Rio Grande do Sul, logo após o parto banhavão-se, assim como os recém-nascidos, isto em qualquer estação, em o correjo mais proximo, resultando desta pratica barbara uma mortandade de 50 %, e as mulheres *Mistecas* vinte dias após o parto, banhavão-se em agua fria ou quente.

O curioso é que as lavagens do corpo em agua de arroio em estação hibernal, não fazia desaparecer ou supprimir a evacuação dos lochios. Os *aleutas*, que vivem no archipelago da America do Norte, entre o mar de Bhering

e o oceano Pacifico, visinhos ás regiões dos gelos do Oceano Glacial Arctico, confins dos paramos polares, dos gelos septentrionaes da America, dão á urina fermentada alto valor hygienico sendo que nessas regiões os *Esquimós*, empregão na criança recém-nascida banhando-a nesse liquido, a agua santa da terra, na phrase de Réclus. Isso nos affirma o illus-

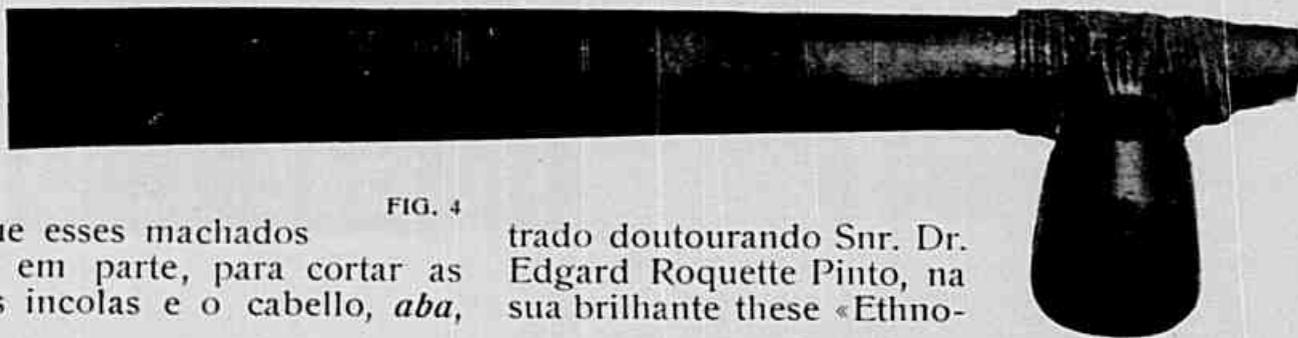


FIG. 4

trado doutourando Snr. Dr. Edgard Roquette Pinto, na sua brilhante these «Ethno-

graphia Americana. Exercício da medicina entre os indígenas da America» trabalho recentemente apresentado á Escola de Medicina, onde acaba de receber o grão, estudo d'onde tiramos algumas notas. As mulheres da nação *Coroados*, ao sentirem as dôres de parto, prostam-se de joelhos, agarram-se a um galho de arvore até expellir o fêto o mesmo praticação as mulheres da California meridional; prezas a esse apoio, forcejão, saltam, até expulsão completa. O cordão umbelical é ligado com um fio de pelle de gamo, cortão-no com faca afiada e sobre a ferida da secção passão uma braza, e os *Caraïbas* cortão o cordão umbelical pelo choque de duas pedras.

Perdura ainda em algumas tribus a pratica da *Couvade*, chôco, que é nada mais nada menos, do que ficar o marido, quando dá-se o nascimento da criança, sujeito aos cuidados que se dispensão a uma parturiente, entregando-se esta aos seus trabalhos domesticos, emquanto que o marido fica no leito sob dieta de gallinha e caldos que lhe é ordenada. Essa pratica tambem é observada entre os Californeos, indo os maridos para a rêde ficando sujeitos tambem a regimem dietetico.

O medico no imperio dos Incas, reputava como medicamento das molestias infantis o cordão umbelical e o couro da Anta, empregado como excellente anti-epileptico. Nas tribus pertencentes á familia *Tinneh* a dos «Carriers-Tacullíes» de Nova Caledonia, o medico quando entra no quarto do enfermo recebe certa gratificação que será restituída si o doente não melhorar. Emprega tambem o medico o canto de triste melodia como meio de curar e entre os *Nootkas* o esculapio só é pago em caso de bom resultado; não se paga o trabalho e sim a cura. Os *Chinooks* maltratam o medico, moem-lhe os ossos á páo ou matão, se morre o doente.

Em os *Wascos*, dá-se o assassinato do medico pelos parentes do defunto cliente em caso de insuccesso e Azara diz que os medicos espantão a molestia com berros atroadores e sons estridentes tirados de uma cabaça. Entre os *Apiacás*, tribu do Estado do Matto Grosso, o cacique e pagés tem grande autoridade, e o medico entre, elles cure ou não os enfermos, tem direito a todos os bens e são mais exigentes nos casos de molestias internas, observações estas feitas no seu brilhante trabalho publicado no «Kosmos» pelo professor Dr. Domingos Sergio de Carvalho. Voltando aos machados, ao typo que tratavamos que eram os quadrangulares, diremos que são elles designados, geralmente, por todos nossos patricios estancieiros pelas campeiros zagalos, moradores na Costa do Estado, paragens estas banhadas pelo Oceano Atlantico,

pelo nome de pedra de corisco ou raio, e assim largamente conhecidos com essa denominação. Isso observa-se desde a povoação de Mostardas até S. Domingos das Torres, limites maximo do nosso Estado. Interessantes são tambem os machados entalhados, figura 5

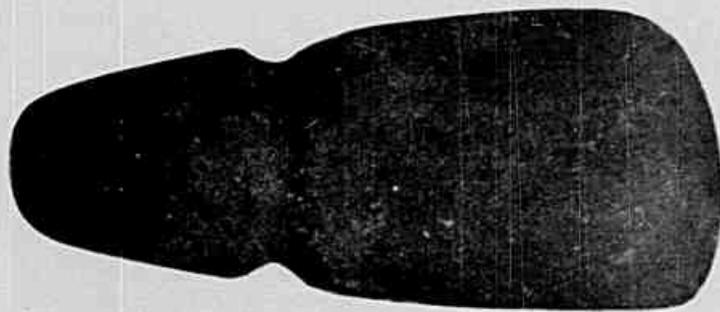


FIG. 5

de pleonolito reduzido a 2/3 do tamanho natural assim designados por terem na parte oposta ao córte e aos flancos lateraes, perfeitamente marcados com duas pronunciadas canelluras, para deste modo serem introduzidos no elevado feito na madeira destinada ao cabo e depois, revestida esta parte com fortes liames de fibras, como a do buruty — *Trithrinax brasiliensis* — gravatá — *grande bromelia*; *tucumsis astrocarium* — *tucum*, *tracuans* ou *imbé* — *Philodendron imbé*, familia das aroides, e *imbeira-xilopia frutescens* — Essas ligaduras são algumas vezes revestidas de betume *Ycyca* ou de gomma, resina do pinheiro — *Araucaria brasiliensis*, crusadas em sentido das aberturas; e habi'mente feito esse trançado com grossos e delgados liços.

Afirmava-se, que essas mossas eram abertas para apoio dos dedos index e pollegar; porem, está de ha muito provado que eram elles encabados como se vê nas figuras 3 e 4, sendo o ultimo exemplar dos indios *Bororós*, nação que vive visinha ás tribus *Caiapós*, *Guachis* e outras occupando uma vastissima zona no Estado de Matto Grosso.

Por benevolencia do illustrado director do «museu Julio de Castilhos», Sr. Dr. Francisco Rodolpho Simch, damos aqui a estampa desse artefacto, assim como de outros.

Algumas vezes esses machados eram usados adaptados perfeitamente a uma forte estronca, especie de forquilha de pau, *Ybyracamby*, e habilmente cravados e bem firmes, á custa de fortes fibras textis.

A importante e velha revista ingleza «The Illustrated London News», em um dos seus ultimo numeros do anno findo, estampa, algumas artefactos indigenas, com designação de restos de louças dos habitantes das cavernas, figurando ahi um machado perfeitamente semelhante aos nossos, quadrangulares e varios fragmentos de ar-

tefactos, textis, interessantes e identicos aos encontrados nos nossos sambaquis.

Ainda em assumpto attinente a machados providos de sulcos ou entalhes, ha uma variante notavel nesses artefactos e digna de nota, assim é, que teem sido encontrados no Estado alguns specimens, com duas fissuras perfeitamente pararellas entre si, como representa a figura 6, tamanho natural, artefacto de diabase e encontrado na costa da Lagôa da Cidreira, municipio da Conceição de Arrôio, tendo ao centro uma pequena cavidade para quebrar caroços. Outros tem sido encontrados com muitas aberturas ou regos como é exemplar de diorite, reduzido a 1/3 do tamanho natural, que tem cinco fendas de um lado e do outro seis chanfraduras e reproduzido na figura 7. Esta bellissima peça foi en-



FIG. 6

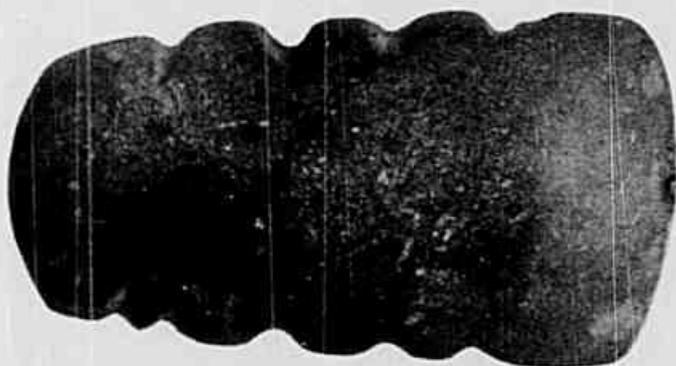


FIG. 7

contrada pelo Sr. Jeremias Machado em umas raizes de figueira do matto, — solapada por forte cheia, levada d'agua que a descobrio. Aqui o photographamos devido a obsequiosidade do Dr. Ignacio Alves Pereira, proprietario da fazenda do Salso, situada em uma das margens da Lagôa Mirim, municipio do Rio Grande do Sul, onde foi elle achado. Este artefacto pertenceu naturalmente á numerosissima nação dos indios *Tapes* que habitou aquella região, e que lá foi ablezada. Destes machados com chanfraduras, muitos teem sido encontrados de grande talhe, peso consideravel, e algumas pequeninas tetéias, verdadeiros penduricalhos como o representado na figura 8. Sob o n. 378, reduzido a metade e de silex, trazido da Colonia São Lourenço, vizinhanças da cidade de Pelotas. Delicados berloques estes que poderiam servir como quimbembèques ás moças, ou como brinco aos garotetes indios.



FIG. 8

Ainda nesse genero de armas de guerra, machados, conhecemos uns de formato cambudo ou adunco, que infelizmente não nos foi

possivel dar a estampa, de gume acerado, polimento cuidadoso e na parte destinada ao encabamento, a pedra está lascada, talvez para maior apego do machado ao cabo e resistencia aos golpes.

Dão pallidamente esses artefactos uma vaga idéa dos de fórma crescente ou semilunar, rarissimos, e que adiante faremos referencias.

Passemos agora a um typo curioso e interessantissimo, os machados circulares perclusos que, representam a joia da ethnographia riograndense, e, occupão lugar proeminente esses machados redondos — *púa*.

Notaveis os incolas sul americanos evidenciarão-se no trabalho desses specimens curiosos pela belleza de fórma, certesa mathematica na circumferencia, bórdas afiadissimas, polidura esmerada, e precisão na abertura do orificio, que, de ordinario alarga-se do centro para as bórdas, como o representado na figura 9 de melaphyro e reduzido á 1/4 do natural, em summa feitas com esmero, essas bellas peças perfuradas que sómente, ao que nos consta, teem sido encontrados em

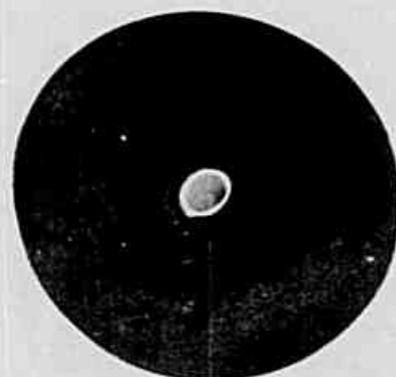


FIG. 9

territorio rio-grandense. Que estupendo trabalho e enorme esforço representam esses specimens, em fórma de disco, para o rudimentar artista mormente tratando-se de tribus que aqui viveram affrontando algumas nações nomades que vagueavam pela vastissima Costa do Estado, indifferentes ás asperesas do nosso inclemente e rigoroso clima, frigidissimo na estação hybernal, e lutando sem treguas, contra tribus rivaes. O Dr. Florentino Ameghimo, notavel cientista, director do Museu ethnographico de La Plata, na Republica Argentina, denomina esses bellos specimens de «bola circular apigerada».

Um ethnologo erudito affirmou que esses artefactos deveriam ser empregados como pedras de funda ou pesos para rêdes de pesca; entretanto, crêmos ser inacreditavel que esses minerios trabalhados, com tanta difficuldade e esforços, fossem empregados em tal mister.

Demais, sendo, como foi, densissima, a população indigena que habitava as regiões praias do Atlantico, em tempos de estio, de pescadores de rêde — *pyça-itycára* — moradores das ocas e tabas das serras e alimentando-se quasi exclusivamente de peixe, são ahi muito raramente encontrados esses artefactos. Tambem um illustre director de um dos mais noveis institutos scientificos da União, denominou

esses artefactos de pedra ou bala de funda em vista de preciosas informações que diz ter recebido de um velho Capitão do exercito, que, durante a guerra com a Republica do Paraguay, vio os indios charruas uzarem dessas peças como balas de fundas, trazendo-as penduradas á uma corrêa de tres ou quatro metros de comprimento, e chamando-as o referido Dr. de *trochos*.

Entretanto, é corrente que essas peças eram empregadas como armas de guerra na monterria da anta (*Tapyrus americanus*) morta em plena corrida, na da capivara — porco d'agua, na do pecari ou *caêtetû* — peças de caça estas apreciadissimas, especialmente a Anta, que, além da excellente carne (*sôô*), do caehaço ou toutiço (*atuba*) é saboroso e conhecido pelo nome de *cacho* dá também o couro (*piré* ou *coô-pirera*) resistente, de muito valor e utilizado em muitos misteres. E' sabido o meio simples, original e pratico do modo como encabavam os nossos indios essas armas.

Escolhiam um galho na floresta dando preferencia modesta á cotia, — ou ao páu-ferro — perfeitamente recto e isento de escrescencias lenhosas e cuidadosamente introduzião o machado em vigoroso rebento, adaptando-o á madeira. Como é natural, tempos passados o galho desenvolvia-se e com o auxilio expontaneo da natureza ficava o instrumento perfeitamente adherente ao lenho, preso de modo admiravel e, uma vez annullado o que era desnecessario e cortado o preciso para o cabo, uma arma obtinham temível. Não ha por em duvida a sagacidade e atilamento dos indios, pois eram em algumas tribus em extremo intelligentes e arditos. E' conhecida a astucia e engenho que desenvolvião para subir ao alto dos nossos gigantes pinheiros — em busca dos preciosos os pinhões, — sementes muito apreciadas. De um forte cipó faziam resistente trança abraçando esta o tronco da conifera e o indio pela axilla, formando entre ambos um circulo resistente e segurissimo. Apoiavam os pés no tronco, mãos postas e seguras na rodilha do cipó, impulsionando a mesma e aos pinchos, jarretes retesados, artelhos firmes, dorso erecto, iam ao alto desses collossaes vegetaes das nossas florestas, á procura das valiosas amendoas que comiam assadas ao borralho.

Outros talhavam pequenas cavidades, e quidistantes, no tegumento, casca grossa e esponjosa do pinheiro, á semelhança de escada, *mutá-mutá*, para facilmente subirem ao alto e conseguirem a estimada fructa, ou mesmo em caso de espionagem a tribus visinhas, para evitarem sortidas, e deste modo conseguiam alçar-se ao cimo desses gigantes. Evitavam surpresas de guerra com refinamentos de argucia, servindo-se destas altas plantas como ata-

laias. Voltando aos machados circulares perclusos, o damos a imagem de mais um, bellissimo, oriundo do Rio grande do Sul perfeitamente caracterizado e vae ella representado na

figura 0, num decimo do natural.

Outro typo de machados de manufactura indigena que vamos descrever é uma especie de cutello, *Kyoê-guassú*, ou catana bellissima, de notavel formato e um dos poucos encontrados

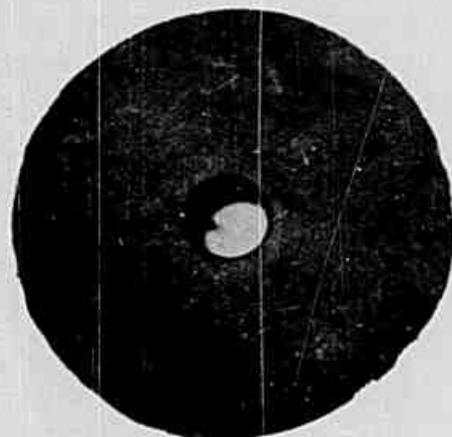


FIG. 10

neste Estado. Estas esmeradas peças d'arte, producto de nossos incultos selvagens, representam o pólo opposto ao nadir; o zenith — têm elegancia e fino gosto, artistico. São conhecidos pela designação de semi-circulares ou lunares tendo a fórmula de crescente.

Os machados de combate, são raramente encontrados no Estado e primam pela fórmula difficil, pois tem polimento paciente, córte afiadissimo e estão ligados á idade neolithica. A darmos credito a informações fidedignas, só tres exemplares foram até hoje encontrados em territorio rio-grandense, sendo que um em o municipio de Pelotas, outro que figura n'uma

das revistas do Museu de São Paulo, volume I, como oriundo do Serrado Herval, e o terceiro que aqui representamos em

um *croquis* sob a figura 11, visto ter-se extraviado este preciosissimo artefacto que pertenceu ao mallogrado e immortal

patricio Dr. Julio de Castilhos, tendo recebido elle essa preciosa dadiwa, em o anno de 1897. Foi esse rarissimo artefacto luni-

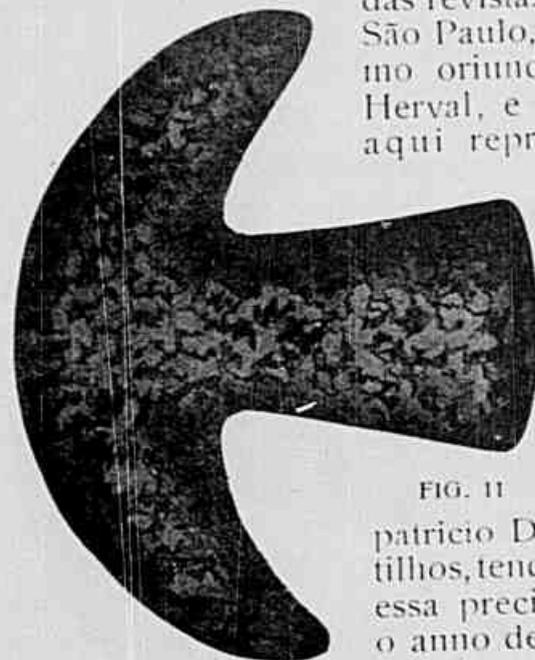


FIG. 11

forme, de maximo valor, duplamente historico, encontrado na margem esquerda do arroio Barric, afluente do rio Nhucorá, confluyente de Uruguay, lá para as bandas do norte do Estado. Crêmos que não são de confecção das tribus que aqui habitavam, e sim de adustas regiões do norte do Brazil, e vieram ter aqui

como algum artigo de presente ou tomado como despojos de guerra de outras nações ou perdido em correrias feitas em região rio-grandense por tribus que habitavam como dissemos, o Brasil septentrional.

Vem fortalecer nossa opinião o que affirma o illustre ethnologo, Dr. Carlos Frederico Harth, que descrevendo artefactos de pedra do Museu Nacional, diz, que taes objectos, pertenceram á numerosissima tribu de indios *Gaviões* nação que habita os sertões do Pará e Maranhão, ás margens do Tocantins, tendo por visinhos as tribus *Caracatis*, *Cherentes*, *Carajahis*, *Caiapós*, *Guarurás*, *Manis*, *Mundrucús* e outras. Não pertence tambem esta classe de artefactos ás numerosissimas tribus dos pampas da Republica Argentina e Estado Oriental do Uruguay, isto assevera o Dr. Hermann von Ihering em um dos seus ultimos eruditos trabalhos. Pertencem essas armas talvez aos *apiacús*, nação que vive nos sertões do Estado do Matto Grosso, sobre a qual escreveu um trabalho o professor do Museu Nacional, Dr. Domingos Sergio de Carvalho.

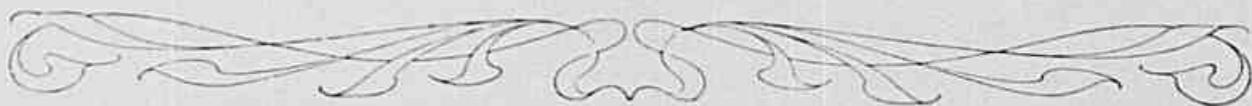
Esses objectos eram frequentemente feitos de porphyro, diorito e outros mineraes, porém de preferencia usavam o ultimo citado, pela abundancia que ali ha e facil factura sendo encontrados desde o Mexico ao norte e Centro do Brasil. Eram encabados, introduzidos á força na madeira e esta junção, externamente era com cuidado revestida de tranças de fibras e alguns eram ornados nas extremidades com franjas habilmente tecidas, elmos de pennas de côres variegadas e o que figura o Dr. Carlos Frederico Harth, tem uma bandoleira de fibras para ser conduzido a tira-collo. Como se vê, tem elles o formato de uma ancora ou meia-lua, na secção transversal o punho pode apresentar uma elypse achatada e as vezes é biconvexo com as beiras aceradas, tendo de ordinario, estes gladios, na extremidade do punho—*tang*—pequenas saliencias lateraes embotadas, rombas, para facilmente dar mais apêgo ao cabo. Seriam estes artefactos usados talvez como machados de combate e são semelhantes aos machados celtas, povo da raça caucasea que

espallhou-se por quasi toda a Europa, ou as fochas, typo de machadinhas que antigamente eram empregados na guerra. Estes alfanges ou Yatagans, notaveis pela interessante morphologia, são reputados preciosidades rarisimas e verdadeiros primores d'arte pela beleza de contorno e orlas brunidas. Alguns são simplesmente encabados sem adorno como o que representa o Dr. Carlos Frederico Harth, com a designação de machado de Montezuma, imperante que foi do Mexico 1502—1520 e que figura no Museu de Vienna d'Austria, em tudo semelhante aos nossos que são cepilhados com alinho e summo cuidado, luxode confecção e adornos, além de serem perfeitamente adherentes ao cabo e supportarem violentos choques. Por ultimo typo, encontramos os machadinhos de ferro, passando assim da época da pedra lascada e polida para a do ferro, deixando de permeio a do bronze que crêmos não existir no Rio Grande do Sul. Tem elles a fôrma quadrangular, alguns de ferro doce malhado a frio com uma pedra dura sobre outra, estreitando-se ligeiramente para a parte contraria ao córte, resistentes e são post-columbianos e equevos das pontas de fléchas, tambem de ferro, arrecadadas aqui e acolá. Nossos incolas obtinham esse metal com sortidas nas povoações, e empregavam chapas de ferro de engommar. Eram elles empregados pelos nossos aborigenes para rachar madeira ou outro qualquer trabalho resistente, pois tem a extremidade adversa ao gume, que é bem preparada e amollada, perfeitamente achatada, amolgada, vendo-se os rebitos produzidos pelo embate de pesado instrumento, estando ella eminentemente, rebitada.

Eis em breve traços a descripção e simples, succinta que, como modesto subsidio para o estudo da idade de pedra no Brasil, fizemos dos typos caracteristicos dos machados, armas de guerra dos aborigenes, que, em tempos os mais remotos, habitavam esta parte do Brazil.

OCTACILIO BARBEDO.

Rio Grande—907.



# Agonia por Semelhança

**P**AULO fechou sobre os dedos a brochura verde do Pantheu, cansado do esoterismo subtil de Pedadam, espreguiçou-se, bocejando, no recosto da ottomana, e, na calma clara desta hora espraiada do meio-dia, entre paredes nuas de um quarto forrado a novo, d'uma simplicidade distincta de recém-aboletado, fitou por acaso a mancha a dois tons de um lenço de seda negra, esquecido sobre o marmore cinzento do toucador.

A' luz igual, coada pelos stores cremes, a negrura azulenta do lenço feria um contraste imagético de corvo morto na riqueza viva da porcellana rosea do serviço, e parecia um bizzarrismo de esgotado em busca de impressionabilidades chocantes e imprevisas o singular despojo do tiro feito pela manhã no asseio daquelle movel de quarto, intacto de uso pela tonalidade branda da ceragem moderna do severo carvalho, cujo tampo resplandecia o cuidadoso polimento das manufacturas a capricho.

E ficou-se a contemplal-a n'uma fixação sonhadora, que lhe alquebrava a decrepitude prematura da physionomia entediada por onde as nauseas da vida de trint'annos, inerte já para a saciação de seu espirito fatigado, encarquilhavam despezos e consumiam a frescura epidérmica dos acobertados das miserias.

E por elle, como se fosse um crepusculo outomnal que ascende da terra vaporizações cinzentas de almejos desilludidos e desce das alturas nevoamentos roxos de saudades acordadas, esta mancha negra e immovel veiu dominal-o, a encontrar-se com as floccosidades baixantes de seu intimo, atormentado sempre nas indagações e duvidas hamleticas de uma psychopathia scandinava, brumosa como os horizontes hibernaes dos mares longinquos do extremo norte. E quando se fundiram as duas errantes nebulosidades — a resalta da objectividade do lenço negro, a expellida pela subjectividade febril do seu espirito agonico, uma fórma se condensou na fusão extrema, fórma rubenesca de mulher veripotente, sadia da idade productiva, com albores lacteos em crystaes pálidoamente sanguineos, trevores caliginosos de olhos incendidos e uma severidade fantastica do palladium de luar boreal sobre toda a cabeça. tocando de velhice o que era palpitantemente moço, palpitantemente forte, palpitantemente desejavel.

Des'logo essa transfiguração pousou na sua attentiva, em vago debuxo visionado 'té o

anel da cinta d'onde tufavam nitidos os fortes quadris adipcosos encurvando-se para os joelhos n'uma opulencia linear de amphora, despertando amplexos carinhosos de braços sensuaes pelo accuso vigoroso das fórmas sob o fidalgo reluzir da seda.

Paulo quédou a reparal-a, calcando com investigação o amplo desenho do corpo, como se decalcasse do original uma cópia fidelissima de pynacothéa, seguindo, amoroso e lento, a flexibilidade angular do suporte abdominal aberto em bifurcação schmatica de um caule aphrodisiaco e fecundo — descendo empós, lento e amoroso, ao rigido delineamento das coxas serenamente lançado n'uma pureza apaixonada de molhagem attica, tumida de tendões, dura de musculos, com as plethoricas academias flamengas, apothese épica da carnalidade apolentada das mulherças robustas d'Anvers e da Flandres.

Já na rede memorativa, tinha-se-lhe entumecido uma cedula reminiscente, associando a visão a uma fugitiva, apagada lembrança de corpo semelhante que se esbatia, se defundia em residuos sépiosos de abandonada fusinagem secular, e seu espirito febricitava no desejo de evocal-o desse passado que lhe ficára em retalho no amontoado das recordações, despresado entre sensações gozadas.

A' proporção do esforço a reminiscencia afastava-se, insubstanciava-se, diaphana, reduzida, quasi incolor, desesperando-o pela inaccessibilidade, suppliciando-o pelo reaparecimento.

Mas teimava na doentia procura da recordação, forçando a memoria para coordenar uma imagem igual, uma, esquecida já talvez inexistente imagem, se não fôra a persistencia desta visão que se lhe antojára sempre e se lhe antojava hoje, mais vivida que nunca, mais remittente, mais lucida, perseguindo-o como um remorso, espectro vingativo de quem quer que fosse, obstinando em se fazer saudoso como uma sombra somnambula, deslisante e melancolica de esposa morta no esfalfamento sonhador de um nupcial de uma noite, e que elle agora desejava reconstruir, chamar a si, recompol-a, revivel-a com toda a intensidade de vida que tivera... la recordando aos poucos, aos poucos ia lembrando; ia refazendo, ia remodelando aos poucos, aos poucos... e lentamente, e vagarosamente, parecia-lhe distinguir, muito longe, alguem semelhante a quem elle procurava pacientemente, a quem elle rebuscava persistentemente, dolorosamente... Aventuras de estudante... Um dia em Berlim... uma saxonia amorosa... Aventuras de rapaz... Deveria ser isso. Tão fraca se desprendia da memoria a torturante imagem desejada que elle apenas, unicamente, a sentia sem a ver. E reprocurava afflictivo, retrocedendo ao passado, aos tropeços por escombros de recordações, perdendo-se no reconhecimento de formas exhumadas, palidos

escaveiramentos de gozos extinctos, que cerravam a dentuça na algidez desesperada do olvido, pasinando as orbitas vazias n'uma loucura de terror eterno; farrapos esqualidos de brancuras arminhentas de ideaes succumbidos, sudarios esfrangalhados de crenças perdidas; casos que existiam para sua vida como fatalismos, accidentes por que passára, tudo que tinha rolado na desagregação dos annos e de que já perdera a noção vinha estorvar-lhe o retroceder ancioso para a distancia incalculada onde permaneceria serena, impertubavel como um idolo budhista, plantado á porta de um relicario, essa mysteriosa figura de mulher sphingica, aguardando impassivel a satisfação da semelhança procurada.

Cansado pela acuidade de penetração; agoniado por tornar completa a recomposição do typo, inutilmente transcendia do apparecimento desse pedaço de corpo para a fluidificada miragem que persistia formar nas suas reminiscencias, revolvendo pelo mesmo fio relembrador á imagem primitiva, ora inda mais accentuada, vivendo em plena vida n'uma realidade pavorosa de mutilada.

Ahi, nestes repletos quadris, larga bacia de fecundadora proeminenciando a fartura abahulada e orgulhosa de um ventre fructificador, elle sentia o quer que fosse de alguém, talvez dessa saxonía, mulher carnúda, de uma robustez pagã para a multiplicação da raça dos fortes e dos musculosos.

A outra deveria ter sido assim — ancas rigidias, solidas plantas. De pé, dominando a cantina charlarenta, entre novellos nevosos de fumaradas grisatas, arcabouçava o talhe monumental de uma Germania cortada em marmore... Mas o busto!... o busto!... E firmava a penetrabilidade imaginativa a tentar a completação do desenho. Subito mais difficil se lhe fazia a esculpturação do typo memoriado, e parecia-lhe afastar-se da aproximação por differenças flagrantes de contornos.

Impalpavel, ethérisado o corpo daquella que em vão buscava; real, maravilhosamenté modelado o corpo desta que se lhe não despejava da retina. O outro, o procurado, surdia-lhe agora da confusão reminiscente, em pequenas partes, pedaços que se multiplicavam e se succediam infinitesimalmente — curvas ladeadas de quadris, ora deprimidos com os dolorosos rachitismos de illiacos adolescentes; ora abundantes, rudes, da superabundancia carnal das aldeãs gigantescas, desenvolvidas no afan quotidiano dos trigaes e pelos remansos bucolicos das esmondas provincianas; tóros de pernas — já fragmentos de colossos, avolumando, retegando as vestes; já sumidos canellos, tibias descarnadas, macabrando na mortalha bamba do vestido... E esses retalhamentos de evocação subtilisavam-se, tenuisavam-se, lavrando nuanças atmosphericas por onde voltavam na mes-

ma ordem caminheira de pesadelo, deslizando fantasticamente por seus olhos, sempre continuando o curso espectral de renovação sobre seus proprios esvaicimentos.

Uma fadiga amolentou-lhe o cerebro, atirou n'um impeto a brochura para longe, soergueu os hombros arrancando-se da ottomana. Era horrorosa esta perseguição! Desde que o seu extravagantismo de nevrotico impulsionara-o á conquista daquella mulher, vivia neste tormento de memoria, gozando a magua de não gozar, porque esse gozo se transformára n'uma amargura investigadora de semelhança que não apparecia e que existia, fosse por supposições allucinantes da imaginação, ou fosse pela verdade despertadora de uma recordação empalidecida, macerada na coma consuptiva da faculdade rememoriativa ou gangrenada nas agitações de uma vida extraordinaria de doente.

E dia por dia peregrinou por esta preocupação de descobrir a afinidade existente entre a amante excentrica de hoje e alguém que vivera intimamente consigo e lhe deixára o traço semelhante consativamente rebuscado, té que, por uma manhã de amor, notando-a attentamente, reparou que o busto acordava vagas recordações de alguém. No momento a memoria crepitou, cansada; mas, sósinho, estatelado na cama, o cigarro fumarecendo ao labio a queima olorente de tabaco d'Aleppo começou a analysar aquelle busto farto de mulher, travez as sedas do vestido, activando as recordações para a satisfação do desejo.

Pelo busto parecia-lhe chegar ao resultado querido. Sobre tudo a garganta, de uma alvura fresca de linho novo, mas roliço como um torneio de Parhos para o suporte de uma cabeça mythologica do hellenismo, impressionava-o irradiando por seu cerebro um calor revigorante de trabalho. A' base do pescoço, a cava da junção do sterno mastoideneano, lembrava uma bella garganta bem amada, rico aparelho de sonoridades de contralto por onde se evolavam em fios de ouro e gottas de diamantes as notas inspiradas das musicas de Meyerbeer e Wagner, tecendo em derredor de ouvidos delicados rendilhamentos rutilos de amores e saudades.

Elle conhecera uma garganta semelhante, e mais a aproximativa valorisava-se pela correspondencia igualitaria do cólo, cólo regio, digno de tão lindo pescoço, cólo feito para offegos lentos de paixão, nú, coroado das espumas valencianas de um decote de gorgorão azul, ao soro luminoso das stearinas de enormes lustres resplandecentes dos salões de luxo. Mas, onde?... Onde?... Esculpturava então os hombros, a altura carnúda do rebôlo, a linha contornada do braço, as cavidades gorduchitas dos cotovellos roseos e o enlace elegante dos ante-braços cujas mãos tinham o caracteristico chirognomonic das mãos de

prazer, molles e voluptuosas. E concentrava-se n'um recolhimento de scismas, carregado pela condensação nebulosa das lacubrações emmanhadas, agoldamentos cinzentos de tempestades formadas, laivando em jalde, os horizontes de ocasos veramicos ou vascas phosphorecentes de calmaria... Na adolescencia, quando o organismo recebia os primeiros saculejos da virilidade apontada, conhecera uma mulher... que deveria ter sido assim, com aquelle busto, com aquelle pescoço... talvez fosse uma tia, diante de quem passara horas a notar, a namorar, silencioso, n'uma idolatria de desejos, a belleza radiosa de flôr aberta donde se exhalava o aroma sensual do Peccado, criminosamente penetrante, deliciosamente convidativo... Era-lhe como um loctus negro esse busto vestido na mesma seda preta, realçando o mesmo pescoço branco.

E essa corola lugubre, desenhada no vago desmaio de allucinação hemiopica, metamorphoseava-se na fantasmagoria de uma florescencia descorhecida, brotada na vasa do Asphaltite, boiando sem rumo, presaga, estranha, vagando sobre a quietação bitumosa das aguas malditas.

De repente, o busto forçado á illusão depreciava-se em placidez estafada de impudicices a preço. Um dissabor amolecia-lhe os nervos, humilhava-o.

De balde queria fugir ao desespero dessa obsessão, esquecer a impertinencia morbida da semelhança prejudgada, mas a energia alquebrava-se-lhe vencida pela hyperexcitabilidade; e se via essa mulher o prazer de possuil-a mudava-se no tormento de aproximal-a a alguem que lhe enfermava o espirito, que rastejava por dentro d'elle, cascavelando a presença lethal do virus, e estendendo na sua alma o silencio angustioso dos isolamentos oceanicos aos prenuncios dos cyclones.

E um dia, rebuscando essa semelhança teve a visão de uma cabeça colorida, largo rosto de matrona a fazer-se, olhos insidiosos sob impulsos puberes da idade primaveral e neve sagrada de avó na cabelleira lançada para o alto, em apanho cuidado de granpos de ouro, com requintes moços de conquistas premeditadas.

Pareceu-lhe lembrar-se mais nitidamente de alguem. Existiu quem quer que fosse com aquella cabeça... E procurava soffrego, queimando de febre pela labyrinthica tecedura do estafante rebuscamento de recordações, essa apagada visão errante, espectral, voltando sempre, sempre fugindo, de que elle se despegára e a que se fundia, temendo-a, desejando-a, porque se procurava o ruido insupportavel dos Rudes e dos Escandalosos o spleem do refractarismo absorvia o, encerrando n'uma jaula clausural de nojo, deslocando do seu ambiente o torvelinho da Risada e da Claridade para

leval-o á percepção desse fantasma indeciso, monomaniaco, vesania irritante de sombra criminosa; porque se procurava o exclusivismo sympathico á sua idyosincrasia doentia, querendo, invocado o avenesma de suas allucinações, elle tardava, apparecia incolor, pairava em movimentos transitorios de abutre farejante, essencialmente em remotas fumegações de turibulos funereos, ou reaparecia redemoihando n'uma duplicidade incomparavel de formas para a deformidade indefinivel das medusas. Rictus-clowineos de caveiras riscavam-lhe os talhos labiaes amorarizando-lhe a bocca como uma cisura traumatica.

Mas as pausas de cansaço, que se lhe afiguravam socego, remordiam-se, desenrolavam-se em stortegões, e como sempre partia inutilmente ao encalço da semelhança, louco, luguubre, lendario, desordenado Lear pelas estradas agrestes do incontravel, esfarrapado, angustiado, sangrando de ursas, por noites e por dias a clamar, a gritar dentro de si proprio, por esta semelhança regressa e dismnésica; a querer saber quem ella era, a perguntar quem ella seria, sempre, sempre, angustiosamente rolando de indicios para indecisões, delirantemente arquejando por aspectos e formas, e como se clamasse n'uma nave vazia e como se inquirisse a desolação de um descampado sem luz do sol, sem trevas da Noite, ouvindo o écho de seus gritos, estalando em lamentos, respondendo á pergunta com a sua mesma pergunta, repelida, reproduzida, repercutida...

Um fio phosphorecente apunhalou a tortura de seu cerebro com a lembrança de antiga collecção photographica, guardada entre maços de cartas intimas.

Rapido correu a buscal-as; espalhou-as diante dos olhos tomando analiticamente uma a uma que lhe cahiam das mãos, mudas, inuteis como esboroamentos de velho solar inhabitado, nos charaviscas impenetraveis de dominio extinguido. Uma a uma... e nada!... e nada!... Moças cabeças de raparigas amadas; melancolias expressivas de tuberculosos incipientes; traços saudosos de familia... Uma a uma... e nada!... e nada!...

Indifferentes então passavam por seu olhar estes cartões, amontoando-se, accumulando-se com choques seccos, fremitos murmuros de folhas juncadas, despegadas á passagem ululante dos ventos glaciaes das nevadas. Uma a uma... e nada nada!... e nada!...

Mas, na ultima, um cartão carbonado e fino das officinas de Nadar, onde manchava-se a brancura serena de uma velhice nobre, rompeu estranha impressão que o fez dilatar as palpebras, fixando nelle o olhar.

Alastrou-se nos seus recessos uma quietação de charnéca ao crepusculo morrente, sob um céu implacavel, tetanisado de verão; e oppresso, reunindo a custo as idéas, esforçava-se

por combinar, reter, apanhar todos os traços, os menores, os adivinhados apenas, deste rosto calmo, alta cabeça de Senhora, ostensiva de Virtude, dominadora como uma Eleita, que lhe trazia em prostrações febris a esmorecida, deluída semelhança torturante por onde elle descia á escuridão intermina da demencia.

E por tempo vagaroso esteve analysando este rosto photographado, comparando a honestidade expressiva desta séria physionomia boa com a resfolegante avidéz da outra; o tranquillo olhar veludoso e protector que a carbonagem melancolisava com o esfusiamiento lubrico das grandes pupillas funestas dessa que extravasára o satanismo da carne irritante na hysterica anormalidade de seus nervos... E, bem de vagar, começou a sentir um alivio intenso pela tremura dolorosa das suspeitas, afastando-se da impressão primeira, seguro do valor differencial dos detalhes. Ah! se era de sua mãe este retrato!...

Resurgira. Parecia-lhe ter surdido de uma desconhecida paragem negra de hula, solo infecto de lodo, ambiente asphixiante de charqueadas, por onde collêa um monstro escarado de bostegas putridas, cujas escamas viciosas, esverdinhas e ulcerentas, destilando pús, matraqueiam soturnamente á destenção nervosa do rastejo; cuja carrança feita de um craneo descarnado de gorilla tem clarões orbitaes de brazidos do inferno, e ri, e ri, com a enorme fauce barbara, emmaranhada de fibrilhas chagosas de carne nauseabunda, atulhada de restos macerados da Dedicção e da Honra, besuntada de escuro sangue coagulado, de rubro sangue vivo e de escremento...

Resurgira!

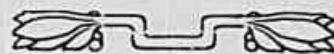
Mas, desprezando a colleção photographica, absolvido, talvez, por este horrivel pesadelo, de vexame e nojo: sacudiu a cabeça no desespero do impertinente rebuscar dessa semelhança utópica, que persistia, que se ficara em seu espirito, pyrilampejando sobre o cemiterio revolvido de suas illusões e soffrimentos onde uivava a pergunta teimosa, agonica, demente: Mas, onde?... Onde?... Onde?... como se, por ironia ás pretenções de indifferente e aos desdems de esgotado, o fatalismo incoherente da vida encarnasse nelle o symbolo da Insaciedade Humana, o eterno Condemnado ás torturas do Além...

GONZAGA DUQUE.



## O BRASIL

Suas riquezas naturaes, suas industrias



EM Dezembro de 1905 o Snr. Dr. Lauro Muller, então Ministro da Industria Viação e Obras Publicas, encarregou o Centro Industrial do Brasil *de reunir em uma obra*, as informações relativas *á todas as industrias exploradas no paiz*, de modo a permittir que se formasse a mais completa e exacta idéa *do que fomos e do que somos, do que fizemos e do que estamos emprehendendo*, de tudo, em fim, *que pudesse pôr em relêvo os extraordinarios recursos naturaes* ou creados da nossa patria, *o progresso que ella tem feito e os esforços tentados pelos brasileiros para satisfazerem á aspiração commum de tornal-a cada vez mais forte, mais rica e mais considerada no convívio das nações.*

O Centro Industrial accitou a incumbencia e redigio—O BRASIL E SUAS RIQUEZAS NATURAES, SUAS INDUSTRIAS—o primeiro tomo já está publicado e comprehende a "Introducção e a Industria Extractiva".

Isso é o que se lê na "Advertencia" ou melhor, prefacio do volume citado, cujo indice resume: "Noções da Historia do Brasil" por Capistrano de Abreu; "O Brasil no seculo XIX" pelo Barão Homem de Mello, "Resumo Geographico" ; "Climatologia" pelo Dr. Henrique Morize" ; "Noções geraes acerca das attribuições do Governo Federal dos Estados e Municipios" pelo Dr. Xavier da Silveira; "População e sua distribuição pelo territorio da Republica" ; "Estatistica de immigração" ; "Direitos e vantagens que a Constituição e as Leis brasileiras garantem aos estrangeiros" pelo Dr. Xavier da Silveira; "Commercio Internacional — Navegação de longo curso e cabotagem" pelo Dr. Vieira Souto; "Finanças" pelo Dr. Vieira Souto; "Industria extractiva — Reino vegetal" pelos Drs. Wenceslau Bello e Monteiro da Silva; "Reino animal" pelo Dr. Benedicto Raymundo da Silva" ; "Reino mineral" pelos Drs. J. C. da Costa Senna e Antonio Olintho" ; "Aguas mineraes naturaes" pelos Drs. Pires de Almeida e Pedro Sanches de Lemos.

Como se vê pelos titulos do indice e nomes dos autores, trata-se de uma importante obra, atirada ao publico com uma autoridade formidavel; o interesse que desperta é immediato e deste tambem não escapei eu, sempre desejoso de aprender.

Não pretendo aqui fazer apreciações sobre as 552 paginas desse util livro, onde, na verdade, muito se aprende; entretanto, a parte



que se refere á Industria Extractiva — Reino Animal, cujo autor affecta para commigo cortez amisade, despertou-me impressões que não devo calar, attendendo quando menos a propria importancia d'esse mesmo livro.

Dividio-o o seu autor do seguinte modo : Pesca — Caça — Pelles — Oleos — Colla — Pennas e Animaes de collecção.

Sigamos, portanto. chronologicamente:

### PESCA

« A pesca praticada no Brasil póde ser dividida mui naturalmente em grande e pequena pesca. — Assim começa o capitulo, e ao envez de definir e ensinar qual a grande qual a pequena pesca — segue o autor:

« Na primeira divisão está sem duvida a mais importante e talvez lucrativa, a do Pirarucú, *Arapaima gigas*, Cuv.) »

Comtudo, parece não ser *Arapaima gigas* de Cuvier, o peixe descripto; senão vejamos. — « Mede 2 m. a 2 m. 5 de comprimento, podendo pesar 50 a 80 kilogrammas. — A cabeça é grande e deprimida anteriormente, o focinho é oblongo e revestido de grandes e fortes escamas osseas. O corpo é grosso e longo, comprimido lateralmente, a lingua é ossea e longa. As nadadeiras são curtas; as peitoraes bastante fortes — as dorsaes faltando, as anaes reduzidas e a caudal vertical e achatada lateralmente sendo em toda a curva superior e inferior bordada de uma especie de nadadeira cartilaginosa, etc. »

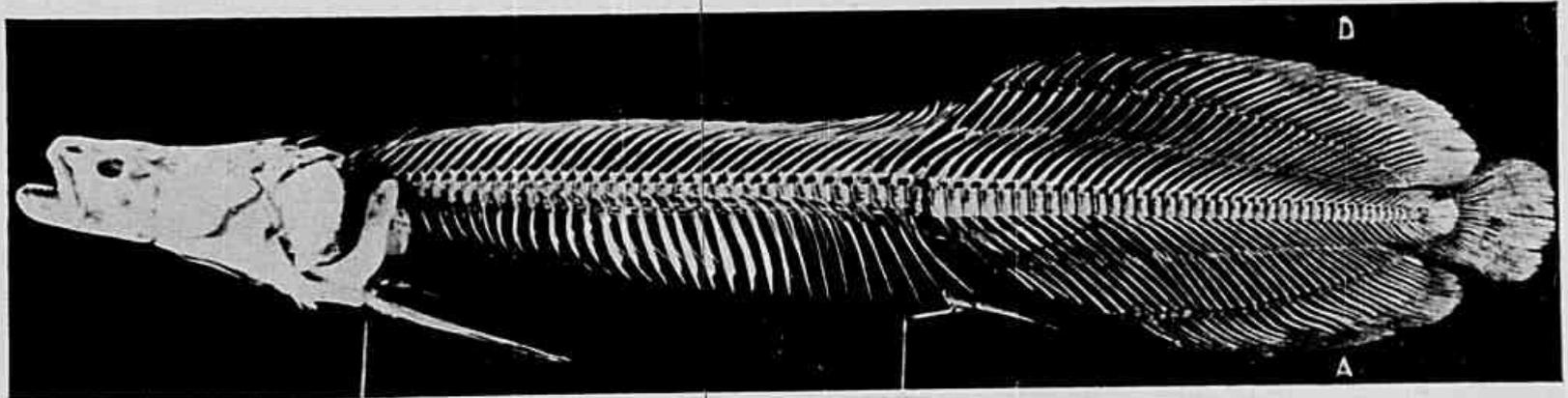
Leiamos:

« O pirarucú (*Sudis gigas*, *Vastres gigas*) é um peixe grande, comprido e volumoso. — Medem os adultos 2 m. a 2. e meio ou pouco mais. — O seu peso bruto é de 50 a 80 kilogrammas, dando alguns de rendimento liquido em carne vendavel, depois de secca, 20, 30 até 40 kilogrammas. — Rarissimo excedem este ultimo algarismo. O seu nome diz simplesmente peixe vermelho como o urucú (*pira* — peixe; *urucú* o fructo da *Bixa Orellana*). Vem-lhe da vermelhidão das suas largas escamas, cuja curva posterior volta-se para a cauda. Tem uma cabeça volumosa, etc.

Possue tambem *barbatanas anaes, faltando-lhe porém as dorsaes*. — *A cauda lateralmente chata, vertical, é em toda a sua curva superior e inferior bordada de uma franja de natatorias cartilaginosas, etc.* »

Assim disse o Snr. José Verissimo no seu livrinho — aliás muito bom — da « Pesca na Amazonia » pgs. 28 e seguintes — a pesca do pirarucú, — donde, de resto, respigou o Snr. Raymundo as melhores flores do capitulo sobre esse peixe.

Quem emite uma opinião deve basear-a sobre dados solidos; diz o autor que a pesca do pirarucú é a mais importante e talvez lucrativa do Brasil. As suas estatisticas dão á Belém do Pará de 1885 á 1893, annualmente, de 674.846 á 1.655.813 kilos de pirarucú, (cujo commercio, diz o autor, está *circumscripto á região Amazonica*); *producto* entrado em Belém, de 93 em



ESQUELETO DE PIRARUCU' MOSTRANDO EM D A NADADEIRA DORSAL E EM A A ANAL; E ENTRE AS DUAS, POSTERIORMENTE, A CAUDAL, ESPATULADA

Ora, basta olhar para um pirarucú para se verificar que não lhe *faltam as dorsaes* e que, ao contrario, não ha *anaes* e sim uma nadadeira anal; e muito menos que a caudal seja «bordada de uma especie de nadeira cartilaginosa» o que absolutamente não comprehendo como possa ser.

Cuidei n'um erro de revisão.

Mas tal não era — não se tratava do erro typographico e sim do inconveniente de se transcrever o pensamento alheio sem citar o autor — O erro não era do Snr. Benedicto, é do Snr. José Verissimo.

diante nada diz. — Mas, é claro que o Pará é o escoadouro da bacia do Amazonas e portanto deixemos de parte nugas para comparar, com justiça, os dados offercidos. Aquelles algarismos dão por média annual 1.165.329. Comparada essa média com a exportação de «um só dia do Municipio de S. João da Barra», temos «exportados para o nosso mercado 1.500 robalos. — Se dermos 1 kilo para o peso de cada um d'esses peixes (que attingem a mais de 15 kilos) teremos 18.000 kilos de robalos por anno, dando que só se pesque 1.500 robalos por mez ou 12

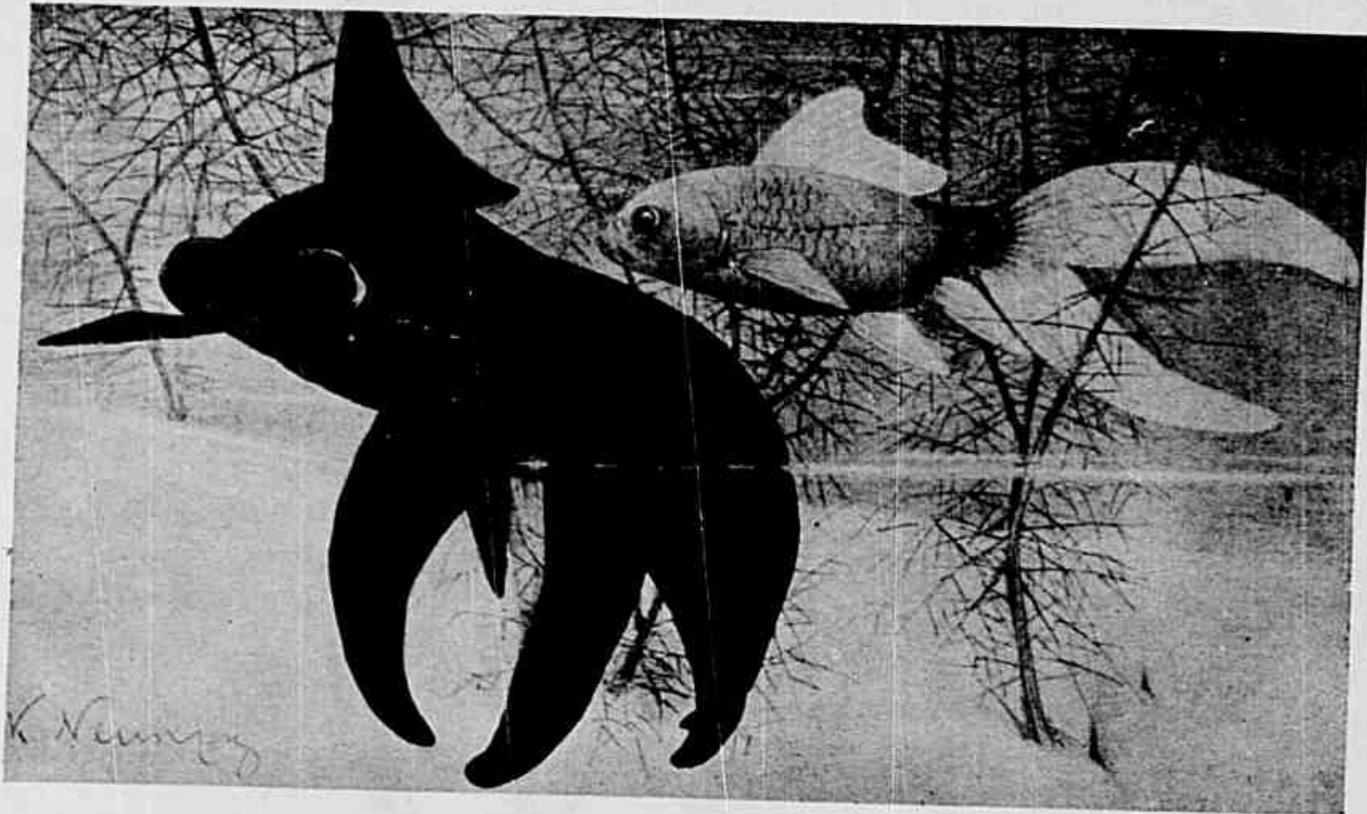


vezes por anno. Mas, como o anno tem 365 dias, segue-se que S. João da Barra póde exportar 533.000 kilos por anno ou quasi 1/2 da exportação do Amazonas e do Pará — conjuntamente.

Agora, veja-se mais que o robalo ou camuri é um peixe que frequenta o mar e os rios indistinctamente; e que a sua area de dispersão vem, no Brasil, desde o Norte do Pará até o Sul de São Paulo; que elle entra pelo Amazonas (fazendo parte do seu «Peixe secco») e afluentes e pelos demais rios que desaguan no Atlantico; basta mais uma localidade como S. João da Barra, para a sua opinião ficar abalada; e se admittirmos pelo menos o numero 7 para media do peso, em kilos, dos robalos, então é que ella vae mesmo aguas abaixo, só com a exportação daquelle ultimo logar

tarefa que só agrada ao Snr. Dr. Lauro Muller e á raros outros que não o autor do capitulo da Industria Extractiva do Reino Animal, visto como, isto de citar autores deve ser cousa só propria do Snr. Senador Ruy Barbosa — o melhor é dar tudo como nosso ..

O Brasil existe ha 400 annos; de Zoologos brasileiros, na verdadeira accepção da palavra, tem tido tantos que a totalidade dos trabalhos existentes tem sido feita por estrangeiros... que conhecem melhor a nossa terra do que nós (*Dura veritas sed veritas*). Por fim, sempre apparecem alguns nacionaes que se animam á varar o cipoal tremendo das difficuldades de toda á sorte que atravancam o caminho; — apparecem os primeiros trabalhos importantes, feitos por nacionaes — trabalhos de peso que receberam, dos competentes de alem mar, os mais



*Carassius auratus*; raças domesticas (Telescopio negro, e Cometa branco) obtidas por selecção artificial. Repr. de Bade

Outro dado seu: «A producção de bagres seccos em Santa Catharina regula 1.000.000 de kilogrammas.»

É só o Estado de Santa Catharina que exporta bagres?

E o Estado do Rio Grande do Sul, onde fica?

Qual dos dois exporta maior quantidade d'esse peixe?

Já vê o Snr. Benedicto que lhe faltaram as bases necessarias para ter opinião no assumpto.

\* \* \*

Passemos adiante — Parece que lembrar os esforços tentados pelos brasileiros para satisfazerem a aspiração commum de tornar a patria mais considerada no convivio das nações, — é

encorajantes applausos. — Aqui, passa-se-lhes uma esponja. ... e a perna.

Assim, no capitulo referente aos crustaceos, nem uma citação á magnifica monographia — Crustaceos do Brasil — de Carlos Moreira; nem uma palavra de agradecimento, áquelle á cuja custa o autor transmittio ao publico as designações scientificas que citou.

Entretanto, convem notar que *Scyllarus aequinoxialis* não é Lagosta; a distancia é de familia, isto é — a mesma que vae d'uma aguia á uma coruja. As Lagostas são *Palinuridae*; *Scyllarus aequinoxiales* é um *Scyllaridae* sendo vulgarmente conhecido por Lagostim; este é uma das notas caracteristicas da fauna marinha do Atlantico Occidental, desde Florida até aqui ao Rio. — Tal é o que se aprende no trabalho mencioando. (Archivos do Museu XI, 1901).

Não quero dizer d'onde saíram as designações de pags. 356 a 358. Mas — *Otolithus cayennensis* não é a Pescada, nem *Solea brasiliensis* o linguado.

No catalogo dos peixes do Museu (Archivos do Museu, XII) eu escrevi *Peixe-Dourado* — *Carassius auratus* — Habitat: China e Japão Introduzido na Europa e na America — Comum nos tanques dos nossos jardins publicos e particulares.

Onde vio, pois, o Snr. Benedicto, o Peixe Dourado em abundancia entre os mais procurados no Mercado do Rio de Janeiro? Ainda se fosse na Hortulania ou nos lagos do Campo de Sant'Anna...

Onde ouviu dizer que o Mangangá (*Scorpaena brasiliensis*, Cuv. e Val.), não é procurado pela inferioridade da carne?

Referindo-se á empreza ha tempos organizada pelos Srs. G. Bandeira, M. Bravo e A. Veiga que pescaram com um navio proprio para o emprego de uma rêde, em forma de sacco, arrastado á poupa do mesmo, diz o Snr. Benedicto:

«O systema de pesca seguido pelos nossos pescadores é realmente pouco proveitoso; basta considerar que muitas vezes ao cabo de uma noite de tormentos e perigos, trazem elles apenas *uma pequena garoupa sem grande valor*, simples attestado das fadigas de um arduo trabalho; entretanto o Anie (sic) mais de uma vez provou que *em um curto numero de horas* era possivel capturar *algumas centenas d'esses peixes conjunctamente* com outros não menos delicados e de grande procura nos mercados.»

Quem teve a idéa de aproveitar os serviços da Empreza de pesca do Annie fui eu; quem acompanhou as pescarias colleccionando fomos eu e o Snr. Carlos Moreira; quem publicou os resultados d'essas mesmas pescas fomos eu e o Snr. Carlos Moreira. — (Campanhas de pesca do Hiate «Annie» Crustaceos, Lavoura, ns. 1 a 3 — 1903 e Archivos do Museu, vol. XIII; Pescas do Annie, Peixes — Lavoura — ns. 4 a 7 — Abril a Julho de 1903 — e edição especial da Sociedade de Agricultura para Outubro de 1903 — 1904.)

Ora, o que eu escrevi então, foi justamente o contrario: «Os resultados praticos e positivos colhidos pela observação diaria das especies de peixes trazidos pelo Annie ao mercado da Empreza, *parecem autorisar a conclusão de que não será vantajosa* a pesca com a otter-trawl nas nossas aguas. Sendo sómente arrastada em fundo de lodo e areia mais ou menos plano, só póde *a rêde capturar os peixes* que ali vivem e *de cujo numero estão justamente excluidos aquelles que mais apreciados são* nos nossos mercados e que, pelo seu valor, tamanho e abundancia, deixam em plano muito inferior todos os demais.»

Seguem-se listas de especies scientificamente determinadas e depois as seguintes ponderações: «Como se vê os méros (*Promicrops gattatus*) as chernas (*Epinephelus guaza*) AS GAROUPAS (*E. morio*, *E. striatus*, *E. merus*, etc.), os badejos (*Rhypticus saponaceus*, *Mycteroperca rubra*, *M. bonaci*), os robalos (*Centroponus undecimalis*, *C. affinis*, *C. cuvieri* etc.) não apparecem aqui sómente *E. guasa* por duas vezes se deixou apanhar); e todos os peixes enumerados nas listas acima ou são pequenos ou não primam pela qualidade, etc.»

Onde vio, pois, o Snr. Benedicto, pescar peixes que vivem dentro de tócas de pedra por meio de rêde de arrastão?

Bella propaganda da nossa habilidade..

Deixemos de mão a arte de S. Pedro, passemos á de Santo Humberto:

### CAÇA

Preocupado em citar latim n'uma resenha industrial, o Snr. Benedicto despeja n'uma mistura terrivel, aves e mamiferos, da mesma maneira que fez com os peixes, camarões e ostras. O principal é mostrar que sabe nomes latinos em quantidade.

E n'esta preocupação quasi todas as designações do Snr. Goeldi. — Mamiferos e Aves do Brasil — apparecem de enfiada para atrapa-lhar o industrial. Ora, á pagina 3 dos Mamiferos, transcreve este autor as seguintes palavras de Schopenhauer "sobre a geração dos que lêem e escrevem livros:" «Não ha maior erro do que acreditar-se que é sempre mais certa a palavra escripta por ultimo, que *tudo* escripto mais tarde representa avanço sobre o escripto mais cedo, que *toda* mudança é progresso.»

Assim, succedeu que a maior parte das citações do Snr. Benedicto foram feitas sobre synonymos em desuso.

Por exemplo:

<i>Pipile jacutinga</i> , Spix.	nada mais é que	Cumana jacutinga (Spix).
<i>Molobrus sericeus</i> , Pr. Max	" " "	Molothrus bonariensis (Gm.).
<i>Sittace cocinea</i> , Lin	" " "	Ara macão (Lin),
" <i>carrulea</i> Wagl.	" " "	ararauna (Lin),
<i>Psarocolius unicolor</i> , Pr. Max	" " "	Aaptus chopi (Vieill),
<i>Sicalis brasiliensis</i> , Pr. Max	" " "	Sicalis flaveola (Lin),
<i>Oryzoborus torridus</i> , Pr. Max	" " "	<i>O. angolensis</i> (Lin).

Alem disso, o Snr. Benedicto houve-se por tal modo com as notações dos autores que, quasi todas as que deu estão erradas.

Um exemplo — da pagina 361 á 362 dá elle 41 nomes de aves dos quaes apenas dous estão acompanhados *dos verdadeiros autores* — cerca de 2 e 1/2 por cento!

D'essa maneira, ha de se aprender muito da sua leitura.

E não é só: O capitulo é de caça e já na lista acima estamos vendo o vira. (*Molothrus*

*bonarienses*) a arára vermelha (*Ara macáo*) o canario da terra (*Sicalis flaveola*) o avinhado (*Oryzoborus angolensis*), servindo de peças de caça—Tambem foi citado o Bem-te-Vi, e não sei porque artes escapou o urubú, pois que até as cobras lá estão:

«Os grandes Ophidios são também representados pelas Sucuris ou Sucurijubas (*Eunetes murinus* L) e pelas jiboias (sic), *Bôa constrictor*, L) e Jiboia propriamente dita e *Epicrates cenchris* L, esta chamada Jiboia vermelha e também cobra de veado» etc.!

Isto escreveu o Snr. Benedicto, tratando da caça do Pará—Marajó, n'um paragrapho para onde as "Maravilhas da Natureza do Marajó" do Snr. Goeldi. (Bol. Mus. Goeldi—vol. 3.º, ns. 3 e 4—1902, são transportados sem o seu autor.

E outra—Onde vio o Snr. Benedicto o Porco do Matto occultando-se em buracos de Tatu Olhe que o Snr. Henrique Silva não disse tal cousa no livro (1) donde o Snr. tirou o que ha de melhor na sua caça.

Mas, ha sobre tudo um pedacinho verdadeiramente saboroso para quem goste de caça:

«Tambem são communs Quatis (nome em latim) chamados Quati do bando e—outro nome latino—conhecido pelo nome de Quati-Mondé ou Mundéo; as pacas que algumas vezes pela grande mansidão alcançam avultados preços (encontrados vivos na praça do mercado do Rio de Janeiro). Além d'esses animaes que vimos de enumerar ainda encontram-se em quantidade consideravel: GALLINHAS DE DIVERSAS RAÇAS, PATOS, MARRECOs, PERÚs, GANSOS, CÃES DOMESTICOS, etc., sendo todos vendidos por preços de occasião, isto é, segundo a maior ou menor procura. A opulenta fauna do Brasil é, podemos dizer uniforme em quasi todos os estados, etc.»!

.....  
Não quero fazer mais agua na bocca dos Srs. Socios do Club dos Caçadores. Nos processos das caçadas elles verão, admirados, o *levante*, chamado *acuação*; a caçada de pacas feita com *bassets*, a de veados com "galgos de puro sangue" o *perdigueiro movendo mollemente o corpo e a cauda* quando amarra a perdiz; cousas em fim capazes de mostrar, na arte de Santo Humberto, o Snr. Benedicto mais herege do que foi Tartarin de Tarrascon.

Passemos a outro assumpto que não precize de padroeiro.

## PELLES

Quem gastou tantas paginas em citar quasi toda a nomenclatura zoologica no capitulo da caça, bem poderia ter d'ella retirado o muito que lá disse, sem oportunidade, para aquelle que agora se analysa.

(1) A caça no Brasil Central.

O autor cita os seguintes animaes:

O ratão (de que diz haver cinco fabricas só no Rio de Janeiro para aproveitamento da pelle d'esse animal).

A lebre, o coelho, o carneiro, as onças, as antas, os porcos do matto, as lontras, os taman duás e os veados, o lobo, os gatos do matto e ar iraras e os macacos.

Mas, depresa vemos a seguinte resalva:

Os pellos de Lebres e Coelhos são *importados* de França, Inglaterra, Belgica e Alemanha, isso devido a *existir ainda certo atrazo no preparo em nossas fabricas*.

As respectivas directorias que agradeçam. Eu só pergunto. Onde vio, o autor, a Lebre no Brasil?

As suas estatisticas são esplendidas; ellas não permitem, de modo algum, uma idéa aproximada da mercadoria por especie.

O criterio que preside as suas deducções é lamentavel; Vejamos:

«As pelles de veado são muito procuradas, principalmente as dos chamados matteiros (nome em latim) que alcançam o *preço de 50\$000 por duzia* por serem, como affirmam os industriaes, *superiores ás dos outros veados* que são vendidas a 3\$000 e a 5\$000 CADA UMA.

Passemos ao capitulo dos

## OLEOS

Começa assim:

«Dos oleos de origem animal figura em primeiro plano, por sua incontestavel importancia, o DE PEIXE, conhecido pelo nome trivial de *azeite de peixe* e que constitue em muitos estados importante commercio local e de exportação. Esse producto nos é fornecido pelas diversas BALEIAS que com frequencia cruzam nossos mares, maxime pelo inverno. Os gigantescos CETACEOS assim denominados, acham-se scientificamente distribuido pelos generos *Balæna*, *Balænoptera*, *Megaptera*, *Epiodon*, *Hunterus*, *Cogia* *Physeter*, *Catodon* e *Berardius*».

Assim, para o autor, cetaceo é peixe.

Seja essa a sua opinião.—Mas onde foi que leu que as nossas Baleias são todos aquelles "peixes" citados pelos generos?

E' verdade que o Snr. Goeldi escreveu:

«Cóm o seu extenso littoral, que alcança desde a Guyana Franceza até o Rio Grande do Sul, o Brasil tem também bom quinhão de grandes mamíferos aquáticos. Imaginemos uma linha traçada desde Cabo Verde até o de S. Roque e teremos uma secção do Oceano Atlantico formado de um lado pela America do Sul, pela metade meridional da Africa de outro, visitada por Cetaceos gigantescos que trazem na sciencia o nome dos generos Ba-

laena, Megaptera, Balaenoptera, Cogia, Physeter, Epiodon, Hunterus, Berardius e Catodon.»

Mas o proprio Snr. Goeldi, no seu livro, apenas diz:

«A baleia de que o Snr. Camara falla de-  
baixo do nome trivial de Belgado, é muito  
provavelmente a *Balaenoptera rostrata*, facil  
de conhecer pela lista branca transversal do  
lado superior da nadadeira peitoral. O cacha-  
lote que elle chama o mais valente e tambem  
o mais raro, não parece ser outra cousa sinão  
o *Catodon macrocephalus*.»

Não affirmou se quer, a existencia de um  
unico d'aquelles generos. — Entretanto poderia  
ter, pelo menos, ci-  
tado o genero Me-  
gaptera, visto como  
a que existe no Mu-  
seu, procedente de  
Paraty, foi por elle  
determinada, quan-  
do Sub-Director da  
Secção de Zoologia  
d'esse e estabeleci-  
mento.

Mas é que certa-  
mente elle tinha du-  
vidas sobre a sua  
determinação e não  
quizeo affirmar aerea-  
mente.

Quando em exer-  
cio das funcções de  
Naturalista daquela  
secção, pela remon-  
tagem do esqueleto,  
tive ordem de veri-  
ficar a determinação  
do Dr. Goeldi e  
acheia-a correcta, ne-  
cessitando apenas de

trocar o synonymo que elle empregára (Mega-  
ptera longimana) pelo nome que devia preva-  
lecer por mais antigo (*Megaptera boops*).

Porque o Museu possui dentes de cacha-  
lote de procedencia brasileira, pode-se affirmar  
que esta especie tambem se encontra no Bra-  
sil; assim como *Balaenoptera rostrata*, porque  
o Dr. H. Ihering constatou a presença de tal  
especie em Santos.

Ora ali está: Até 1907 — 3 especies e 3 ge-  
neros de "baleias" constatados no Brasil — eis  
tudo o que se pôde affirmar.

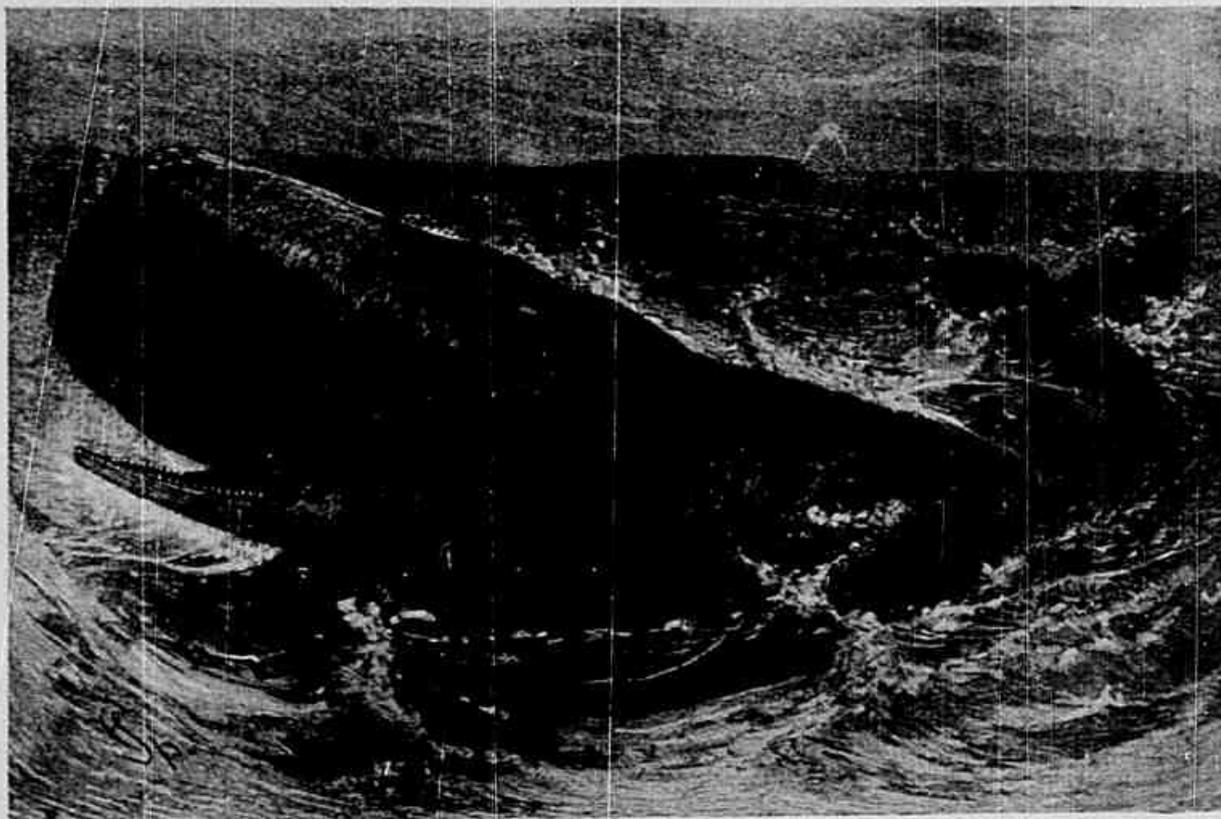
Assim procede quem tem noção do que seja  
"distribuição geographica" e "habitat" das es-  
pecies zoologicas.

Mas quem será esse senhor Camara acima  
citado? E' o Contra-Almirante da Armada An-  
tonio Alves Camara — cujo trabalho. — A pesca  
da Balêia na provincia da Bahia (1) o Snr.

Benedicto trasladou para as paginas 387 á  
390 do capitulo de — Oleos — do Brasil Indus-  
trial, tendo o cuidado não de citar o autor.

O Snr. José Verissimo, cujo nome é familiar  
á todos aquelles que leem no Brasil, escreveu  
um livro. — A pesca na Amazonia (1895) — em  
que se aprende com prazer todos os principaes  
processos de pesca daquela região.

Dizendo não ser um zoologo, procedeu  
como se o fosse pois que, na verdade e singe-  
leza de transmissão de impressões e seguran-  
ça de conceitos é que se vê amigo da Natu-  
reza — é no sentimento que está o naturalista;  
e se é certo que o trabalho e o estudo aper-



*Physeter macrocephalus*, de cuja cabeça se extrah o spermaceti e de cujo intestino o ambar cinzento.  
Grav. de Vogt.

feitoam-n'ó, abrindo-lhe o campo dos seus co-  
nhecimentos, não é menos verdade que se elle  
não possuir ambição desmedida de sentir a Na-  
tureza, não será mais que um ridiculo "Philo-  
sopho das pelles seccas", como dizia Fritz  
Muller, ou um papagaio sabio em nomes em  
latim. Além da pesca do pirarucú já citada,  
e outras mais, escreveu elle a pesca do  
peixe boi e a das tarturugas. Pois bem, as  
duas ultimas tambem lá foram para as pagi-  
nas 396 a 401 do Snr. Benedicto, desacompa-  
nhados do seu verdadeiro autor.

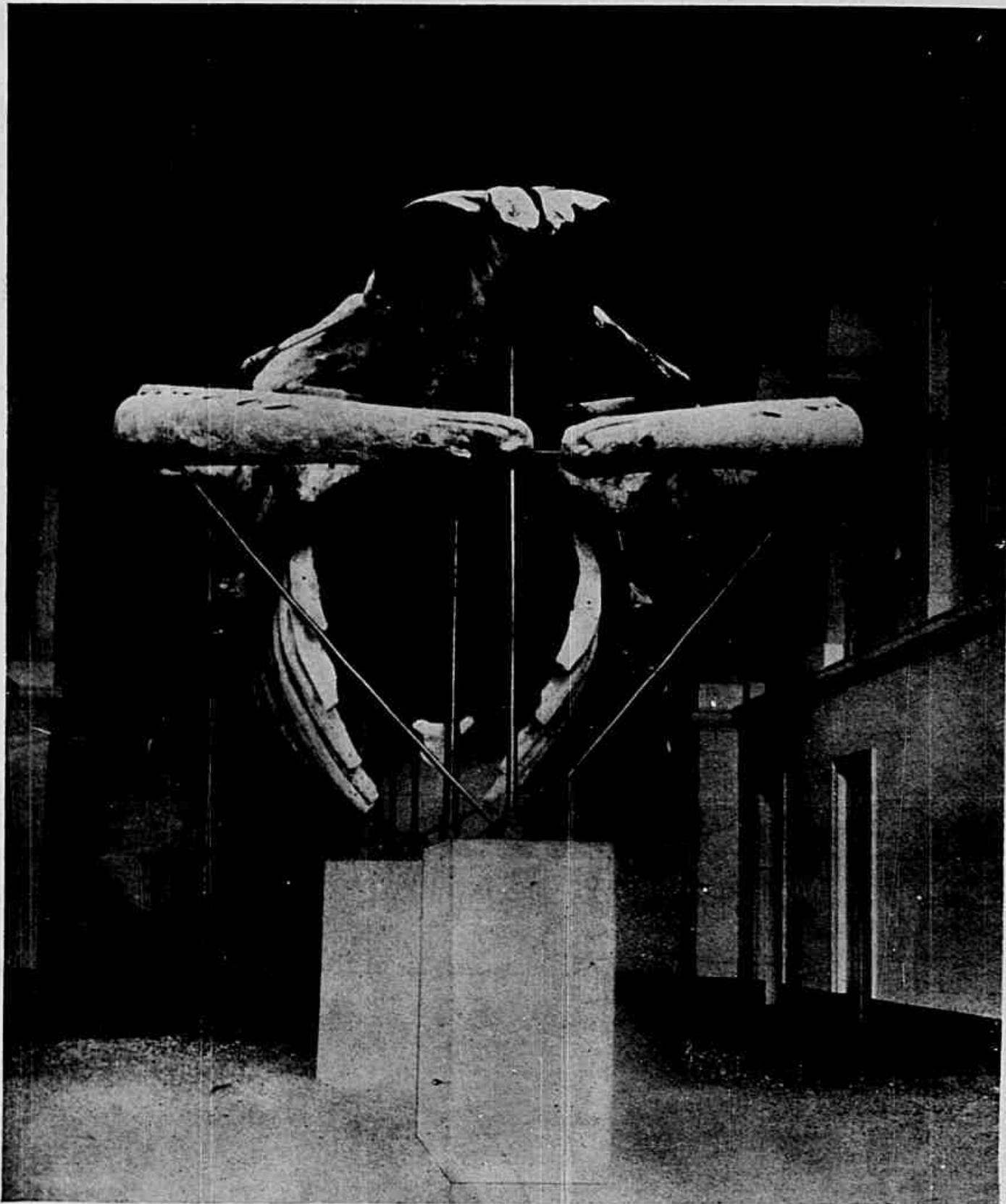
E' desnecessario proseguir. Resumido.

I — O autor copiou trabalho alheio.

II. — Addicionou á essa copia uma serie de  
dislates que revelam absoluta falta de criterio,  
distribuindo a materia assim constituida por  
grupos á que deu titulos improprios.

Se pelo primeiro motivo eu precisava pro-  
testar, por ver trabalho meu tambem copiado,

(1) Revista da Soc. de Geographia do Rio de Janeiro. T. V — 1 — 1880.



Esqueleto de Jubarte (MEGAPTERA BOOPS) das collecções do Museu Nacional

não seria patriotico deixar correr mundo o que éra fructo exclusivo da sua cerebração, pretendendo exprimir *o que somos* nós brasileiros, n'um livro de propaganda official, impresso sob as illudidas vistas do governo.

Portanto, só precisaria referir-me aos tres ultimos capitulos, especialmente os que tratam de "*colla*" e de "*pennas*" — na maioria de pavão para recommendar-lhe que nunca mais fi-

zesse uso de semelhante material, quando sahisse a publico, em se occupando de zoologia applicada.

Mas ....creio que será esse, d'ora á vante, o seu primeiro cuidado.

Rio — Novembro de 1907.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.

# LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

**Extracções ás 2<sup>1</sup>/<sub>2</sub> e aos Sabbados ás 3 horas**

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

## Grande e extraordinaria Loteria do Natal

**SABBADO, 21 DO CORRENTE**

173-1

Por 31\$500 **500:000\$000** Por 31\$500

CAIXA POSTAL N. 41

**38 — Rua Primeiro de Março — 38**

**RIO DE JANEIRO**

Agentes **NAZARETH & C.**

Rua Nova do Ouvidor, 10



**Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS**

Envia-se franco o Catalogo  
VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :  
Srs. LEVY IRMAOS & C<sup>a</sup>, em *Pelotas*.  
Sr. ISIDORO MARX, em *Porto-Alegre*.  
E NOS PRINCIPAES BAZARES.

## EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

*Medeiros e Albuquerque*

No Extremo Oriente

*Cap. Moreira Guimarães*

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

**J. SCHMIDT**

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

RIO DE JANEIRO